

**MATEUS TREVISAN FRANÇA**

**PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO BASQUETEBOL NA  
CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1960-1980): MEMÓRIAS  
CLUBÍSTICAS**



**CURITIBA**

**2015**

**MATEUS TREVISAN FRANÇA**

**PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO BASQUETEBOL NA  
CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1960-1980): MEMÓRIAS  
CLUBÍSTICAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física do programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**França, Mateus Trevisan.**

**Processos de constituição do basquetebol na cidade do Rio Grande/RS (1960-1980): memórias clubísticas / Mateus Trevisan França - Curitiba, 2015.  
130f ; il. ; color. ; 29cm.**

**Inclui bibliografia**

**Orientador: Wanderley Marchi Júnior.**

**Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná.**

**1. Basquetebol- Rio Grande do Sul/Brasil. 2.Sociologia do esporte. 3. História do esporte. 4. Memórias. I. Título**

**796.323**

**F815**

ADALIR DE FATIMA PEREIRA  
BIBLIOTECÁRIA



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



## TERMO DE APROVAÇÃO

MATEUS TREVISAN FRANÇA

### **“Processos de constituição do basquetebol na cidade do Rio Grande/RS (1960-1980): memórias clubísticas”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Esporte, Lazer e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior  
Presidente/Orientador

Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli  
Membro Interno

Professor Dr. Luiz Carlos Rigo  
Membro Externo

Curitiba, 25 de Março de 2015.

A todos os veteranos do basquetebol riograndino vivos ou que fizeram parte desse trabalho através das memórias dos seus companheiros.

## AGRADECIMENTOS

Um agradecimento é o ato ou o efeito de agradecer, como consta nos dicionários de língua portuguesa moderna, esse ato, dito dessa forma é objetivo, simples e por vezes mecânico. Acredito que na forma dessa dissertação o agradecimento deva ser feito da maneira mais formal possível, porém em alguns casos transparecendo sentimentos e emoções que fazem parte de um processo pessoal, apesar desse produto ser uma construção coletiva.

Dessa forma meu primeiro agradecimento é fruto de um sentimento que foi minha maior descoberta dos últimos anos e que começou mesmo antes de entrar no mestrado, **o amor!** Meu primeiro e mais importante agradecimento é pro meu amor, minha esposa Tatiana que me acompanhou e esteve sempre ao meu lado durante todo o processo dissertativo e que é a pessoa mais importante na minha vida desde que nosso relacionamento começou. Não menos importante é o agradecimento seguinte, dirigido aos nossos filhos, nossos cuscus, Duizinho e Belinha que aguentaram nossos humores nesse momento de estresse e a mais nova integrante de nossas vidas a cusquinha Chérie, que chegou ao fim desse processo, mas que conferiu nova potência à escrita desse trabalho.

Agradeço muitíssimo aos meus pais Carmem Trevisan e Donaldo França pelas possibilidades formativas e de caráter que me deram e por me apoiar apesar de tudo. Ao meu mano, meu irmão Tomás que é meu querido e que serve de motivação no meu caminho.

Ao Jamil que me recebeu sempre que pode e que não pôde em sua casa, aos cinemas, aos cafés, aos livros e às diversões juntos. Mas um agradecimento especial pela nossa amizade que, dos anos que passamos em Curitiba, com certeza és o amigo do qual mais sinto saudades, espero que possamos manter esse sentimento apesar da distância. Muito obrigado!

A Thayz e o Alisson amigos que me receberam no período de transição para Pelotas, vocês foram e são muito importantes pra mim muito obrigado pela acolhida, sei que é difícil alterar nossa rotina em detrimento dos outros. Muito obrigado por tudo!

Ao Germano, nosso amigo e professor de francês, pela amizade e parceria, pelas conversas e pela paciência, sei que deve ter sido difícil se deslocar de São José para nossas aulas, mas com certeza tua contribuição vai além desse trabalho, as portas que abriste através do idioma marcaram uma mudança fundamental em minha vida, por isso, muito obrigado!

A Rita e o André, companheiros de viagem e amigos de almoços e jantares durante nossa estada em Curitiba. Sem dúvidas aprendi muito com vocês dois, vocês mostraram coisas das quais jamais teria conhecimento sem nossa amizade. Muito obrigado.

São poucas as pessoas que possuem a virtude da liderança e quero deixar aqui um registro de agradecimento maiúsculo ao homem que sem me conhecer abriu as portas e me recebeu em seu grupo de orientação e que sem dúvidas é um exemplo de seriedade, profissionalismo e de liderança, agradeço ao professor Wanderley Marchi Júnior por ter orientado esse trabalho de maneira sempre reta.

Acredito que a força de um grupo são as pessoas que dele fazem parte, por isso agradeço ao nosso grupo: Leila, Ana, Juliano, Gilmar, Marcelo, Cristian, Fernando Dandoro, Taiza e Bárbara. Certamente estabelecemos uma relação de trabalho muito sério e comprometido nesses dois anos e sou muito grato a tudo que me foi dito em nossos encontros.

Aos colegas de mestrado Taiza, Cristian e Marcelo, agradeço o companheirismo nas disciplinas que cursamos juntos e às conversas nos pós-aulas que contribuíram muito com o trabalho.

Ao Juliano agradeço pelo tempo e atenção dispensados discutindo, via internet, meu trabalho tentando aproximar meu trabalho de uma visão mais sociológica, explicando e discutindo os conceitos de Norbert Elias e indicando seus textos para auxiliar na minha escrita, obrigado Juliano.

Agradeço aos professores do programa de pós-graduação em Educação Física da UFPR com os quais tive a oportunidade de aprender nas disciplinas e fora delas e aos professores de outros programas da instituição, por terem aceitado minha participação em suas disciplinas, certamente esse trabalho não teria ocorrido sem a contribuição de vocês.

Aos colegas de todas as disciplinas, por terem muitas vezes acalorado as discussões de textos e ampliado o alcance dos autores que estudamos juntos, obrigado.

Ao blog papareia através da Mamélia por ter cedido a maioria das imagens desse trabalho agradeço muito a tua ajuda e a todos que enviam suas fotografias ao blog, vocês ajudaram muito no produto final dessa dissertação. Obrigado.

Ao meu pai Donaldo França que abriu portas e apontou contatos com entrevistados. Agradeço muito, teu esforço foi de imensa ajuda Cuclas!

Ao meu tio Márcio França que conseguiu fotografias de seu acervo pessoal para somar a esse trabalho, muito obrigado Maguinga!

Aos basqueteiros veteranos que dispuseram de seu tempo para fornecer seus relatos, muito obrigado. Essa dissertação é, em grande parte, de vocês também.

Por fim agradeço à UFPR que proporcionou esse aperfeiçoamento gratuito e a CAPES por ter subsidiado a bolsa sem a qual esse processo teria sido muito mais complicado, muito obrigado.



Nosotros, de un vistazo, percibimos tres copas en una mesa; Funes, todos los vástagos y racimos y frutos que comprende una parra. Sabía las formas de las nubes australes del amanecer de 30 de abril de 1882 y podía compararlas en el recuerdo con las vetas de un libro en pasta española que sólo había mirado una vez y con las líneas de la espuma que un remo levantó en el Río Negro la víspera de la acción de Quebracho. Esos recuerdos no eran simples; cada imagen visual estaba ligada a sensaciones musculares, térmicas, etcétera. Podía reconstruir todos los sueños, todos los entresueños. Dos o tres veces había reconstruido un día entero; no había dudado nunca, pero cada reconstrucción había requerido un día entero. Me dijo: “Más recuerdos tengo yo solo que los que habrán tenido todos los hombres desde de que el mundo es mundo”. Y también: “mis sueños son como la vigilia de ustedes”. Y también, hacia el alba: “Mi memoria, señor, es como vaciadero de basuras”. Una circunferencia en un pizarrón, un triángulo rectángulo, un rombo, son formas que podemos intuir plenamente; lo mismo se pasaba a Irineo con las aborascadas crines de un potro, con una punta de ganado en una cuchilla, con el fuego cambiante y con la innumerable ceniza, con las muchas caras de un muerto en un largo velorio. No sé cuántas estrellas veía al cielo.

Esas cosas me dijo; ni entonces ni después las he puesto en duda. En aquel tiempo no había cinematógrafos ni fonógrafos; es, sin embargo, inverosímil y hasta increíble que nadie hiciera un experimento con Funes. Lo cierto es que vivimos postergando todo lo postergable; tal vez todos sabemos profundamente que somos inmortales y que tarde o temprano, todo hombre hará todas las cosas y sabrá todo.  
(Jorge Luis Borges)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Funes el memorioso. In Obras completas 1 (1923-1949). (2011, pp. 784-785).

## RESUMO

A presente dissertação construiu uma reflexão histórico-sociológica sobre o basquetebol riograndino entre as décadas de 1960 a 1980, dividindo-se em duas partes principais. Na primeira parte da dissertação, tratamos de apresentar nossas ferramentas sociológicas, sejam elas, o olhar sociológico configuracional com o qual nos cercamos para a análise dos dados empíricos; o delineamento do conceito de *ethos*, com o qual estreitamos nosso olhar para a leitura das entrevistas e, por fim, terminamos na sóciogênese de pequenos grupos, ou seja, utilizamos conceitos mais amplos de leitura da sociedade, para observarmos uma micro configuração. Todos esses conceitos pertencem ao sociólogo alemão Norbert Elias. Na segunda parte da dissertação, apresentamos a sociedade sul-rio-grandense e riograndina de maneira mais ampla, através de uma contextualização histórica da cidade do Rio Grande desde sua fundação, até meados do século XX onde inserimos nossa pesquisa. Logo após essa introdução histórico-geográfica, apresentamos os indivíduos que fizeram parte da pesquisa para introduzirmos a análise de suas memórias e das fotografias da época, que em parte ilustram o momento histórico do qual falamos e em parte circunscrevem a discussão da configuração que montamos para nossa pesquisa. Estabelecida nossa teia de interrelações entre os clubes e jogadores de basquetebol e a sociedade riograndina, interligamos fatos e acontecimentos históricos contados pelos atletas e pelas imagens, com as discussões sociológicas de *ethos* e sóciogênese, bem como, das discussões de memória. Ainda nessa segunda parte da dissertação delineamos o que acreditamos ser o *ethos* riograndino da época, através do sentimento de coesão dos clubes de basquetebol e uma parcela da população da cidade. O foco central de análise desses sentimentos foram os relatos dos atletas, que explicitaram uma relação ainda latente entre o basquetebol e a época foco da pesquisa. Por fim apontamos para elementos miméticos estabelecidos entre a sociedade e o basquetebol local, através dos sentimentos de pertencimentos apresentados pelos grupos estudados, bem como as ressonâncias presentes nas entrevistas e evocações daqueles que viveram esta história.

Palavras-chave: Basquetebol Rio Grande/Brasil. Memória. Sociologia do esporte. *Ethos*. História do esporte.

## ABSTRACT

This work built a historical-sociological reflection on the riograndino basketball between the decades from 1960 to 1980, divided into two main parts. In the first part of the dissertation, we try to present our sociological tools, whether the configurational sociological perspective with which we surround ourselves to the analysis of empirical data; the design of the concept of *ethos*, with which narrowed our eyes to read the interviews and, finally finished in the sociogenesis of small groups, that is, we use broader concepts of society of reading, to observe a micro configuration. All these concepts belong to the German sociologist Norbert Elias. In the second part of the dissertation, we present the society sul-rio-grandense and riograndina more broadly, through a historical overview of Rio Grande from its foundation until the mid-twentieth century where we insert our research. Soon after this historical-geographical introduction, we present the individuals who participated in the survey to introduce the analysis of their memories and photographs of the time, partly illustrate the historical moment we speak and partly circumscribe the discussion of configuration that we set up for our research. Established our web interrelationships between clubs and basketball players and the riograndina society, we linked facts and historical events told by athletes and the images, with the sociological discussions of *ethos* and sociogenesis, as well as the memory discussions. Also in this second part of the dissertation outline what we believe is the riograndino *ethos* of the time, through the sense of cohesion of basketball clubs and a portion of the city's population. The central focus of analysis of these feelings were reports of athletes who expressed a still latent relationship between basketball and the time the research focus. Finally we point to mimetic elements established between the local society and basketball through the feelings of belongings submitted by studied groups as well as the resonances present in the interviews and evocations of those who lived this story. .

Keywords: Basketball Rio Grande/Brasil. Memory. Sociology of sport. *Ethos*. Sports history.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
1.1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	18
1.2 MODELO DE ANÁLISE CONFIGURACIONAL	28
1.3 CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA ORAL	30
1.4 PLANO DE REDAÇÃO	33
<b>2. PRIMEIRA PARTE: CONFIGURAÇÕES, ETHOS E GRUPOS</b>	34
2.1 OLHAR SOBRE AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS	35
2.2 CARACTERIZANDO O ETHOS	42
2.3 O <i>ETHOS</i> DO BASQUETEBOL RIOGRANDINO	50
<b>3. SEGUNDA PARTE: O BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS ANOS DE 1960, 1970 E 1980: “DÉCADAS DA EFERVESCÊNCIA”</b>	55
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CIDADE DO RIO GRANDE	56
3.2 IMAGENS E ORALIDADE: INTERLOCUÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO BASQUETEBOL RIOGRANDINO	63
3.2.1 Os entrevistados	63
3.2.2 Relatos orais e fotografias como instrumentos para evocações da memória esportiva na cidade do Rio Grande/RS	67
3.3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E <i>ETHOS</i> : O FIM DO JEITO RIOGRANDINO DE JOGAR BASQUETEBOL?	95
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	111
<b>REFERÊNCIAS</b>	116
<b>APÊNDICE A</b>	124
<b>ANEXO A</b>	127

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho busca no viés histórico apresentar o basquetebol como modalidade esportiva emergente. Para tanto explicitaremos a história em torno da invenção do basquetebol, reconhecida oficialmente, que perpassa o século XIX. James Naismith, professor de Educação Física em um colégio da Associação Cristã de Moços (A.C.M.) de Springfield Massachussets, por volta de 1891 implantou com êxito a prática de esportes na instituição. Anteriormente, houve problemas na prática de esportes de inverno, esses problemas ocorreram porque a maioria dos esportes eram praticados em espaços abertos, ou seja, eram praticados nas estações moderadas e quentes. Alguns alunos praticantes das modalidades esportivas de verão, que envolviam desafios físicos e intelectuais, não aceitavam às opções esportivas, sobretudo as calistênicas, que eram propostas para locais fechados no inverno (NAISMITH, 1996).

Os equívocos foram percebidos a partir da especialização dos professores de Educação Física em torno da aplicação da ginástica e o conseqüente desinteresse de uma das turmas, que era formada por jogadores de baseball e futebol americano. Assim, o professor Naismith foi instigado por seu supervisor a propor aulas menos monótonas que a ginástica e que pudessem ser praticadas em espaços fechados durante o inverno rigoroso do local (NAISMITH, 1996).

Naismith, incitado por seu supervisor Dr. Gulick, assume então a “turma problema”, ambos vinham discutindo a questão de quais esportes poderiam ser ofertados no inverno, pois os jovens tornavam-se mais exigentes ao longo do século XIX à medida que conheciam o futebol americano e o baseball (NAISMITH, 1996).

O estímulo lançado pelo Dr. Gulick dizia respeito a esses diálogos e ao descontentamento de Naismith com o sistema de ensino proposto pela instituição. Desse modo, o professor Naismith, em seu primeiro ano de ensino da Educação Física obteve um duplo desafio: criar um jogo menos violento que

pudesse ser jogado em locais fechados ou abertos e que ainda estimulasse os alunos.

Após a alternativa sem sucesso de Naismith, que envolveu a adaptação do futebol americano, do baseball, do soccer (futebol inglês) e do lacrosse<sup>2</sup> para locais fechados, Naismith buscou na filosofia e nos preceitos básicos de outros esportes o seu referencial, isto é, os objetivos de seu novo esporte e o tipo e tamanho da bola (NAISMITH, 1996).

Com isso delimitado, ele pensou em uma maneira de evitar a violência, já que havia proposto um jogo com uma bola que deveria ser manuseada como no futebol americano, em que o contato físico era necessário para deter o ataque adversário. Também propôs que o jogador de posse da bola não poderia correr com ela, mas, em contrapartida a bola poderia ser passada ou rebatida em qualquer direção do campo de jogo com as mãos abertas para evitar acidentes (NAISMITH, 1996).

Outro ponto crítico aonde poderia ocorrer violência seria no momento de marcar o ponto, como no futebol americano, aonde a defesa fica em frente à linha de pontuação e o contato físico se tornava normal, para isso a orientação do objetivo não deveria mais ser horizontal, mas sim vertical e em um nível superior aos dos braços levantados dos jogadores, sendo os alvos suspensos (NAISMITH, 1996).

Com a ajuda de um zelador da escola, que forneceu sua única opção para os alvos, dois cestos de pêssegos, que apesar de pequenos para quem nunca havia praticado o esporte, serviram como desafio e teste para o novo esporte criado. No dia de sua aula, Naismith escreveu as primeiras regras do novo jogo e pediu que a secretária da escola as redigisse de maneira mais “oficial”. Como a ideia do jogo baseava-se no manuseio da bola e não de longos lançamentos a opção escolhida foi pela bola de futebol inglês. O primeiro teste demonstrou algumas dificuldades de adaptação, mas logo o jogo já havia se espalhado, os alunos gostaram do jogo e o levaram às suas casas

---

<sup>2</sup> Esporte jogado em um campo com técnica e equipamentos similares ao hóquei de grama, porém ao invés de utilizar tacos para golpear a bola utilizam-se tacos com um saco na ponta e a bola deve ser arremessada entre os jogadores e para o gol. O contato físico nessa modalidade é muito intenso.

e durante o recesso de fim de ano letivo realizaram a adaptação ao novo jogo<sup>3</sup> (NAISMITH, 1996).

Assim Naismith (1996, p.34) descreveu o processo de criação do basquetebol: “O fato de que este foi atribuído a nós como um problema levou à declaração, por vezes feita, que o basquetebol foi inventado em uma noite. Mas, foram muitas semanas depois que o basquetebol, na verdade, veio à existência”. (Tradução nossa)<sup>4</sup>.

Em março do ano letivo seguinte, com a autorização do Springfield College, se realizou o primeiro jogo oficial de basquetebol<sup>5</sup> no ginásio Armony Hill, os alunos venceram os professores pelo placar de cinco a um<sup>6</sup>.

O novo esporte chegou ao Brasil no ano de 1894. O professor Augusto Shaw foi convidado a trabalhar no Colégio Mackenzie em São Paulo, ele era formado em artes, e trouxe consigo uma bola de basquetebol. O basquetebol curiosamente espalhou-se primeiramente entre as alunas da escola, o que configurou um problema na aceitação entre os alunos que somente foram jogar e formar sua primeira equipe em 1896<sup>7</sup>.

O basquetebol começa sua maior difusão e aceitação no Brasil a partir do início dos anos 1900 através dos professores Oscar Thompson, da Escola

---

<sup>3</sup>Para mais informações, ver também: BETRÁN, J. O. Gènesi i etapes evolutives del bàsquet com a esport contemporani. Taules cronològiques (1891-1992). *Apunts*, n. 34, p. 6–42, 1993. E ARCERI, M.; BIANCHINI, V. **La leggenda del basket**. Milano: Dalai Editore, 2004.

<sup>4</sup>“The fact that this was assigned to us as a problem has led to the statement sometimes made that basketball was invented in one night. It was many weeks later that basketball actually came into existence.” Naismith (1996, p.34).

<sup>5</sup>O nome do novo esporte inicialmente era Naismithball, porém quando houve a efetivação do jogo entre os alunos da escola um deles fez a sugestão de basketball, que literalmente significa bola e cesto, fazendo referência ao cesto de pêssegos utilizados inicialmente como alvos e a bola utilizada para acertar os cestos (NAISMITH, 1996).

<sup>6</sup> Para mais informações, ver: A HISTÓRIA (2013).

<sup>7</sup>Para mais informações, ver: O BASQUETE (2013); PASTRE, T. G. F. DE L. **O basquetebol veterano do Paraná: a formação de grupos e instituições social**. 2006. Universidade Federal do Paraná, 2006. 126f. E VIEIRA, I. A. **“DELICADEZA E ESPIRITO DE GRUPO”: O BASQUETEBOLO COMO INVENÇÃO CULTURAL**, 2009. Universidade Federal do Ceará. 2006. 176f.

Nacional de São Paulo, e Henry Sims da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro<sup>8</sup>.

No Rio de Janeiro acontecem os primeiros torneios de basquetebol e o primeiro clube carioca a adotar o basquetebol como modalidade foi o América por volta de 1913<sup>9</sup>. No Rio de Janeiro ocorre também a fundação da Federação Brasileira de Basquetebol em 1933, que em 1946 adotou o nome de Confederação Brasileira de Basquetebol, nomenclatura utilizada até os dias atuais<sup>10</sup>.

O estado do Rio Grande do Sul recebeu o basquetebol de maneira um pouco diferente dos estados anteriormente citados. Segundo fontes orais e documentais<sup>11</sup>, esse esporte surgiu através dos sócios dos clubes esportivos que viajaram para a América do Norte, conheceram a prática na década de 1920, e, por volta de 1921 o basquetebol chega ao Rio Grande do Sul na cidade do Rio Grande. Essa versão não é precisa historicamente e não é nossa intenção apresentar um começo histórico para a modalidade no estado, porém Brauner (2010, p. 32) argumenta sobre um possível começo da modalidade na cidade de Porto Alegre mais ou menos no mesmo período em que chega na cidade do Rio Grande. Esse autor descreve: “Historicamente os clubes esportivos foram os responsáveis pela disseminação das práticas esportivas formais na cidade [...] Estamos falando de meados dos anos 1920”.

---

<sup>8</sup>Para mais informações, ver: O BASQUETE (2013); PASTRE, T. G. F. DE L. **O basquetebol veterano do Paraná: a formação de grupos e instituições social**. 2006. Universidade Federal do Paraná, 2006.126f. E VIEIRA, I. A. **“DELICADEZA E ESPIRITO DE GRUPO”: O BASQUETEBOL COMO INVENÇÃO CULTURAL**, 2009. Universidade Federal do Ceará. 2006. 176f.

<sup>9</sup>Para mais informações, ver: O BASQUETE (2013); PASTRE, T. G. F. DE L. **O basquetebol veterano do Paraná: a formação de grupos e instituições social**. 2006. Universidade Federal do Paraná, 2006.126f. E VIEIRA, I. A. **“DELICADEZA E ESPIRITO DE GRUPO”: O BASQUETEBOL COMO INVENÇÃO CULTURAL**, 2009. Universidade Federal do Ceará. 2006. 176f.

<sup>10</sup> Para mais informações, ver: O BASQUETE (2013).

<sup>11</sup> JORNAL RIO GRANDE. Cidade do Rio Grande introdutora do Basket-Ball no Estado. JornalRio Grande. Rio Grande-RS, nº 176, p.7. 17/07/1962.



O que se torna, de imediato, importante para essa pesquisa consiste em salientar que o basquetebol riograndino<sup>12</sup> é um dos mais antigos do estado do Rio Grande do Sul e que através dos seus clubes<sup>13</sup> esportivos contribuiu significativamente para a disseminação do esporte e entre eles, o basquetebol. Os clubes esportivos que tem relevância na história esportiva da cidade do Rio Grande foram o Clube de Regatas Rio Grande, o Sport Club São Paulo, o Sport Club Rio Grande, o Clube Náutico Honório Bicalho e o Ipiranga Atlético Clube.

No caso desse estudo sobre a constituição do basquetebol em Rio Grande optamos por dois clubes esportivos que foram fundamentais para a implantação e disseminação desse esporte na cidade. Os clubes escolhidos foram o Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G.) e o Ipiranga Atlético Clube (I.A.C.).

O Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G.) foi o primeiro clube a implantar a prática do basquetebol entre seus sócios. Na atualidade, mantém um time de ex-atletas que jogam o basquetebol.

Já o Ipiranga Atlético Clube (I.A.C.) tem significativa relevância para esse estudo porque durante aproximadamente três décadas obteve o apoio financeiro da refinaria de petróleo Ipiranga S/A. Essa espécie de patrocínio conferiu à equipe de basquetebol do I.A.C. grande destaque no cenário esportivo municipal e estadual.

O que ambos os clubes esportivos possuem em comum são que as suas equipes, entre os anos de 1967 e 1976, conquistaram três títulos estaduais na categoria adulto masculino de basquetebol categorias com as quais trabalharemos preferencialmente. Outros clubes esportivos da cidade também foram importantes para a demarcação da relevância do basquetebol.

---

<sup>12</sup>O termo riograndino faz referência às pessoas nascidas na cidade do Rio Grande.

<sup>13</sup> Esses e outros vestígios surgiram em um trabalho de minha autoria intitulado “*Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)*”. Para mais detalhes, ver: FRANÇA, M. T. **Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009.

Nesse trabalho daremos maior enfoque as décadas de 60, 70 e 80 do século XX<sup>14</sup>, por entender esse período histórico, segundo fontes orais, como a época de maior efervescência do basquetebol na cidade do Rio Grande em termos de obtenção de títulos esportivos<sup>15</sup>.

Dessa maneira, a descrição dos processos e disputas que constituíram a comunidade riograndina através do basquetebol serão problematizadas a partir da abordagem configuracional de Norbert Elias (1993; 2011). A discussão da constituição do basquetebol na cidade do Rio Grande, a partir de uma abordagem configuracional, pretende descrever os processos de integração social pelo qual a cidade do Rio Grande passou através do basquetebol local.

Assim sendo o problema que definimos para esse estudo é: **Quais são as possíveis interrelações e interdependências estabelecidas entre o basquetebol e a sociedade riograndina no período de 1960 a 1980 a partir da memória de seus ex-atletas?**

Nosso objetivo geral é: Compreender quais são as possíveis interrelações e interdependências estabelecidas entre o basquetebol e a sociedade riograndina no período de 1960 a 1980 a partir da memória de seus ex-atletas.

Para nos auxiliar na conclusão de nosso objetivo geral, estabelecemos como objetivos específicos: Apresentar contexto histórico-social do basquetebol no Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul e na cidade do Rio Grande; Analisar as memórias dos ex-atletas para a compreensão da história local do basquetebol e sociedade, suas instituições e relações mútuas; Identificar as relações estabelecidas e características peculiares da sociedade riograndina no período de 1960 a 1980;

---

<sup>14</sup> Entre os anos de 1967 e 1976 a cidade do Rio Grande foi tri campeã estadual adulta de basquete, primeiramente com o Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G, 1967-1973) e posteriormente com o Ipiranga Atlético Clube (I.A.C, 1976), assim como o Clube de Regatas Rio Grande também sagrou-se campeão do interior do estado do Rio Grande do Sul em 1970, e o Clube Almirante Barroso foi vice-campeão estadual na década de 70 (FRANÇA, 2009).

<sup>15</sup> Para mais informações, ver: FRANÇA, M. T. **Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009.

Propomos a justificativa dessa pesquisa em três vertentes, essas vertentes serão explicadas a partir de escolhas que envolvem aspectos vinculados ao pessoal, ao social e ao acadêmico.

Primeiramente existe uma multiplicidade de aproximações pessoais com o tema dessa pesquisa, isso se evidencia em maior grau por eu ter jogado como atleta amador de basquetebol nas décadas de 1990 e 2000, o que aproxima e facilita o estudo e interesse por essa modalidade. Do ponto de vista sociológico, existe um conhecimento dos meandros, das linguagens, dos hábitos, do andamento dos jogos, e, por consequência das possíveis configurações formadas e dos enredos do esporte.

Outro acontecimento pessoal relevante nesse processo foi o fato de meu pai ter sido jogador de um dos clubes esportivos desse estudo, o Ipiranga Atlético Clube (I.A.C.). Também, parte de minha família paterna reside na cidade do Rio Grande até os dias atuais, o que me permitiu conhecer a configuração que envolve a modalidade nessa cidade. Essa configuração contempla suas lendas, histórias, ícones, personagens, controvérsias, etc, que tornaram o basquetebol local um meio privilegiado para a compreensão da sociedade riograndina.

Amparado nos aspectos sociais outro ponto a ser salientado diz respeito aos fortes traços culturais que relacionam a cidade mais antiga do estado do Rio Grande do Sul<sup>16</sup> a seus clubes esportivos, também muito antigos. O entrelaçamento entre a história cultural da cidade do Rio Grande e os acontecimentos e conquistas esportivas, traçaram uma história esportiva-cultural relevante. Nesse trabalho o termo cultura e suas derivações terão o significado adotado por Schneider apud Laraia (1986, p. 64-65):

Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modo de comportamento. O status epistemológico das unidades ou 'coisas' culturais não depende da sua observabilidade: mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais.

---

<sup>16</sup> A cidade do Rio Grande foi oficialmente fundada em 19 de fevereiro de 1737 pelo Brigadeiro José da Silva Paes, hoje com 275 anos tem uma população de 197.228 habitantes e encontra-se 333 km distantes da capital do estado, Porto Alegre (IBGE, 2013).

A contribuição do autor está em compreender uma época impossível de transpor para o presente e por isso “morta”, mas que será evocada para compreendermos o presente. Compreendemos que na atualidade, a história esportiva da cidade foi deixada em segundo plano, tanto pela população, como pelas instituições responsáveis pela elaboração e implementação de políticas esportivas. Assim, as memórias, do esporte e em especial do basquetebol foram se perdendo com o passar do tempo.

Do ponto de vista acadêmico, as pesquisas disponibilizadas sobre o basquetebol, em sua grande maioria, dizem respeito a elementos táticos, técnicos e fisiológicos desse esporte, deixando às análises históricas e sociológicas sobre o tema com lacunas que tentaremos, com este trabalho, começar a preencher.

A reunião de acontecimentos e das memórias de indivíduos que vivenciaram e construíram o distinto momento histórico nesta cidade do interior do Brasil serve para compreender a história específica e local, que por vezes, poderá ser considerada sem validade por não se tratar de um episódio da historiografia tradicional. Esta pesquisa conterà informações, análises e discussões sobre a história esportiva do município do Rio Grande/RS, assim como também sobre a história do basquetebol no Brasil, trazendo contribuições para diversas áreas do conhecimento, como a História do Esporte e da Educação Física no Brasil, a Sociologia do Esporte, entre outras áreas.

Os caminhos constituídos pelo basquetebol na cidade do Rio Grande/RS permitirão a análise das proporções deste esporte para a construção de uma memória coletiva<sup>17</sup>, memória formada por indivíduos que vivenciaram o esporte como fenômeno social local, estadual e nacional. O enfoque desse trabalho são os indivíduos que, de alguma maneira, contribuíram para que o basquetebol fosse um elemento cultural gerador de tensões, equilíbrios e desequilíbrios, tanto na comunidade esportiva, como na própria cidade do Rio Grande.

---

<sup>17</sup> HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

## 1.1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esse trabalho é caracterizado como uma pesquisa qualitativa. Haguete (1992, p. 63) descreve esse tipo de pesquisa como aquela que nos fornece: “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo<sup>18</sup> da ação social face à configuração das estruturas socioetais [...]”.

A pesquisa qualitativa nos fornece um instrumental capaz de nos aproximar de nosso objeto de pesquisa através da interação com a realidade estudada. Compreendemos que para estudar a história de grupos de pessoas vivendo em sociedade, influenciando e sendo influenciados pelas relações nela existentes, através das memórias daqueles que presenciaram fatos, momentos e sentimentos que não podem ser mensurados com precisão objetiva fora de seu exato contexto histórico e social, necessita da abordagem qualitativa. Nesse sentido, Haguete (1992, p. 64) descreve: “[...] observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta”.

Para efetivarmos nossa coleta de dados em concordância com o descrito pela autora acima mencionada realizamos seis entrevistas com ex-atletas. Três dos ex-atletas jogaram basquetebol no Ipiranga Atlético Clube e outros três no Clube de Regatas Rio Grande. Esse número de entrevistados foi escolhido por termos atingido a saturação dos dados (GLASSER, B. G.; STRAUSS, A. L., 1967) e termos identificado as configurações e interrelações entre o basquetebol e a cidade do Rio Grande através das memórias contidas nessas entrevistas. Nossos critérios de seleção desses entrevistados encontram-se baseados primeiramente no período histórico em que os atletas jogaram basquetebol, entre os anos de 1960 a 1980. A partir desse recorte temporal entrevistaremos dois ex-atletas que jogaram por um ou pelos dois clubes acima mencionados na década de 1960, dois que jogaram por um ou pelos dois clubes na década de 1970 e dois ex-atletas que jogaram por um ou

---

<sup>18</sup> O termo subjetivo nesse trabalho tem sentido somente como antônimo de objetivo.

pelos dois clubes na década de 1980. Essa escolha para a coleta de dados a partir de seis entrevistas baseia-se na intenção de obtermos informações diversas sobre a interação entre eles, esse critério foi adotado pensando que pode haver diferenças sociais no decorrer dessas três décadas, o que de certa forma caracterizariam configurações e interrelações formadas entre o basquetebol e a sociedade riograndina. Todos os entrevistados tiveram ciência sobre a pesquisa e seus objetivos e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido<sup>19</sup> sobre uso do conteúdo dessas entrevistas.

Haguete (1992, p. 86) descreve as entrevistas como: “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Realizaremos entrevistas semiestruturadas, que segundo Gomez (2006, p. 141):

As entrevistas semiestruturadas se baseiam em um guia de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de introduzir perguntas adicionais para precisar conceitos ou obter maiores informações sobre os temas específicos que vão aparecendo durante a entrevista.<sup>20</sup> (Tradução nossa).

Nosso roteiro<sup>21</sup> das entrevistas apresentará uma série de perguntas e tópicos-tema com possibilidades de respostas amplas por parte do entrevistado visando a obtenção do máximo de informações sobre o basquetebol e sobre a cidade do Rio Grande na época estudada e será registrada por um gravador digital para posteriormente ser transcrita.

Temos consciência de que a realidade é uma meta inatingível e que fazemos leituras do real a partir de vestígios, no caso desse estudo, vestígios históricos. Para tanto, as entrevistas nos servirão de vestígios do real na época estudada, tomando os cuidados científicos no tratamento desse material para a

---

<sup>19</sup>Anexo A.

<sup>20</sup> “Las entrevistas semiestructuradas se basan en una guía de asuntos o preguntas y el entrevistador tiene la libertad de introducir preguntas adicionales para precisar conceptos u obtener mayor información sobre los temas específicos que vayan apareciendo durante la entrevista.” (GOMEZ, 2006, p. 141).

<sup>21</sup>Apêndice A.

sua análise e utilização nessa pesquisa, principalmente no tocante a interpretação e caracterização dos dados subjetivos e objetivos fornecidos por nossos entrevistados (HAGUETE, 1992).

Por isso, levaremos em conta a “realidade objetiva” ou factual, que podem ser confirmados através de outros vestígios históricos nas falas de nossos entrevistados e as afirmações de natureza subjetiva ou sem possibilidades de comprovação, como fatos deixados a margem da história, mas que não possuem menos importância para a utilização nessa pesquisa. Contudo adotaremos alguns critérios para analisar os conteúdos subjetivos contidos nas entrevistas conforme o descrito por Haguete (1992, p. 89):

*a) motivos ulteriores*, ou seja, quando ele pensa que suas respostas podem influenciar positivamente sua situação futura [...]; *b) quebra de espontaneidade*, como a presença de outras pessoas por ocasião da entrevista ou inibições ocasionadas por certas características do entrevistador, como sexo, raça educação ou classe social [...]; *c) desejo de agradar* o pesquisador, especialmente quando ele percebe suas orientações ou posicionamentos; *d) fatores idiossincráticos*<sup>22</sup> tais como fatos ocorridos no intervalo entre as entrevistas que eventualmente alteram a atitude do entrevistado em relação ao fenômeno observado.

Nossa postura de interpretação dessas entrevistas possui relação com os pressupostos descritos pela História Oral, metodologia que não propõe a verdade como uma coisa fixa e que deva ser acessada com o intuito de desvendar mistérios. Optamos por utilizar a História Oral sob a perspectiva metodológica concordando com Amado e Ferreira (2006); Lozano (2006); Ferreira; Amado e Alberti (2000).

A História Oral possibilita procurar vestígios sobre formas de expressão locais através da tradição oral, nesse caso, do basquetebol na cidade do Rio Grande. François (2006) escreve a respeito da fecundidade de fontes orais quando relata sobre pesquisas em torno de contos populares na Alemanha:

[...] desde então provou-se que os contos, que eles consideravam a mais verdadeira expressão da alma alemã, eram em sua maioria

---

<sup>22</sup>No caso das entrevistas realizadas para esse estudo os fatores idiossincráticos observados dirão respeito ao intervalo do período histórico estudado e o momento da entrevista.

exatamente o contrário [...]. Devemos por isso falar em fracasso? Em absoluto, pois o abandono das hipóteses explicativas que guiaram a investigação dos irmãos Grimm suscita por sua vez uma série de questões novas [...] (p.12-13).

O excerto acima revela como nosso trabalho com História Oral, apesar de identificar elementos sociais e do basquetebol de antemão, como o fato de reconhecer nessa modalidade esportiva uma tradição oral, poderá revelar questões intocadas sobre nosso tema justificando a escolha de nossa abordagem teórica e conceitual. Por esse motivo, nos pautaremos na História Oral para a coleta de dados composta por entrevistas.

Pesquisar com a História Oral nos remete ao próprio começo dessa metodologia, que como descreve Alberti (1996, p. 1): “Poder-se-ia dizer que a história oral já se implantou atrelada à discussão teórico-metodológica que pretende garantir sua validade”.

Acreditamos com isso que sua utilização, como a de qualquer metodologia, não serve a qualquer pesquisa, a História Oral tem mais a ver com uma postura frente à história do que propriamente a um preenchimento de lacunas, ou a fazer outra história (ALBERTI, 1996).

A História Oral pode ser entendida como uma representação do vivido por quem viveu de fato, porém devemos levar em conta de que buscar de fato o passado como um contínuo pode ser tentar buscar através de fragmentos o todo, ou seja, não é a representação de um fato narrado, o fato mesmo como ele aconteceu se torna impossível.

Uma das questões que se impõe quando nos utilizamos de pesquisas com fontes orais é a forma de edição das entrevistas e a postura dos depoentes quando da publicação de materiais, no caso desse estudo, científicos com a utilização do material construído no relato. A entrevista tem como facilitador a memória e como ferramenta de pesquisa ela se torna importante na compreensão dos processos que envolvem a construção da memória através da entrevista.

Fernandes (2001, p. 92) apresenta elementos da construção que nos ajudam a entender o processo de narrativa de memórias:



A narrativa gravada em uma entrevista não constitui-se na memória propriamente, pois esta é inacessível; configura-se como a construção de uma determinada vivência a partir da memória. Durante o processo de rememoração o depoente estabelece relações entre suas próprias experiências que o permite reconstruir seu passado segundo uma estrutura, consciente ou inconsciente. É o tecer de uma teia na qual suas vivências vão sendo reorganizadas, proporcionando a cada ato de rememorar uma nova construção através de um determinado encadeamento de ideias, estruturado pela valoração simbólica de sua própria personalidade e viabilizado mediante a construção do relato. Desta forma, o relato se estrutura a partir da memória, não se constituindo, no entanto, por seu conteúdo puro.

Percebemos no trecho acima a preocupação com a interpretação do que representa um depoimento e a preocupação com o uso feito pelo pesquisador, desta forma é necessário ao pesquisador confiar em seu entrevistado, mas também, estar munido com o maior número de informações possíveis sobre os fatos históricos que venham a decorrer de uma entrevista.

Assim, é necessário que no ato da entrevista se construa, entre entrevistador e entrevistado, um vínculo que permita ao primeiro perceber no discurso do último, os silêncios, as supressões de informações que nada mais são do que maneiras, artifícios do entrevistado em construir uma imagem dele mesmo que o agrada, e ao entrevistador perspicácia em tentar extrair essas informações sem o constranger.

Portelli caracteriza as interrupções, digressões, repetições e correções presentes na narração como procedimentos constitutivos da oralidade, afirmando que estes possibilitam que o discurso oral se apresente mais como um processo do que como um texto acabado. Mesmo percebendo sua afirmativa como uma crítica à adequação da linguagem falada para a escrita, me sustento nela para defender a importância da edição de entrevistas para sua ampla divulgação, na medida em que o discurso oral (prefiro narrativa) não constitui-se como um texto, não podendo desta forma ser divulgado como tal. (FERNANDES, 2001, p.93)

Percebemos, como Fernandes (2001), a necessidade de edição nos termos de uso acadêmico do conteúdo das entrevistas até para evitar constrangimentos públicos dos entrevistados em alguns casos. A intenção não é a mudança de sentido das falas, e sim, uma reestruturação delas, mesmo porque, ainda com a adequação de fala para texto é impossível demonstrar uma série de elementos constitutivos da narrativa, como gestos, expressões, lacunas etc., que por vezes são tão importantes à pesquisa quanto a fala.

O mais importante na transcrição de uma entrevista para o uso em um sentido científico e que não seja um uso linguístico, é o de manter o texto editado fiel ao que foi dito pelo entrevistado sem alterar o sentido das ideias propostas, perguntas, exclamações etc e, sobretudo, fazê-lo, com o consentimento do entrevistado.

É interessante que mesmo após a entrevista, quando finalizada a versão editada, o arquivo seja revisto pelo entrevistado com vistas a possibilidade de autocensura, por mais que isso represente ao pesquisador a perda da riqueza do material, esse é um procedimento ético (FERNANDES, 2001).

Fernandes (2001, p. 99), ainda contribui quanto ao significado dessa autocensura quando descreve:

Na realidade, esta censura ao próprio depoimento pode ser pensada como uma reflexão do depoente acerca do papel de sua entrevista ao ser publicada. Como sua autobiografia, deve contemplar aspectos positivos que dêem glória ao seu próprio personagem. A geração de polêmica em torno de algum tema pode levar à frustração quanto a esta expectativa.

A análise do conteúdo das entrevistas estará pautada nos conceitos sociológicos que guiam nossa pesquisa. Dessa forma, dividimos nosso roteiro em três grandes grupos temáticos: 1) relação pessoal com o basquetebol, para alinharmos relações de amadorismo e profissionalismo, tempo dedicado a modalidade e a relação desses ex-atletas com o seus clubes e equipes; 2) história do basquetebol na cidade do Rio Grande, para entendermos as histórias da modalidade principalmente durante o tempo em que os entrevistados jogaram, identificar os ex-atletas que se destacavam dentro da história do basquetebol e contextualizar o basquetebol para cada entrevistado; e 3) relação do basquetebol com a cidade do Rio Grande, para identificarmos qual era a relação percebida pelos entrevistados entre a cidade e o basquetebol em termos de reconhecimento do que ocorria dentro das quadras, vitórias ou derrotas e o momentos histórico e social pelo qual passava a cidade.

Esta pesquisa utilizará a visão configuracional<sup>23</sup>, o processo civilizador e a abordagem do *ethos*<sup>24</sup> para Norbert Elias<sup>25</sup>, esses conceitos servirão como meio de analisar a construção do processo histórico do basquetebol em Rio Grande, além da sua influência e relevância social a partir do relato dos entrevistados e das imagens.

A sociologia configuracional de Norbert Elias serve para a compreensão de como visualizamos as interrelações sociais e esportivas. Por isso, faz-se necessário traçar um panorama geral da inserção da esportivização das atividades e condutas<sup>26</sup>.

Torna-se necessário para a implementação dessa pesquisa apresentar a maneira como Norbert Elias (1993; 2011) compreende a sociedade, suas configurações e a análise dessas configurações, o que contempla, de certa forma, a complexidade da sociedade contemporânea.

Elias (1998, p. 117) contribui para a ideia de entrelaçamento social a que estamos expostos, ideia que ajuda a demonstrar a complexidade desta pesquisa:

A rede de atividades humanas tende a tornar-se progressivamente complexa, extensa e intimamente tecida. Cada vez mais grupos e, com eles, cada vez mais indivíduos tendem a se tornar dependentes uns dos outros para sua segurança e satisfação de suas necessidades.

Nesse sentido, atentaremos para as ligações possíveis entre as configurações locais, da cidade do Rio Grande e o basquetebol riograndino.

Dentro desse mesmo pensamento teórico, baseado em Norbert Elias (1993; 2011), atentamos para o alto grau de integração entre, os comportamentos sociais específicos aceitos e as diferenciações estruturais pelas quais passaram as sociedades, e seus efeitos sobre, sob e entre os

<sup>23</sup> ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70 LDA., 2008.

<sup>24</sup> ELIAS, N. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

<sup>25</sup> ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

<sup>26</sup> ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

indivíduos e os grupos sociais pertencentes a uma determinada configuração social. Elias (2011, p. 208-209) nos explicita:

[...] a fim de demonstrar possíveis ligações entre a mudança a longo prazo nas estruturas da personalidade no rumo da consolidação e diferenciação dos controles emocionais, e a mudança a longo prazo na estrutura social com vistas a um nível mais alto de diferenciação e integração como, por exemplo, visando a uma diferenciação e prolongamento das cadeias de interdependência e à consolidação dos “controles estatais”.

Percebemos através do que Elias explicita a complexidade de análise dos dados que coletaremos e mais uma vez chamamos a atenção para a escolha pela coleta qualitativa desses dados conforme descrito por Gaio; Carvalho e Simões (2008, p. 151): “Coletar qualitativamente dados não significa somente deixar de mensurar dados [...]. Esse tipo de análise de dados envolve uma interpretação complexa dos fenômenos humanos e sociais, transcendendo a manipulação de variáveis ou tratamento experimental”.

Para analisarmos da maneira mais complexa possível nosso fenômeno, utilizaremos também material imagético, que em nossa pesquisa diz respeito a todo material que corresponda a fotografias, recortes de jornal e documentos<sup>27</sup> escaneados ou não a que tivermos acesso. Como serão realizadas entrevistas com ex-atletas do basquetebol em Rio Grande, a ideia é ter acesso aos acervos pessoais dos entrevistados, além de requerer ao site <<http://www.guaipeca.blogspot.com.br/>> o acervo ligado à modalidade. Esse site foi escolhido por possuir um grande acervo fotográfico sobre o basquetebol previamente investigado pelo pesquisador.

Tratar visualmente uma história específica é uma tarefa complexa, primeiro porque acreditamos que a multiplicidade histórica não é contemplada pela fotografia, apesar de fornecer vestígios importantes para a leitura desta, em segundo lugar para desenvolvermos nosso trabalho faremos uma seleção de fotografias, recortes e digitalizações dentro da seleção previamente feita

---

<sup>27</sup> Nesse trabalho, todo o material imagético, sejam fotos ou recortes de jornal, serão utilizados em uma via de duplo sentido, ora como documento, como comprovador de um aspecto histórico de nosso objeto, ora como monumento num sentido mais mnemônico, com intuito das discussões propostas pela História Oral e pela memória. (LE GOFF, 2013)

pelas pessoas que forneceram o material fotográfico (MACHADO JÚNIOR, 2012). Nossa seleção certamente incorrerá em apontar uma direção em detrimento a outras possíveis e, portanto, não corresponde a “realidade” mesmo, mas sim, uma leitura possível acerca do basquetebol riograndino.

Além da literatura específica para realizar nosso intento, recorreremos ao “jogo social da memória e da identidade” (CANDAU, 2012, p. 105) como meio de negociar a nossa versão mnêmica da época estudada.

A dificuldade em tratar um nicho específico da visualidade de uma sociedade está, como descreve (MACHADO JÚNIOR, 2012, p. 95) em:

Para cada novo regime de visualidade, uma nova cultura visual. São muitas as dificuldades que envolvem a apreensão da esfera visual de uma época. O que se tem são alguns vestígios, imagens indiciárias para desenvolver e pensar sobre a construção de um determinado padrão de visualidade.

Acreditamos que nossa busca, diferente da do autor, não é um padrão visual de uma época, mas sim compreendermos o padrão visual da memória de um grupo específico enunciado por outro grupo de uma época. Ou seja, como as fotografias presentes nessa configuração marcaram memórias de atletas de basquetebol.

Iniciando assim o estudo de fotografias como elementos de análise científica nossas primeiras expectativas sobre o tema eram em como validar nosso tema através do retrato do real: a fotografia. Utilizá-la para comprovar que tudo aconteceu de fato! Porém, logo nos primeiros contatos com os teóricos do tema percebemos rapidamente que nossa visão sobre esse “pequeno pedaço do real” era na verdade um pequeno pedaço de dúvidas sobre o que não estava nela presente, sobre o porquê daquele “cenário”? Daquele ângulo? Quem eram aquelas pessoas? Quem e por que selecionou aquela fotografia para expor aos outros? Por que elegeram essa foto como vestígio do passado?

Perseguindo esses questionamentos em nossa pesquisa nos valeremos de alguns autores que escreveram sobre o tema e que apontam direções que em princípio parecem opostas, mas que demonstram a relativa pluralidade nas

possibilidades de interpretação do objeto fotográfico. Nesse intento começaremos explicitando nossa postura frente ao ato fotográfico concordando com o que escreve Barthes (1984, p. 13):

Em primeiro lugar, encontrei o seguinte. O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba o *Tal* (tal foto, e não a foto), em suma a *Tique*, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável.

O autor explicita uma compreensão filosófica acerca do fotográfico, que envolve o objeto, a folha de papel com a reação química nela impressa, mas questiona também a configuração necessária para que essa impressão química ocorra. Em termos científicos ele coloca desde já a nossa frente uma reflexão que nos impede de retornar a um entendimento que reduza o fotográfico a representação daquilo que realmente ocorreu como pensávamos anteriormente.

Queremos apontar com essa citação que a análise imagética corresponderá a uma análise da configuração ou de como essa configuração se apresentava à época através desse material, assim compondo a sociedade local e agregando importância a nossa análise histórica e sociológica.

Existem outros autores que apresentam contrapartidas filosóficas, sociológicas, históricas e estéticas acerca das imagens como: Barthes (1984) com os conceitos de *punctum* e *studium*. O primeiro, diz respeito ao pontual da imagem, aquilo que nos marca, que nos chama a atenção e o segundo diz respeito ao panorama da imagem, ao que não está presente nela ao seu contexto histórico e social; ainda pensando as imagens filosoficamente utilizaremos Rouillé (2009), com seu conceito de simulacro que diz respeito às falsas representações criadas através das imagens e/ou de suas representações e interpretações. Dentro da metodologia sociológica das imagens além de Bourdieu (2003) utilizaremos Fabris (2004), Fabris e Kern (2006), ambos buscando auxílio na categorização para a análise a partir das propostas das autoras. As análises históricas serão baseadas na proposta de

Bencosta (2011) e Souza (2001) que apresentam posturas a respeito da pesquisa histórica com a utilização de imagens. Por fim, para análise estética das imagens, utilizaremos Cartier-Bresson (2004) e o conceito de momento decisivo, que questiona a intencionalidade do fotógrafo para a realização de fotos específicas em momentos críticos das atividades humanas.

## 1.2 MODELO DE ANÁLISE CONFIGURACIONAL

Norbert Elias em seus estudos sociológicos (ELIAS, 1993; 2011) visa determinar, através de ciclos históricos, processos civilizadores e uma “genealogia” dos comportamentos sociais, que ele determina como *habitus*. O *habitus* poderia ser definido como uma série de comportamentos adquiridos ao longo do tempo e identificáveis através da presença ou não das características em uma sociedade.

Malerba apud Marchi Júnior (2001, p. 58), descreve com clareza esse ponto:

O conceito de *habitus* em Elias não se apresenta explicitamente definido [...], mas constrói-se a partir de sua teoria do processo civilizador. A civilização é um devir no qual um conjunto de interações forma um sistema não-planejado e se estrutura progressivamente: as relações entre unidades ou grupos sociais são em realidade as relações de força que ligam, opõem e, dessa forma, inscrevem os indivíduos em estruturas hierarquizadas, que presumem “campos de forças”, “tensão”, “equilíbrio”, “competição”.

Nesse trabalho não pretendemos realizar uma análise do *habitus*, (ELIAS, 1993; 2011), porém esse tipo de visão da sociedade nos ajudará nas formas de averiguarmos os dados empíricos coletados através de entrevistas com ex-atletas de basquetebol, fotografias e documentos.

Sendo assim, uma aproximação dos conceitos de Elias com as fontes coletadas sobre o basquetebol na cidade do Rio Grande, isto é, os depoimentos dos entrevistados e os documentos históricos sobre o tema, produzirão uma análise diferente daquela oriunda de uma “história oficial” e

icônica dos títulos e vitórias. As estórias<sup>28</sup> contadas pelos indivíduos produtores das mesmas e de formas diferentes, poderão apresentar outras relações e vivências dos ex-atletas com a modalidade, com os clubes, além de buscar construir narrativas diferentes do processo histórico de constituição do basquetebol na cidade.

Para tanto, o elo principal deste trabalho ocorrerá entre Elias e memória, delimitado nas tensões entre as memórias dos indivíduos, as configurações estabelecidas pelo próprio ato de evocar e as relações de poder, que podem ou não estarem evidenciadas nesses atos. Essas delimitações servirão para compreendermos a dinâmica social que permeou o basquetebol na cidade do Rio Grande e os grupos a eles pertencentes. Marchi Júnior (2001, p. 119), explicita:

As funções estabelecidas nas relações sociais não são expressões unitárias [...], elas devem ser compreendidas pelo componente relacional que é esquadrihado no potencial de poder dos indivíduos. No sentido elisiano quando ocorrem tensões no interior do campo esportivo, essas serão administradas respeitando o equilíbrio e o desequilíbrio do poder apresentado por cada grupo no conjunto das relações configuradas.

A partir de autores como Elias (1993; 2011) e Marchi Júnior (2001) é possível refletir sobre as relações de interdependência entre as estruturas esportivas, atletas, torcidas, etc. Através das relações que envolvem o basquetebol é possível problematizar sobre os padrões mutáveis de interdependências quando o equilíbrio, que parece sempre exercido verticalmente (dos órgãos superiores, federações, árbitros, equipes, respectivamente), variaram ao longo da história desse esporte na cidade e no estado.

É possível pensar os indivíduos e os grupos sociais da forma acima mencionada a partir do momento que novos arranjos de relações sociais se estabeleceram em determinadas conjunturas e sociedades, e, por sua vez, passaram a ser aceitos e reproduzidos com alguns ajustes. Os principais

---

<sup>28</sup> Opta-se por usar essa nomenclatura tendo em vista a questão da narrativa, do conto, das fábulas que esse termo carrega, também considera-se a possibilidade de se trabalhar uma palavra/definição que escape a classificação tradicional da língua portuguesa, da norma culta e parte para a linguagem coloquial, bastante presente também nos discursos desses ex-jogadores de basquete ao descrever o esporte e suas significações.



fatores presentes nessa alteração do comportamento dos indivíduos foram o estabelecimento do Estado moderno e a “coabitação social dos homens” (Garrigou; Lacroix, 2001, p.128).

Nesse sentido este trabalho utiliza o conceito de *ethos* (ELIAS, 1997) que será posteriormente discutido em um tópico específico, porém, relacionado à cidade do Rio Grande e aos “basqueteiros”<sup>29</sup> da cidade.

Dessa maneira, a análise da sociedade que propusemos até esse momento, pautada em Norbert Elias e alguns de seus comentadores como Marchi Júnior (2001), Cavichioli; Reis e Starepravo (2009) e Dias (2010), será pautada por uma problematização dos depoimentos orais de indivíduos materializados em suas memórias onde podemos citar Ferreira (2013). Posteriormente descreveremos as compreensões que utilizamos para entrelaçarmos a visão social dos elementos empíricos.

### 1.3 CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA ORAL

O motivo da utilização da memória neste trabalho encontra-se vinculado ao reconhecimento dos saberes que nos constituíram como sujeitos sociais e individuais. A constituição como sujeito encontra-se nos caminhos já trilhados e nos novos territórios do conhecimento, carregando aquilo que nos foi passado pelas gerações anteriores, assim como em outro momento, nossas memórias estarão constituindo outras noções, conhecimentos e formando outras condições de possibilidade para as gerações futuras.

Nesse sentido, Bósi (2007, p. 84) contribui quando descreve um momento de memória e a importância sensível desse ato, bem como, o cuidado científico que devemos ter quando estivermos lidando com memórias:

---

<sup>29</sup> Basqueteiros é um termo utilizado para descrever aquele que joga basquetebol, em uma análise mais conotativa, serve para descrever aqueles que são reconhecidos como jogadores de basquetebol, ou seja, é um título dado à pessoa por outros.

Não basta um esforço abstrato para recriar impressões passadas, nem palavras exprimem o sentido de diminuição que acompanha a impossibilidade. Perdeu-se o tônus vital que permitia aquelas sensações, aquela captação do mundo. Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação.

Quando participamos de uma evocação, seja de outra pessoa ou nossa própria, acessamos uma parte que existe sob a forma de lembrança, mas que, podia estar esquecida, impossibilitada no presente(BÓSI, 2007).

A crônica literária no passado, tratava da vida cotidiana das pessoas comuns e através dela observa-se a linguagem e os costumes, que podem ter atravessado gerações, produzindo ressonâncias no presente (BÓSI, 2003). Através da memória, da oralidade e das histórias dos jogadores de basquetebol, esta pesquisa pretende trazer ao presente certa “crônica científica”, ou seja, a vida cotidiana, os sentimentos desses ex-atletas em relação ao que viveram, mesmo depois de anos da influência em suas vidas pessoais, e, na sociedade local: como as pessoas vêem esse movimento do basquetebol em Rio Grande?

A memória e a História Oral como ferramentas científicas tentam formalizar o ato de rememorar. As fontes orais, a história falada e contada por indivíduos carrega essa possibilidade, através da validação de seus depoimentos e de um tratamento científico adequado e sério, que contemplam a produção de histórias (BÓSI, 2007).

Os fatos que rememoramos têm correlações não apenas com aquilo que experimentamos como indivíduo, mas também com a sociedade onde estamos inseridos, ou seja, ao visitar um local estamos em companhia de lembranças de um livro sobre esse local, ou sobre o mapa daquele local, ou sobre sua história. Enfim, muitas outras pessoas deixaram um legado de lembranças que indiretamente incidem sobre a visita ou como rememorador dela em outro momento. Sendo assim, não necessariamente precisamos de companheiros materiais e sensíveis para formar uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Por estar presente, sem “estar presente”, a memória tem múltiplas utilizações e

múltiplas formas de se manifestar, tanto coletiva quanto individualmente. Halbwachs (1997, p. 54-55) demonstra que:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarão à minha frente, quando reconstituirão cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida (Tradução nossa)<sup>30</sup>.

Percebemos no trecho acima, a preocupação entre as representações sociais que evocações e memórias podem ou não ter nos indivíduos envolvidos no ato de evocar e rememorar, tornando o papel do pesquisador em memória como àquele que necessita ser capaz de utilizar ferramentas variadas como dispositivos ativadores de memórias.

A noção de coletividade se refere a um encontro de interesses comuns, propositais de certo número de pessoas e, que pode ter fim a partir do momento em que essas pessoas tenham outros interesses em outros conhecimentos dispensáveis ao primeiro grupo. Podemos afirmar que, as experiências individuais (alternâncias de interesses e, junto a isso, alternância de grupos) têm grande relevância no processo de rememorar coletivo, pois elenca prioridades nesse ato que constituem outras versões de um mesmo fato apesar de vinculado a uma mesma realidade (HALBWACHS, 2006).

Dessa maneira, percebemos a memória como a materialidade de um fato narrado através de uma evocação e de um relato oral.

Para utilizarmos a discussão teórica da memória precisamos de uma metodologia que permita nos aproximarmos da materialidade através de processos mais amplos, para tanto a História Oral como a compreendemos parece o melhor caminho para isso.

---

<sup>30</sup>Il ne suffit pas que j'aie assisté ou participé à une scène dont d'autres hommes étaient spectateurs ou acteurs, pour que, plus tard, quand ils l'évoqueront devant moi, quand ils en reconstitueront pièce à pièce l'image dans mon esprit, soudain cette construction artificielle s'anime et prenne figure de chose vivante, et quel l'image se transforme en souvenir. Bien souvent, il est vrai, de telles images, qui nous sont imposées par notre milieu, modifient l'impression que nous avons pu regarder d'un fait ancien, d'une personne autrefois connue Halbwachs (1997, p. 54-55).

#### 1.4 PLANO DE REDAÇÃO

O plano de redação para o seguimento da pesquisa será: o capítulo 1 denominado Configurações, *ethos* e grupos onde apresentaremos o arcabouço conceitual para a leitura dos dados seguintes da pesquisa. A primeira parte do trabalho será subdividida em três: a primeira explicitando os termos da leitura da sociedade baseada na sociologia configuracional de Norbert Elias; na segunda faremos uma explanação em torno do conceito de *ethos* para o mesmo autor e na terceira parte associaremos ambas as leituras e aproximaremos dos estudos de Norbert Elias de pequenos grupos.

A segunda parte do trabalho contém quatro divisões: na primeira fizemos a apresentação histórica da cidade do Rio Grande; na segunda introduzimos nossos entrevistados e em seguida apresentamos a história do basquetebol na cidade do Rio Grande através dos relatos orais; na terceira realizamos a discussão dos dados empíricos coletados sobre o basquetebol nas décadas de 1960 a 1980, aprofundamos o trabalho analítico em torno do basquetebol na cidade baseados em nossas ferramentas metodológicas explorando as entrevistas com ex-atletas, as fotografias que coletamos da época e matérias de jornais; na quarta realizamos uma discussão entre as falas sobre o basquetebol que continham elementos que podem se aproximar dos conceitos de identidade e de *ethos*, o primeiro nos termos propostos por teóricos da memória e o segundo proposto por Norbert Elias.

Nas considerações finais retomamos as discussões e análises teóricas feitas anteriormente e nosso problema de pesquisa para apontar perspectivas futuras sobre nosso tema.

## **2. PRIMEIRA PARTE: CONFIGURAÇÕES, ETHOS E GRUPOS**

## 2.1 OLHAR SOBRE AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS

Para explicitar nossa percepção sobre a sociedade será necessário compreender a organização das sociedades em nações-Estados e a sua constituição histórica, discussão contemplada em torno do conceito de processo civilizador de Norbert Elias (1993; 2011).

A organização das sociedades exigiu, para além de alto grau de racionalidade e planejamento de pequeno ou até mesmo de grande número de pessoas, uma configuração diferenciada nas relações de poder que se estabeleciam, por exemplo, nas nações-Estados feudais. A necessidade de interrelacionamento entre as diferentes “classes” a partir principalmente do século XVIII na Europa elimina quase que por completo a chance de planejamentos prévios.

Mesmo que as configurações sociais pareçam seguir uma direção muito bem definida, essa direção não pode ter sido estabelecida *a priori* por nenhuma das estruturas sociais, porque ela também dependeu de um processo de longa duração. Esse processo impossibilita a previsibilidade, tanto dos planejamentos prévios, quanto de uma ultra racionalidade capazes de internalizar em toda a humanidade uma forma melhor, ou mais “evoluída” de organização, assim sendo, as mudanças ocorreram sem nenhum tipo de planejamento, mas, não sem uma ordem específica (ELIAS, 2011).

Elias (1993, p. 194), nos faz um questionamento que auxilia para pensarmos sobre as organizações atuais e os processos históricos dos quais fizemos parte: “Como pode acontecer que surjam no mundo humano formações sociais que nenhum ser isolado planejou e que, ainda assim, são tudo menos formações de nuvens, sem estabilidade ou estrutura?”.

Elias (1993, p. 194) ainda contribui com uma resposta possível a essa pergunta quando descreve:

*Esse tecido básico, resultante de muitos planos de ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa*

*isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui generis, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. (grifos do autor)*

Outra questão bastante relevante, quando nos preocupamos em estudar a sociedade a partir do que Elias nos propõe é fugir de dualismos racionalistas, como as questões propostas de diferenciação entre corpo e mente, bom e mau etc., ou mesmo pensando em termos da autonomia relativa dos rumos que uma configuração social ou dos rumos que as configurações sociais podem tomar, nessa pesquisa tentamos escapar de uma explicação nesses termos. Isso porque o rumo dos grupos sociais ou da sociedade em si não depende de uma escolha dual da vontade de um ou muitos indivíduos, pois existe uma ordem nessa mudança e escolha, mas, implica em compreender que a complexidade cada vez mais ampliada das configurações sociais nos revoga o direito de pensar linearmente e causa um pensamento caótico e multifocal, atentando para as minúcias dos processos de formação das configurações. Para Norbert Elias (1993; 2011), esse tipo de ilustração do pensamento processual, a que nos referimos, combina com uma demonstração empírica, ou seja, casos comprovados que se referem a uma demonstração clara da teoria configuracional desse autor.

Compreender as compulsões e forças que fornecem a sociedade seu rumo atual muito bem demarcado, mas, sem analogia direta a essas forças e compulsões exercidas por indivíduos e grupos sociais, implica ao mesmo tempo em uma análise pautada no pensamento de Elias, pois os rumos da sociedade são resultantes do jogo de disputas realizado no interior desses grupos, por esses indivíduos. Assim sendo, com o aumento do grau de interdependência para exercer suas compulsões, ou seja, cada vez mais indivíduos e grupos sociais dependem uns dos outros para exercer suas compulsões e ampliarem sua gama de possibilidades no interior da sociedade da qual fazem parte, mais esses grupos e indivíduos precisam regular seus comportamentos e condutas para serem aceitos nessa sociedade e para pertencerem a determinado grupo.

A lógica da interdependência, ao pensarmos a sociedade contemporânea, altamente estratificada e complexa, compreende problematizar a necessidade por exercer as mais variadas compulsões, ou por controlar essas compulsões, isso faz com que essa sociedade se estratifique ainda mais, criando mais regras, a partir dessa estratificação, para a manutenção de sua estrutura interna nas disputas de poderes entre os grupos.

Elias (1993, p. 197) salienta como o homem civilizado contemporâneo está exposto a regras cujos perigos residem na possibilidade de perda do autocontrole:

O tecido de cadeia de ações em que se inclui cada ato individual nessa complexa sociedade é muito mais complicado, e bem mais intrincado o autocontrole ao qual ele está acostumado desde a infância, [...] dá pelo menos uma ideia de como a grande pressão formativa sobre a construção do homem “civilizado”, seu autocontrole constante e diferenciado, vincula-se à crescente diferenciação e estabilização das funções sociais e à multiplicidade e variedade cada vez maiores de atividades que ininterruptamente tem que se sincronizar. O modelo de autocontrole, o gabarito pelo qual são moldadas as paixões, certamente varia muito de acordo com a função e a posição do indivíduo nessa cadeia.

No trecho acima Elias ajuda para pensarmos as pressões internas das configurações sociais sobre a formação dos indivíduos que dela fazem parte e que buscam espaços e lugares em seu interior. Contudo, mostra também, a necessidade de exercer as compulsões compelidas nos indivíduos pela crescente exigência de autocontrole.

Elias (1993, p. 198) ainda coaduna nesse sentido e explicita o rumo geral tomado pela pressão interna das configurações sociais:

Quanto mais apertada se torna a teia de interdependência em que o indivíduo está emaranhado, com o aumento da divisão de funções, maiores são os espaços sociais por onde se estende essa rede, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais – mais ameaçada se torna a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daqueles capazes de moderar as suas paixões; mais fortemente é cada indivíduo controlado, desde a tenra idade, para levar em conta os efeitos de suas próprias ações ou de outras pessoas sobre uma série inteira de elos na cadeia social. A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito – todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta,



que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança “civilizadora” do comportamento.

A contribuição do excerto acima se processa na medida em que nos possibilita aproximar a análise do autor das configurações pretendidas nessa pesquisa. O grau de modificação nos comportamentos individuais cada vez mais impostos desde cedo transformou os comportamentos desses indivíduos de uma ação mais extrema em cada vez mais moderada. Conforme os monopólios de violência física se estabeleceram mais firmemente surgiu a necessidade de redução dos picos de violência e prazer extremos, ou seja, a moderação dos comportamentos foi sendo cada vez mais exigida não por uma vigilância externa somente (monopólios de violência física), mas sim, por uma autovigilância crescente a esta moderação.

O maior autocontrole dos indivíduos é fruto da necessidade e da interdependência crescente entre indivíduos e configurações sociais a que fomos expostos. Em certa medida isso ocorre pela própria disputa de poderes e pelo crescente desequilíbrio nessas relações, assim como é fruto da incapacidade cada vez maior de calcular a direção que segue a sociedade ou de vislumbrar essa orientação geral, o que nos impede de compreender mais do que a disputa de poderes que cercam a configuração específica.

Elias (1993, p. 203) explicita o autocontrole oriundo do crescente entrelaçamento de interações sociais a que os indivíduos e estruturas estão cada vez mais expostos:

Para tudo o que faltava na vida diária um substituto foi criado nos sonhos, nos livros, na pintura. De modo que, evoluindo para se tornar cortesã, a nobreza leu novelas de cavalaria; os burgueses assistem em filmes à violência e à paixão erótica. Os choques físicos, as guerras e as rixas diminuíram e tudo que as lembrava, até mesmo o trinchamento de animais mortos e o uso da faca à mesa, foi banido da vista ou pelo menos submetido a regras sociais cada vez mais exatas. Mas, ao mesmo tempo, o campo de batalha foi, em certo sentido, transportado para dentro do indivíduo.

O comportamento cada vez mais controlado do indivíduo é exigido para a convivência social, que foi iniciada nas cortes absolutistas, e tornou-se fundamental para a compreensão do mundo vivido. Elias (1993, p. 228) descreve:

Tal como a conduta geral, a maneira de ver as coisas e as pessoas também se torna mais neutra na esfera afetiva, com o processo civilizador. A “imagem do mundo” vai se tornando menos diretamente determinada pelos desejos e receios humanos, e se orientando para o que chamamos de “experiência” ou “o empírico”, para sequências dotadas de regularidades imanentes.

Compreendemos que a mudança na personalidade dos indivíduos expostos à vida civilizada e a necessidade de pautar os próprios atos na experiência, ou nas regularidades pelos atos praticados em sociedade, tenha profunda relevância para a descrição de grupos sociais mais altamente autorregulados da sociedade atual, uma vez que a civilidade pauta, em maior ou menor grau, os grupos que pesquisaremos.

Os caminhos que envolvem o processo civilizador específico de um país, ou seja, o curso que o crescente controle das compulsões dos grupos e indivíduos, sejam eles influenciados pelas pressões internas da sociedade, ou pela estrutura psicológica diferenciada dos indivíduos dos nossos tempos, afetam a formação das próprias configurações e sentimentos de pertencimento dos grupos no interior dessa sociedade, ou seja, torna tanto o processo civilizador quanto as estruturas de personalidade específicos (ELIAS, 1993; 2011).

Por outro lado, por ser perpassado por uma história de conflitos<sup>31</sup>, o *ethos* Sul-Rio-Grandense também se explicita pelo povo que lá habita através

---

<sup>31</sup>Para mais informações sobre a história do Rio Grande do Sul, ver: BARRIO, C. DE O. L. **Intervencionismo do Império brasileiro no Rio da Prata: da ação contra Rosas e Oribe à tríplice aliança**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2011. 289f; Cadernos do CHDD. *Cadernos do CHDD*, 2007. DORNELLES, L. DE L. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 168–178, 2010. FERREIRA, F. O **General Lecor, os voluntários reais e os conflitos pela independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824)**. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2012. 258f; GONÇALVES, R. T. Os dois lados da Banda: a construção territorial uruguaia. *XXV Simpósio Nacional de História*, p. 1–13, 2009; KLAFKE, Á. A. **Antecipar essa idade de paz, esse império do bem. Imprensa periódica e discurso de construção do Estado unificado (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845)**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 287f; LUFT, M. V. **“Essa guerra desgraçada”: recrutamento militar para a Guerra da Cisplatina (1825-1828)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. 237f; MIRANDA, M. E. Fiscalidade e Guerra: o Rio Grande do Sul e o Brasil na Guerra da Cisplatina. *IX Encontro estadual de história - RS*, p. 1–12, 2008; OLIVEIRA, S. M. P. DE. Em busca das origens: as interpretações da Revolução de Maio nas narrativas dos rio-platenses. *Navigator*, v. 6, n. 12, p. 56–65, 2010; OLIVEIRA, M. R. DE. A expansão da Guerra Cisplatina para a margem africana do Atlântico. *Navigator*, v. 8, n. 16, p. 48–60, 2012;

de sua cultura, e também, das estruturas e configurações esportivas. No futebol, citado por se tratar do esporte mais popular do país, as equipes e torcidas gaúchas destacaram-se por vezes pela raça e agressividade, para além da habilidade e capacidade técnica das equipes<sup>32</sup>. Para o caso desse estudo atentamos para as características assumidas pelo basquetebol e mais especificamente para os “basqueteiros” riograndinos entre as décadas de 60 e 80 do século XX. Esse período histórico é composto por décadas que demarcam o estigma de forte ditadura militar no Brasil, mas que também demonstram um momento histórico esportivo de grande relevância em termos de difusão de práticas esportivas e de um meio de propagação de paixões através do esporte<sup>33</sup>, e por isso, importante na definição de um *ethos* esportivo ou *ethos* do basquetebol riograndino.

Os avanços e recuos em termos civilizacionais de certos segmentos e funções sociais, tem relação com a própria disputa de poderes no interior da sociedade, bem como, com a maior ou menor permissividade a determinados tipos de comportamentos violentos, libidinosos etc. Contudo, as “leis” sociais abrangem cada vez mais lugares e com isso torna um lugar mais civilizado, independentemente dos avanços e recuos, que em termos de direção geral a que toma a sociedade, por vezes não causa influência no processo civilizador a que nos referimos.

---

PEREIRA, A. P. **Domínios e Império: o Tratado de 1825 e a Guerra da Cisplatina na construção do Estado no Brasil**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2007. 269f e ZALLA, J.; MENEGAT, C. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 62, p. 49–70, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882011000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>.

<sup>32</sup>Para mais informações sobre o tema, ver: BANDEIRA, G. A. **“Eu canto eu bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 128f; DAMO, A. S.; NOGUEIRA, A. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos*, n. 23, p. 87–117, 1999; DAMO, A.; FERREIRA, B. S. No tempo das excursões – o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. *Revista de História Regional*, v. 17, n. 2, p. 378–411, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/4209/3246>>. Acesso em: 13 fev. 2014 e JAHNECKA, L. **O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 73f.

<sup>33</sup> ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

Nesses termos, as constantes lutas entre grupos dentro de uma mesma sociedade e a possibilidade de pulverização de padrões crescentes, cada vez mais, determinam grupos sociais de comportamentos civilizados, que por vezes, foram difundidos de maneira vertical descendente, ou seja, dos estratos sociais superiores para os inferiores.

Na sociedade contemporânea percebemos disputas em diversas direções por diferentes grupos. Podemos então, caracterizar uma disputa por distinção social, em um mesmo estrato, pela manutenção dos comportamentos assumidos dentro de um estrato específico, no caso desse estudo, o *ethos*, demarcado por um jeito riograndino de jogar basquetebol. Elias (1993, p. 211) corrobora com nosso pensamento quando explicita:

[...] podemos notar que estão diminuindo os grandes contrastes de comportamento entre os diferentes grupos sociais – assim como os contrastes e mudanças súbitas no comportamento do indivíduo. A modelação das pulsões e sentimentos, as formas de conduta, toda a constituição psicológica das classes baixas nas sociedades civilizadas, com sua crescente importância em toda a sua rede de funções, estão cada vez mais se aproximando das de outros grupos, começando pela classe média. Isso acontece mesmo que parte das autolimitações e tabus operantes nessa última, que surgem do anseio de “se distinguir”, do desejo de maior prestígio.

A capacidade de “se distinguir”, como coloca o autor, ultrapassa a própria capacidade de um grupo em perceber a permeabilidade, a pressão que exerce em determinada sociedade, mesmo que adquira um prestígio elevado quando falamos em pequenas sociedades, tribos ou grupos.

Devemos atentar para as peculiaridades nos processos civilizadores das nações colonizadas pelos europeus, onde as novas ondas civilizatórias se incorporam em diferentes culturas e, ao mesmo tempo, incorporam novos elementos e novos exemplos de comportamentos civilizados.

Pensando na colonização brasileira e nas disputas que ocorreram, é possível problematizar, no caso desse estudo, que o Rio Grande do Sul é caracterizado pelo termo “de fronteira” (RIGO, 2004). Essa característica, para além da localização geográfica, pode também ser pensada como uma região ao mesmo tempo fechada, em termos de instituir-se como soberana e aberta no sentido de ser uma região de encontros, multiplicidades.

A cidade do Rio Grande além de pertencer a essa abreviada configuração, durante o decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX se caracterizou dessa forma, como uma cidade de encontros e soberania, uma vez que possui um grande porto que lhe concedeu a abertura necessária para esses encontros (RIGO, 2004).

Essas inflexões nos comportamentos podem ser observadas na sociedade gaúcha, através das vinculações entre o que representou o Rio Grande do Sul e a representação do *ethos* através de instituições modernas como o esporte e, para o caso desse estudo, do basquetebol riograndino.

A tentativa não é valorar um processo em detrimento a outros, porque todos são ímpares, mas sim, caracterizar os termos que atentamos para esse estudo como possibilidades de tensões e conflitos que podem enriquecer nossas análises em torno do esporte.

## 2.2 CARACTERIZANDO O ETHOS

Para caracterizarmos o conceito de *ethos*, recorreremos ao período que compreende os séculos XVIII, XIX e XX. Período esse atravessado por tensões sociais e disputas de poder entre as aristocracias governantes, cortes europeias e a ascendente classe burguesa, principalmente na Inglaterra, França e Alemanha, que representaram processos diferenciados de disputa e arranjos como sociedades civilizadas.

Essas disputas entre grupos sociais dentro das sociedades, por vezes, se processou relativamente à própria imagem que os membros dos grupos faziam de si mesmos e dos outros grupos com quem disputavam espaço nas configurações sociais.

Na sociedade alemã dos séculos XVIII e XIX a disputa entre as aristocracias de corte e de classe média e, as autoimagens dos grupos a elas pertencentes, se apropriaram de formas diferentes de conceitos humanistas do

Iluminismo e da própria questão nacionalista levantada, segundo Elias (1997), pelo marco da revolução francesa.

No interior da sociedade francesa e inglesa, onde predominavam fortemente os ideais humanistas - relacionados ao Iluminismo - as disputas entre classes levaram a um sentimento oposto, paradoxal em relação ao primeiro, de unidade nacional, ou de uma imagem coletiva em detrimento às imagens e preocupações individuais do Iluminismo.

Elias (1997) descreve ainda, o processo de formação do nacionalismo alemão no século XVIII através da linguagem ou de termos e conceitos criados no interior dos grupos em disputa nessa sociedade. Nesse sentido, a palavra cultura servia para fazer relação às coisas cultivadas pelos homens, ou seja, a transformação, o domínio do homem sobre o meio em que se encontrava. Nesse mesmo período a classe média se apodera do termo para se referir a própria autoimagem.

A classe média alemã e o aumento de sua *intelligentsia* mesmo que influenciada pelas cortes mais precoces, como a francesa e a inglesa, era ascendente. Nesse sentido o subdesenvolvimento da corte alemã, em termos civilizacionais, evidenciou a menor integração no processo de formação dessa sociedade, que foi mais pautada em um idealismo e em uma maior permeabilidade na disputa entre as classes (ELIAS, 1997).

Então, a compreensão de termos que expressavam sentimentos grupais no interior da sociedade alemã dos séculos XVIII e XIX, faz com que a organização do próprio conhecimento e as disputas por seu registro, se processasse com clareza na separação entre história política, defendida pela aristocracia governante e história da cultura, defendida pela classe média dessa sociedade. Isso deixou evidente o caráter não político do termo cultura para os alemães da classe média ascendente desse período e sua falta de interesse pela concorrência política, o que acarretou em uma longa divisão de cargos em correlação a classe a que pertencessem no interior da sociedade alemã.

Nesse sentido, a atenção às apropriações sociais feitas a determinados termos e conhecimentos se tornaram fundamentais no esforço de compreender os próprios grupos no interior de uma determinada sociedade.

Também é interessante percebermos os significados atribuídos ou não a determinados termos, práticas e situações sociais, que estão vinculadas a um sucesso ou fracasso no interior de uma determinada sociedade ou grupo como, por exemplo, uma derrota em uma guerra civil, uma divisão entre grupos urbanos e camponeses, etc.

Essa análise nos mostra, como uma análise de costumes sociais simples que se repetem ao longo de gerações e a importância que, por vezes deixamos de dar ao cotidiano social, caracteriza um movimento de continuidade ou ruptura nessa configuração, Elias (1997, p. 122):

É sempre motivo de espanto ver a persistência com que padrões específicos de pensamento, ação e sentimento se repetem, com adaptações características a novos desenvolvimentos, numa mesma sociedade e ao longo de muitas gerações. É quase certo que o significado de certas palavras-chaves e, em especial, as implicações emocionais embutidas nelas, que são transmitidas de geração em geração sem análise e frequentemente sem alteração, desempenham um papel na continuidade flexível do que, sob outros aspectos, é conceituado como “caráter nacional”.

O tipo de situação, que Elias faz referência no trecho acima, se expressa na sociedade alemã, na separação entre história política e história da cultura. Ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, a sociedade alemã se manteve segmentada entre, a classe média culta e sem cargos de liderança ou relevância social e a classe alta, de ricos e políticos influentes que se aproveitaram da vontade de separação, oriunda da classe média, para uma separação efetiva e manutenção da situação favorável em termos de controle social (ELIAS, 1997).

A leitura de dados expressos em termos de uma sociedade específica, não pode e nem deve ser mensurado. Nessa medida, o contexto de onde retiramos ou analisamos os dados sociais deve ser compreendido na extensão e importância que tenham para cada sociedade.

Sendo assim, as crenças humanistas e moralistas como ideal de autoimagem da sociedade alemã cedeu lugar a crença na autoimagem

nacionalista. No cerne desta questão, encontram-se diversos elementos de disputa de poder, onde o que percebemos ao fim é que o grupo aristocrático, que possuía o controle político do país e que pregava a autoimagem nacionalista suplantou com suas estratégias políticas e com perspicácia o grupo dos humanistas. Isso ocorreu também, devido ao que aconteceu na França, pois a revolução francesa delegou menor importância às crenças humanistas que os próprios franceses difundiam anteriormente (ELIAS, 1997).

A inversão causada pela revolução francesa gerou o fim das disputas entre as elites dominantes e as elites de classe média, a crença em uma autoimagem, ou em um nós-ideal/nós-imagem delas “foi formado por uma imagem de sua tradição e herança nacionais” (Elias, 1997, p.129), essa ideia foi pautada nos valores das classes aristocráticas e alinhada em uma vontade de estabilidade e conservadorismo.

Fica assim marcada a diferença entre, um sentimento anterior de vários “nós” atravessados por diferentes histórias e que carregavam consigo uma ideia de movimento, de processo, e a ideia de pertencimento nacional ou nós-imagem pautada em um sentimento de unidade, de nação e que carrega consigo um estado de imutabilidade. Como bem coloca Elias (1997, p. 130): “[...] com essa transferência de ênfase emocional do futuro para o passado e o presente, de crença na mudança para melhor, para a crença no valor imutável das características e tradições nacionais”.

Houve entre os séculos XVIII e XX, uma mudança nos paradigmas sociais apesar das peculiaridades do processo em cada país. Nossa ideia não é ressaltar se um paradigma é superior ao outro, apesar de na configuração que se apresentava naquele ambiente, Europa dos séculos XVIII, XIX e XX, um se sobrepôs ao outro em termos de aceitação e possibilidade de escolha, bem como a tolerância a determinados comportamentos e que contribuíram para a diminuição dos conflitos belicosos, mas não sua extinção, e com isso a coabitação social tornou-se mais possível entre os grupos sociais. Como descreve Elias (1997, p. 132):

[...] a irrestrita e competitiva luta pela realização de interesses pessoais nas relações entre Estados continuou sendo, [...], a prática largamente favorecida pelos grupos principescos e aristocráticos



dominantes. O código aristocrático era um código de honra, civilidade e de boas maneiras, de convivência e diplomacia, o qual, até em sua aplicação aos membros de uma mesma sociedade, incluía o uso de violência, desde que fosse usada de maneira cavalheiresca, por exemplo, na forma de duelos.

Nesse mesmo sentido e em comparação com o código de conduta das classes dominantes, a classe média que logo ganhou distinção tinha também um código de conduta, mas, pautado na autointernalização dos comportamentos aceitáveis (ELIAS, 1997).

A sóciogênese da atual sociedade se torna importante para explicar as configurações e processos no interior da sociedade e dos grupos formados nesses contextos. Isso nos leva a compreender o atual estágio e o comportamento dos grupos que estão em seu interior, suas lógicas de funcionamento, suas regras, e, por vezes, seu grau de integração, em determinados aspectos, com outras configurações hierarquicamente superiores da sociedade, como esferas de governo municipal, estadual, federal, por exemplo.

Para além do diálogo entre esferas legítimas de governo social, estruturas criadas pelos indivíduos para um melhor funcionamento dos grupos em sociedades. Existe também um diálogo entre estruturas, grupos, não formalizados ou estruturas formadas para um melhor funcionamento dos indivíduos, aonde existem certos acordos informais a que todo indivíduo que pertença a este grupo ou que almeja pertencer, deve conhecer e se submeter a eles (ELIAS, 1997).

Um exemplo disso é que, entre os séculos XVIII e XX, as classes médias na Alemanha, França e Inglaterra cresceram em importância para a sociedade, passaram de meros coadjuvantes do ponto de vista governamental, a dirigentes efetivos das sociedades, ou seja, mudaram de perspectiva, de “local” dentro da sociedade. A partir de então, aonde antes existia um código de conduta humanista e solidário, agora existe um choque contra o código – não escrito – ao longo de séculos passados pela aristocracia governante, cavalheiros e burgueses, aonde a preocupação consigo mesmo e com a manutenção da própria vida comandavam as ações, dessa forma existiu a

reprodução de uma perspectiva tomada como normal perante a situação de governo.

O processo não é uma reprodução passiva do sentimento aristocrático de governo, nem o processo de assimilação de herança pura e simples. Nesse sentido, o processo de sentimento de pertença a um grupo ou classe (*ethos*) se reverbera nos *habitus* ou maneiras aceitas em forma de regras – não escritas – e características a um grupo específico. Elias (1997, p. 136) descreve o tipo de processo:

[...] até o uso de força física, incluindo a violência e a morte, estava sujeito, dentro de limites, a um código de honra e valor de que os oficiais militares [...] compartilhavam. [...] não destruíam o sumamente desenvolvido *esprit de corps*, o “sentimento-de-nós” do oficialato militar, em lados opostos de sua capacidade de cavalheiros ou nobres, como membros do mesmo “estado”. [...] esse “sentimento-de-nós” das classes altas pré-revolucionárias da Europa, que transcendeu as fronteiras de Estados, era provavelmente mais forte do que qualquer “sentimento-de-nós” - qualquer sentimento de identidade – que homens dessas classes altas tivessem com as classes inferiores de seu próprio país.

Portanto, o choque entre o que era a ação governante aristocrática e o código de conduta das classes médias ascendentes, transformou o comportamento aceito de governo, guardando características de ambos e assumindo as suas próprias, sem que nenhum dos grupos tivesse controle total sobre isso. O novo sentimento de nacionalismo, que Elias se referiu no trecho acima, alterou, inclusive, as relações de governo interestatais, pois começam a perceber não mais os governantes como representantes de grupos ou classes e sim como representantes de uma nação.

Dessa maneira, o sentimento de nação, ou o *ethos* nacionalista, afeta as relações interestatais, bem como, o comportamento de quem pertence às nações e as maneiras de se fazer política por elas. Da mesma forma, os sentimentos de coletividade, ou de representação das coletividades nacionais, ganham símbolos, palavras que as representam, com linguajares próprios e atitudes.

Pensando a respeito do caráter nacional, ou do sentimento de pertença aos grupos nacionais e os termos representativos do nacionalismo concordamos com o que escreve Elias (1997, p. 142):

[...] quais mudanças na estrutura das sociedades de Estado explicam a mudança de uma expressão de lealdades e de sentimentos de solidariedade em termos de uma devoção a reis e príncipes [...] para uma expressão de lealdades e sentimentos de solidariedade em termos de uma nação [...] na sociedade em geral, é impossível avaliar o papel que publicações de uma *intelligentsia* nacionalista desempenham na nacionalização do *ethos* e do sentimento da grande massa de indivíduos que formam essa sociedade.

Os crescentes e complexos processos de integração pelos quais passa a sociedade contemporânea, se tornam difíceis de discernir entre os comportamentos de caráter nacionalista e/ou com o caráter dos grupos ou classes a que os indivíduos e configurações pertencem. No caso desse estudo, pensando especificamente nos grupos escolhidos, poderíamos problematizar sobre o reconhecimento identitário de grupo e as sobrepujanças das relações sociais de classe, nacionalismo?

Elias (1997, p. 143) contribui com alguns apontamentos:

Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou a uma única pessoa numa posição de mando, mas também em relação a uma coletividade soberana que o próprio indivíduo forma com milhares ou milhões de outros indivíduos.

Se realizarmos uma analogia entre o conceito de *ethos* nacionalista para um *ethos* dos grupos sociais pertencentes a nações, sejam países, estados ou municípios das sociedades industriais contemporâneas, talvez possamos aproximar a gênese dos grupos e o sentimento de pertencimento a eles, das peculiaridades da sóciogênese local, bem como, fazer aproximações da integração local, estadual e nacional.

Caracterizando esse tipo de autoafirmação, Elias (1997, p. 144) auxilia quando afirma:

Um membro de uma diferenciada nação-Estado industrial do século XX, que faz afirmações em que usa uma forma adjetivada do nome de seu país como um atributo pessoal seu – “Eu sou francês”, [...]. Para a maioria dos indivíduos criados numa sociedade-Estado desse

tipo, tal afirmação comporta uma referência a sua nação e, ao mesmo tempo, a características e valores pessoais.

O *ethos* funciona como mecanismo deflagrador de certos comportamentos, relacionado a regras e normas, automaticamente evocadas por e para um coletivo de indivíduos vinculado a determinadas situações simbólicas e emocionais, assumidas pelo funcionamento do coletivo, quase como a hierarquia de funcionamento coletivo (ELIAS, 1997). Nesse mesmo sentido, Elias (1997, p. 148) escreve:

Nas sociedades-Estado dos séculos XIX e XX, as pessoas são assim criadas e educadas com disposições para agir de acordo com, pelo menos, dois importantes códigos de normas que são, em alguns aspectos, mutuamente incompatíveis. A preservação, a integridade e os interesses da sociedade-Estado, de sua própria coletividade soberana e tudo o que ela representa e simboliza, são assimilados por cada indivíduo como parte de seu *habitus*, como um princípio condutor da ação que, em certas situações, pode e deve sobrepor-se a todos os outros. Ao mesmo tempo, porém, as pessoas são criadas e educadas com um código humanista, igualitário ou moral, cujo valor supremo, superando todos os outros, é o ser humano individual.

A dualidade, se pensada a partir de relações intra e interestatais gera sérios problemas, já que, cada povo, ou cada nação percebe diferentemente as maneiras de lidar com um problema paradoxal, que está vinculado ao próprio processo de formação das nações ou subgrupos nacionais. O humanismo e o nacionalismo são incompatíveis, por vezes se misturam dependendo do grupo que se utiliza dele e da maneira como precisa ser utilizado (tempos de guerra e paz, por exemplo), no entanto, tornam-se ferramentas de “adestramento” de ambiguidade social ou de simples desacordo, ou incompreensão entre nações, grupos.

Torna-se importante para nosso trabalho aproximar o sentimento de pertença a pequenos grupos de sua sóciogênese da sóciogênese mais ampla da sociedade que estudamos e para isso nos valeremos de mais algumas discussões feitas por Elias (2000) com intuito de relativizarmos os conceitos do autor em relação ao nosso objeto.

### 2.3 O *ETHOS* DO BASQUETEBOL RIOGRANDINO

Salientamos que a configuração do que acreditamos ser o *ethos* do basquetebol riograndino não se delimita totalmente em relação direta aos conceitos apresentados no trecho seguinte, mas sim, começa a ser delimitado aqui, sempre levando em conta que as pesquisas de Norbert Elias são referentes aos grupos por ele apresentados, mas que trazem aproximações importantes ao nosso estudo facilitando a leitura de nosso grupo/sociedade.

Assim sendo Elias (1997; 2000) traça, para além das grandes sociedades-Estado contemporâneas, a possibilidade de analogia entre a formação do *ethos* nacionalista e do *ethos* dos grupos no interior das teias de interdependência das nações, em seus grupos e nas lutas por espaço no interior dos seus processos de integração.

Elias (2000, p. 21) nos fornece uma melhor compreensão da complexidade nas relações grupais, o que de certa forma, é importante para a compreensão do cotidiano das sociedades:

[...] todo o arsenal de superioridade grupal e desprezo grupal era mobilizado entre dois grupos [...] com tudo o que ela implicava, conseguia, por si só, criar um grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir á euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com desprezo complementar por outros grupos.

É possível perceber na análise do autor como se processam sentimentos de pertencimento às configurações sociais, principalmente nas relações de disputa por reconhecimento social dos pares.

No caso dessa pesquisa, como se processou a formação dos grupos, ou dos clubes que representavam não somente a si mesmos como equipes, mas, o que acreditamos ser o *ethos* do basquetebol riograndino?

Para nos aproximarmos do estudo apresentado por Norbert Elias (2000), procuramos demonstrar que as relações de poder em uma sociedade não estão exclusivamente relacionadas ao controle dos meios de produção, ou ao poder econômico financeiro, mas também, ao grau de coesão do qual é capaz de estabelecer um grupo.

A coesão sob um ponto de vista estático pode parecer uma explicação causal aos problemas de relações de poder entre grupos, e, entre os indivíduos de um mesmo grupo, mas pensando processualmente, percebemos que para além de uma explicação causal devemos atentar como foi estabelecida a configuração estudada em um longo período, que indivíduos estão em posições de poder privilegiadas dentro delas e a que grupos eles pertencem, para assim compreender as relações de poder que eles estabelecem com outros grupos da teia social onde estão inseridos.

Elias (2000, p. 26) nos auxilia a compreender como o sentimento de pertença a determinado grupo afeta a estima dos indivíduos para o grupo e a própria dinâmica interna de reconhecimento e apreço entre os indivíduos do grupo e, por consequência, seu status social e sua imagem externa:

[...] os grupos dominantes com uma elevada superioridade de forças atribuem a si mesmos, como coletividades, um carisma grupal característico. Todos os que “estão inseridos” neles participam desse carisma. Porém tem que pagar um preço. A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos. O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso – e, segundo a equação afetiva do indivíduo, singularmente valioso e humanamente superior – estão funcionalmente ligados à disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo. Tal como em outros casos, a lógica dos afetos é rígida: a superioridade de forças é equiparada ao mérito humano e este a uma graça especial da natureza ou dos deuses. A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação pessoal decorrente da submissão às normas grupais.

Percebemos através das discussões de Elias como funciona a dinâmica de sentimento de pertencimento e a consequente submissão às normas sociais grupais a que todos obedecem em detrimento à vida social e a coabitação coletiva humana, bem como pelo símbolo de poder erguido em torno da mesma submissão e obediência.

Por vezes, quando se trata de um grupo outsider<sup>34</sup>, o valor ao sentimento de pertença advém justamente do motivo do “preconceito” proferido contra o seu grupo, e, essa marca de estigmatização estabelece um padrão de comportamento característico, marginal (por parâmetros destinados pelos grupos estabelecidos) ao grupo discriminado. Inclusive afetando o comportamento de gerações posteriores de outsiders.

Algumas características marcantes dos grupos de “basqueteiros” riograndinos estão relacionados a serem fortemente aguerridos e, por isso, pouco queridos ao redor do estado quando confrontavam seus adversários<sup>35</sup>.

Em termos de grupos sociais, sejam muitos grupos pequenos ou poucos grupos grandes, devemos sempre atentar para o processo histórico de formação, e levar em conta, algo que por vezes não recebe a devida atenção, a autoafirmação através da fantasia depreciativa ou valorativa em torno dos grupos ao longo dos seus processos formativos. Como salienta Elias (2000, p. 37):

O ideal de racionalidade na condução das questões humanas continua a barrar o acesso à estrutura e à dinâmica das figurações estabelecidos-outiders, bem como às fantasias grupais de grandeza que elas suscitam, e que são dados sociais *sui generis*, nem racionais nem irracionais. No momento, as fantasias grupais continuam a escapar pelas malhas de nossa rede conceitual. Surgem como fantasmas proto-históricos que parecem ir e vir arbitrariamente. No estágio atual do conhecimento, chegamos ao ponto de reconhecer que as experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são arbitrárias – que têm uma estrutura e dinâmica próprias. Aprendemos a perceber que essas experiências e fantasias individuais, num estágio primitivo da vida, podem influenciar profundamente a moldagem dos afetos e a conduta em etapas posteriores.

Elias nos mostra um caminho viável de estudos para novos elementos da sociedade, e que, no atual estágio do pensamento acadêmico nos escapam ao olhar. Ele nos atenta para as representações do imaginário, mesmo que fantasioso, do processo de formação de grupos estabelecidos e como ele

---

<sup>34</sup> Termo utilizado por Elias e Scottson (2000) para se referir ao grupo que não é o estabelecido, geográfica e socialmente, ou seja, faz referência aos forasteiros, que nunca deixarão de sê-lo se comparados aos estabelecidos.

<sup>35</sup> Para mais informações, ver: FRANÇA, M. T. **Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009.

influencia ao longo do processo de disputas de acesso ao poder os grupos outsiders. Ou seja, a maneira com que um grupo se estabelece está diretamente relacionada à maneira como o grupo tenta se sustentar no lugar por ele estabelecido.

Outro ponto importante no estabelecimento da integração de um grupo está na relação nós e nós-ideal, ou seja, como efetivamente são as relações de poder internas e externas do grupo, e, como os indivíduos pensam que elas são. Para tanto, Elias (2000, p. 43) descreve essa relação:

Um exemplo notável de nossa época é o da imagem e do ideal de nós de nações anteriormente poderosas, cuja superioridade em relação a outras sofreu um declínio. Seus membros podem sofrer durante séculos, porque o ideal do nós carismático coletivo, moldado por numa auto-imagem idealizada dos tempos de grandeza, permanece por muitas gerações como modelo ao qual eles crêem dever conformar-se, sem ter a possibilidade de fazê-lo. O brilho de sua vida coletiva como nação extinguiu-se; sua superioridade de poder em relação a outros grupos, afetivamente entendida como um sinal de seu valor humano superior em relação ao valor inferior desses outros, está irremediavelmente perdida. Não obstante, o sonho de seu carisma especial mantém-se vivo de diversas maneiras – através do ensino da história, das construções antigas, das obras-primas da grandeza da nação em seus tempos de glória ou de novas realizações que pareçam confirmar a grandeza do passado. Por algum tempo, o escudo fantasioso de seu carisma imaginário, como grupo estabelecido e dominante, pode dar a uma nação em declínio forças para seguir em frente. Nesse sentido, pode ter um valor de sobrevivência. Mas a discrepância entre a situação real e a situação imaginária do grupo entre outros também pode acarretar uma avaliação errônea dos instrumentos de poder de que ele dispõe e, por conseguinte, sugerir uma estratégia coletiva de busca de uma imagem fantasiosa da própria grandeza, que é capaz de levar à autodestruição e a destruição de outros grupos interdependentes. Os sonhos das nações (como os de outros grupos) são perigosos.

A autoimagem dos grupos e as relações que estabelecem com outros grupos têm papel fundamental na compreensão das dinâmicas sociais e na própria formação dos grupos.



Através da conceituação teórica pautada em Norbert Elias tentamos com essa dissertação fornecer vestígios para uma configuração do *ethos* do basquetebol riograndino, vestígios presentes na historicidade da modalidade na cidade, como comentamos ao longo do texto e, mais especificamente, através dos clubes que consideramos fundamentais na delimitação do *ethos* do basquetebol local.

Na segunda parte do trabalho apresentamos as aproximações entre os dados contidos nas entrevistas e imagens realizando aproximações teóricas para tentar delimitar o *ethos* do basquetebol riograndino, bem como utilizamos de discussões da memória para compreender a configuração onde o basquetebol se insere na sociedade riograndina.

### **3. SEGUNDA PARTE: O BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS ANOS DE 1960, 1970 E 1980: “DÉCADAS DA EFERVESCÊNCIA”**

### 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CIDADE DO RIO GRANDE

Nosso trabalho pretende compreender especificidades históricas e sociais da configuração entre o basquetebol e a cidade do Rio Grande, porém para atentarmos a essas especificidades precisamos compreender primeiramente o quadro onde a cidade estava inserida quando de sua fundação.

A cidade fundada em 1737<sup>36</sup>, ano ícone da constituição da vila do Rio Grande de São Pedro<sup>37</sup>, com o Brasil ainda como colônia lusa, marca já naquela época a importância estratégica dada ao município para a demarcação territorial do Brasil luso em relação à coroa espanhola devido a então divisão geográfica dada a América do Sul pelo Tratado de Tordesilhas<sup>38</sup>, lembramos que o domínio português terminava onde hoje é o estado de Santa Catarina, no município de Laguna (BARROSO in CARELI; KNIERIN (orgs.), 2011).

Já podemos delimitar que as tentativas de expansão territorial<sup>39</sup>, geográfica e política se processavam mesmo anteriormente à aquisição lusa das terras mais ao sul. Essa região foi marcada por desavenças territoriais ainda no século XVIII, como descreve Oliveira (2012, p. 63):

Em razão da disputa das fronteiras, a característica da região sul do Brasil, durante o século XVIII, foi a de ocupação militar, consequência das ações da Coroa Portuguesa para reforçar o sistema de defesa com fortificações, não só no litoral como nas margens dos principais rios da região.

---

<sup>36</sup>TORRES, L. H. Cronologia básica da história da cidade do rio grande (1737-1947). *Biblos*, v. 22, n. 2, p. 9–18, 2008; PELISSARI, M. K. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. 202f.

<sup>37</sup> ““Rio Grande” seria, no século XVI, nome dado às águas que se estendiam do Guaíba até o Atlântico. A barra, em 1532, já fôra visitada por Afonso de Souza e a enseada mais importante recebeu o nome de São Pedro.” (Cherini, 2007, p. 228). Segundo o autor a denominação de sede municipal foi dada no ano de 1809. Para mais, ver: Cherini (2007).

<sup>38</sup> Para mais, ver: CINTRA, J. P. O mapa das cortes e as fronteiras do Brasil. *Boletim de Ciencias Geodesicas*, v. 18, n. 3, p. 421–445, 2012.

<sup>39</sup> Sobre as guerras guaraníticas e o papel açoriano ver: BARROSO in CARELI; KNIERIN (orgs.), 2011; sobre o ponto de vista nativo do desencadeamento das guerras guaraníticas, ver: LAROQUE in CARELI; KNIERIN (orgs.) 2011.

Cenário esse que somente se altera, segundo Heinsfeld in Cadernos CHDD (2007), no início do século XX.

Ainda no Século XVIII alguns povoados expansionistas lusos foram criados, entre eles o do porto de Rio Grande, que hora pertenceu aos portugueses, hora aos espanhóis, assim como as terras mais a oeste do que hoje se configuram os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essas disputas territoriais entre as coroas portuguesa e espanhola marcariam a região sul do Brasil e especialmente o Rio Grande do Sul, onde além das guerras de extermínio dos nativos, apesar das tentativas de catequização principalmente espanholas, se delinearam as incorporações, anexações e perdas de territórios de parte a parte até a primeira metade do século XIX, tendo como marco inicial do término desses conflitos a revolução farroupilha (1835-1845)<sup>40</sup>.

O contexto que encontramos no estado entre os séculos XVIII e XIX é um contexto de disputas territoriais, alianças, desavenças em que a Banda Oriental (atual Uruguai) e o Vice-Reinado do Prata (atual Argentina), influenciaram sobremaneira a ocupação portuguesa do então Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul (atual Rio Grande do Sul), devido as semelhanças nas produções, criações de gado e charque efetuadas pelo Rio Grande do Sul e Uruguai<sup>41</sup> e pelo interesse no contrabando de prata escoado

---

<sup>40</sup> A revolução farroupilha foi uma revolta dos produtores e trabalhadores, sobretudo campeiros do então Continente de São Pedro, contra o que os revoltosos acreditavam ser imperícias administrativas e políticas do imperador Dom Pedro I, a disputa se deu em torno da produção de gado principalmente, mas houve questões pendentes relativas a independência da República Oriental do Uruguai, anteriormente anexada ao território de São Pedro e que havia deixado dívidas entre os gaúchos (Orientais e brasileiros) quando da derrota na guerra da Cisplatina, atribuída a improbidade no comando dos generais enviados pelo império para liderar a guerra. Por último depois da independência do Uruguai o país maltratado por inúmeras disputas e guerras necessitava de ajuda econômica para manter-se independente e o Brasil mais interessado na aliança econômica com o novo país taxava os produtos saladeris uruguaios, mais baratos do que os sul-rio-grandenses gerando enorme descontentamento entre os saladeiros luso-brasileiros foram alguns dos elementos apontados para a eclosão da revolução. Para mais, ver: Avila in Careli; Knierin (orgs.) (2011). Zalla & Menegat (2011); Oliveira (2012); Miranda (2008); Gonçalves (2009); Klafke (2011); Cadernos CHDD (2007); Barrio (2011) e Dornelles (2010).

<sup>41</sup> Para mais, ver: Avila in Careli; Knierin (orgs.) (2011).

por Orientais e Platinos via Rio da Prata (OLIVEIRA, 2012), o que tornou a disputa não somente territorial, mas econômica.

Já durante o transcorrer do século XIX a principal atividade econômica do Rio Grande do Sul passa a ser a produção de charque e derivações dessa produção “saladeril” como também era denominada a atividade<sup>42</sup>. Vale ressaltar que todo o processo de demarcação, conquista territorial, posterior fixação e desenvolvimento, sobretudo, no período “saladeiro” é tomado pela presença tanto nativo/indígena, quanto negra/escrava, esta tendo seu ápice justamente nesse último período mencionado (ASSUMPÇÃO in CARELI; KNIERIN. (orgs.), 2011).

A importância das charqueadas para este trabalho era a sua localização, principalmente na cidade de Pelotas que dista de Rio Grande aproximadamente 50 quilômetros e que a produção saladeril representava cerca de 85% das exportações gaúchas nesse período, sendo a maior parte escoada pelo porto de Rio Grande. Pelotas à época era a cidade mais economicamente próspera do estado (ASSUMPÇÃO in CARELI; KNIERIN (orgs.), 2011).

A importância do porto de Rio Grande está intimamente ligada a importação e exportação de mercadorias agropastoris ao longo do século XIX, contudo a cidade pouco tinha de moderna, em termos de infraestrutura relacionada a suas atividades comerciais tão intensas, como revela o trabalho de Neves (1980), o autor relata alguns fatores que vieram a ser melhorados apenas próximos a segunda década do século XX, quando da intervenção de projetos de modernização do porto com ajuda estrangeira.

Outra marca que os trabalhos de (NEVES, 1980.), (CARELI; KNIERIN, 2011), (OLIVEIRA, 2012), (PELISSARI, 2012) e (BERUTE, 2011) deixam transparecer é a troca, quase que automática, do valor bélico-estratégico do porto em tempos de guerras de demarcação territorial, para ponto estratégico-econômico mercantil dado ao porto tanto o marítimo que recebia e enviava mercadorias para outras capitanias e para o mundo, quanto o lacustre, que

---

<sup>42</sup> Para mais, ver: Assumpção in Careli; Knierin (orgs.) (2011).

distribuía as mercadorias para outras vilas do interior do estado<sup>43</sup>. Contudo, os trabalhos pouco mencionam diretamente no que representou essa “fronteira marítima” em termos culturais para a cidade e os municípios vizinhos. Uma descrição aproximada do cenário presente no Rio Grande do Sul entre os séculos XVIII e XIX feita por Assumpção in Careli; Knierin (2011, p. 142), aproxima-se do que compreendemos constituir a região sul desse estado:

Em tempos difíceis e de conflitos, eram raras mulheres brancas que aceitavam vir a essas terras sem lei. Tal fato fez com que se tornasse comum a união de soldados com índias e negras, o que proporcionou um caldeamento étnico entre os habitantes do Brasil Meridional, para o desespero de muitos, que se orgulham de suas raízes europeias e sonham os laços sanguíneos de africanos e indígenas com a população lusa. A província de São Pedro passou a ser cenário de uma grande mestiçagem populacional.

Outras etnias europeias presentes são os italianos e alemães vindos ao estado, os primeiros fixaram-se principalmente na serra gaúcha (atualmente região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi) e os segundos junto ao vale do rio dos sinos (atualmente região de Santa Cruz do Sul, Lajeado e Veranópolis), posteriormente ambas as etnias espalharam-se, sobretudo, pelo interior do estado (NEVES, 1980).

Nesse ponto um autor importante para descrever o ambiente formativo da região sul do estado na virada do século XIX-XX em concordância com nossa perspectiva é Rigo (2001, p. 35) quando descreve o futebol de fronteira<sup>44</sup>:

O termo futebol de fronteira está sendo usado em um duplo sentido: tanto para se referir às práticas de futebol que se materializam em uma zona de fronteira, como para ressaltar a propensão de determinadas práticas culturais têm em desrespeitar, ultrapassar as fronteiras geográficas.

---

<sup>43</sup> Cabe a ressalva de que Rio Grande de São Pedro foi a capital do continente desde a sua fundação (1737) até a tomada da vila pelos espanhóis (1763) quando a capital foi transferida para Porto Alegre/Viamão (Oliveira, 2012).

<sup>44</sup> Cabe a referência de que este termo cunhado pelo autor foi inspirado em alguns autores que antes dele fizeram menção ao termo “cultura de fronteira”. A inspiração principal de Rigo (2001) foram Stuart Hall (2000) e Boaventura de Sousa Santos (1994).

Apesar do autor utilizar o futebol como elemento cultural determinante para o termo, nesse trabalho, utilizaremos a expressão sem esse determinante, apenas como “de fronteira” para delimitar uma região perpassada pelos encontros, pelas aproximações entre as mais diversas práticas sociais e culturais.

Ao longo do século XIX Rio Grande e seu porto são considerados, segundo Oliveira (2012), o maior mercado do Brasil meridional mesmo com déficit em sua infraestrutura portuária conforme relata Neves (1980). Nessa época já se percebem grandes companhias comerciais dos mais variados lugares do Brasil e do mundo instalando-se na então cidade do Rio Grande. Se contarmos entre o final do século XIX e início do XX conforme dados apresentados por Neves (1980), aproximadamente seis grandes indústrias já haviam criado um polo industrial em Rio Grande e vinte “firmas comerciais” (NEVES, 1980, p. 31) estavam presentes no município.

Um dos motivos para essa prosperidade comercial, principalmente no começo do século XX, foi a construção da barra de Rio Grande e São José do Norte através dos molhes da barra, obra que durou cerca de dez anos, que constituiu na construção de dois avanços de pedras em direção ao oceano, do lado leste (São José do Norte) o avanço foi de 3.940 metros findados em 1915 e do lado oeste (Rio Grande) 4.012 metros findados no mesmo ano (Neves, 1980). Segundo Neves (1980, p. 45) essa obra foi concluída “[...] dando início a uma maior navegação e segurança, aumentando o número e a tonelagem dos navios [...]”, ainda segundo o autor, aproximadamente nesse mesmo período podemos salientar a construção do porto novo de Rio Grande e a remodelação do porto velho, sob a ação da mesma companhia estrangeira responsável pela construção dos molhes da barra<sup>45</sup>.

Sendo motivo da prosperidade local desde a fundação do município, o porto da cidade auxiliou para a modernização da cidade do Rio Grande, como menciona Neves (1980), através do comércio e da instalação de indústrias e

---

<sup>45</sup> Para mais, ver: Neves, H. A. P. A importância do porto do Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul (1890-1930). 1980.

grandes empresas comerciais, atraídas pela facilidade de escoamento e importação de produtos.

A primeira metade do século XX para a cidade foi próspera em termos comerciais, econômicos e urbanos, tendo a cidade um caráter pioneiro em diversos assuntos. Para além dos elementos práticos da vida urbana, os temas que vamos tratar nesse trabalho e que para nós representam maior importância são as relações socioculturais desenvolvidas na cidade, pelos seus cidadãos e que para nós regem um jeito próprio do riograndino.

Todos os fatos históricos elencados até o presente foram destacados como pontos de apoio para compreendermos alguns dos atravessamentos sofridos pela cidade e, por conseguinte pelas pessoas que na cidade habitaram ao longo de sua história. Nosso trabalho deter-se-á sobre as décadas de 1960, 1970 e 1980 e, portanto uma história mais próxima e tangível da compreensão contemporânea.

A ligação entre os fatos históricos mencionados e o foco de nosso estudo se dá quando delimitamos nosso espaço “geográfico” de pesquisa, que é o centro da cidade, que como comenta Pelissari (2012, p. 37) é:

O centro de uma cidade, em geral, é o local que abriga a política, a economia e a religião, além de ser local de cultura e intensa sociabilidade. Na cidade do Rio Grande, o centro histórico era onde ficava a Prefeitura Municipal, o antigo Quartel General, a Alfândega, a Igreja Matriz, os principais pontos de comércio e serviços, as maiores praças e passeios, a Biblioteca Rio-Grandense, os cine-teatros, as confeitarias e cafés, os clubes sociais. É neste centro que a vida urbana se desenrolava e que as sociabilidades [...] aconteciam.

Percebemos através da autora um bom retrato sociocultural da cidade na primeira metade do século XX. Ressaltamos a importância, em congruência com Torres (2008), da inauguração da refinaria de petróleo Ipiranga S/A em 1937, como outro ponto de mudanças na cidade, sobretudo para a segunda metade do século XX.

A autora também descreve que a mídia de maior abrangência no período era o rádio (PELISSARI, 2012), salientamos esse ponto para compreendermos algumas falas de nossos entrevistados sobre os confrontos citadinos à época.



Juntamente com a prosperidade econômica e urbana, nosso trabalho faz menção a uma configuração sociocultural específica: o basquetebol riograndino. Para tanto faremos, algumas menções, sobretudo às atividades de lazer desenvolvidas na região e na cidade ao longo do século XX. Serão de grande ajuda os já mencionados trabalhos de Pelissari (2012) e Rigo (2001), para ambientarmos nosso trabalho nesse sentido.

As afirmações de prosperidade na região sul do estado do Rio Grande do Sul durante boa parte do século XX são notórias como visto anteriormente, porém até aqui pouco mencionamos acerca dos passatempos ou da configuração esportiva na cidade, fator também emblemático na região e no município de nosso foco.

Dessa maneira apontamos para o surgimento dos clubes esportivos na cidade ainda no final do século XIX e início do XX, primeiramente com práticas aquáticas como o remo, a natação, o polo-aquático<sup>46</sup> e atividades terrestres destacando inicialmente o atletismo, o tênis, a esgrima e o futebol. Segundo fontes jornalísticas o basquetebol chegou a Rio Grande na década de 1920, como alternativa de entretenimento para sócios de um clube local.

Tendo o futebol o emblema de “esporte das multidões” (Witter, 2003, p. 162) chega ao estado mesmo antes da organização de clubes (Rigo, 2001) e colaborou para a disseminação das práticas esportivas, tendo também peso na constituição da aceitação delas na região. Em Rio Grande o interesse na prática desperta rivalidades clubísticas, já que dos esportes citados acima como pioneiros, era o único esporte coletivo sem pré-requisitos para a prática.

Outro autor que reconhece a relação informal da prática na cidade em fins do século XIX é César (2012), quando comenta os primeiros locais onde se organizaram campos para a prática regular da modalidade. Independentemente da formalidade ou não da prática, o futebol foi e é muito praticado na cidade até a atualidade.

---

<sup>46</sup>Para mais, ver: LEMOS, J. B. **As interfaces do basquetebol veterano masculino do Clube Regatas Rio Grande-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso. Educação Física. URCAMP, 2006; GAUTÉRIO, Marta Soares. **A cidade, as águas e as práticas esportivas: a história do Clube Regatas Rio Grande (1897-1999)**. Trabalho de Conclusão. Curso de Graduação em História. Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2000.

A forma como as modalidades esportivas chegaram à cidade do Rio Grande, tem relação direta com a possibilidade de contatos diretos com outros continentes e seus imigrantes, ou visitantes estrangeiros vindos à cidade, o basquetebol parece ter tido o mesmo caminho. Ao longo do século XX as práticas esportivas coletivas se proliferaram na cidade e na região, através das organizações informais, de clubes e escolas, o que cooperou para o que acreditamos ser a efervescência do basquetebol nas décadas de 1960, 1970 e 1980 na cidade.

### 3.2 IMAGENS E ORALIDADE: INTERLOCUÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO BASQUETEBOL RIOGRANDINO

#### 3.2.1 Os entrevistados

Para atendermos as especificidades do basquetebol riograndino em uma dimensão diferente das apresentadas pelos jornais durante as décadas estudadas, buscamos na tradição oral, elementos que ampliem o significado que a modalidade teve para a cidade.

Para isso, realizamos entrevistas com os ex-atletas da modalidade, com intuito de compreender a relação desses ex-atletas com a modalidade e as relações estabelecidas pelas equipes esportivas dos clubes com a cidade do Rio Grande.

O primeiro atleta entrevistado é o senhor Laerte Schmitt, que iniciou sua relação com o basquetebol no início dos anos 1960, seguindo uma tradição familiar juntou-se ao clube, que segundo ele, nunca deixou de frequentar. Schmitt (2014):

Ah... Eu não deixei de frequentar o clube praticamente nunca né. Eu sempre praticava ou treinava, como eu morava aqui perto ali na frente, pegava minha bolsinha e me tocava todas as tardes pra jogar

lá. Quando eu tinha tempo, inclusive sábado de manhã era o treino típico da gurizada. [...] sou considerado sócio, sou sócio jubilado honorário do Regatas né. [...] ó eu tenho aqui a minha carteirinha do Regatas ainda [...] o meu pai jogava e a minha mãe também jogava também ela também tinha uma relação forte com o basquetebol. [...] Vem de família.

Percebemos o forte vínculo familiar e clubístico do entrevistado. Apesar de não explicitar no trecho acima, os pais do entrevistado não pertenciam ao mesmo clube que ele tão firmemente defendeu admitindo filiação e fidelidade. Entendemos que o entrevistado foi importante para essa pesquisa devido ao seu envolvimento com o clube por ele mencionado, mas também, por ser tricampeão gaúcho adulto de basquetebol, sendo bicampeão pelo Clube de Regatas Rio Grande (1967 e 1973) e campeão pelo Ipiranga Atlético Clube (1976) e também pelo seu envolvimento na criação de equipes da modalidade em outros clubes da cidade do Rio Grande ao longo de sua “carreira” esportiva.

Nosso segundo entrevistado é o senhor Nelo Vieira, que iniciou sua jornada na modalidade já nos anos 1970 e estendeu sua participação até o final dos anos 1990, porém atentaremos para sua participação dentro das quadras de maneira mais efetiva, que segundo ele mesmo se deu, entre as décadas de 1970 e 1980. Quando perguntado sobre sua iniciação no basquetebol, Vieira (2014) comenta:

Eu fui pro Ipiranga, quando eu cheguei lá no primeiro dia tava toda essa minha turma que seguiu, tu vê, pelo menos os que eu me lembro. Por que tinha, na verdade a gente fica lembrando, acha que só tinham esses, não, na verdade devia ter mais gente na escolinha que ele montou [...] O Ipiranga tinha a refinaria! ... Que na época a refinaria era a refinaria Ipiranga né! Era o centro Ipiranga era em Rio Grande né! [...] eu sempre joguei pelo Ipiranga! [...] a geração do meu pai não pegou, não tinha nada a ver com basquete!

Percebemos na fala de nosso entrevistado um teor muito parecido em termos clubísticos, contudo sem um envolvimento familiar prévio. Sua fala revela um teor mais vinculado ao grupo com o qual se identificou ao longo de sua “carreira” no basquetebol e uma compreensão das estruturas por trás da equipe que tanto lhe foi cara para sua formação. Escolhemos esse atleta por

ter características de referência frente à geração que compreendemos como a última geração do auge do basquetebol riograndino, o da década de 1980.

Nosso terceiro entrevistado é o senhor Sérgio Pinto, que começou sua jornada no basquetebol ainda nos anos 1950 tendo encerrado em meados dos anos 1960, porém estendendo sua participação como diretor de basquetebol até os anos de 1970 e 1980. Sobre o assunto Pinto (2014) comenta:

No primeiro ano, ano que eu ingressei na refinaria, já comecei a disputar pelo Ipiranga Atlético Clube. [...] ele foi inaugurado em fevereiro, o Atlético aqui já existia na Vitorino ali (rua Major Vitorino)! Em 38, 39 eles inauguraram ali, mas depois aqui o clube novo, Ipiranga Atlético Clube, o ginásio foi inaugurado em fevereiro de 59. [...] é ao Ipiranga! Nunca joguei em outro clube. [...] de participar aqui pelo clube, eu joguei até 66! De 59 a 66! E aí eu casei e aí retornei ao clube já como diretor de basquete em 71! 70, 71. E fui até 74! Tivemos dois campeonatos estaduais eu como diretor pelo infanto-juvenil, estadual! E o juvenil de 74! [...] Trabalhei como diretor aqui né! [...] Tive sempre junto com a, com o treinador né! Larraude! Luti Borgueti! Piteira! (grifos nossos)

Percebemos, através do entrevistado novamente, o forte conteúdo do sentimento clubístico, dessa vez vinculado ao próprio emprego do entrevistado que propiciou um envolvimento não apenas de quadra, mas um engajamento “político”, por assim dizer, como dirigente da modalidade dentro do clube. Esse entrevistado foi escolhido justamente por essa participação gerencial da modalidade junto a um dos clubes incluídos na pesquisa e por ter sido jogador anteriormente mesclando situações e saberes diferenciados sobre a modalidade.

Nosso quarto entrevistado é o senhor Melik Curi<sup>47</sup>, iniciou sua relação com o basquetebol por influência clubística e familiar ainda na década de 1960, como Curi (2009) comenta:

[...] eu comecei no juvenil em sessenta e três, a disputar os primeiros campeonatos que nós tivemos. E tinha a parte estudantil, que era basicamente, São Francisco e Lemos Júnior. [...] Excelentes partidas. [...] Tive, tive, influência é do meu pai e do meu tio sempre foram é, é

---

<sup>47</sup> Essa entrevista foi recuperada por ter apresentado informações importantes sobre o basquetebol na cidade do Rio Grande.

aficionados por basquete. Participando não só como atletas, como na parte de dirigentes, e o meu treinador, quando eu fui campeão estadual foi o meu tio Antônio, Antônio Curi. [...] Lá no Regatas. [...]

Novamente percebemos o caráter clubístico no relato, acompanhado pela influência familiar demonstrando a relação próxima entre a prática da modalidade e o tempo livre em família. Esse entrevistado foi escolhido, por ser bicampeão estadual pelo Clube de Regatas Rio Grande (1967 e 1973) e por manter uma relação de linhagem com o clube como descrito no excerto acima.

Nosso quinto entrevistado é o senhor Eduardo Lawson<sup>48</sup>, iniciou sua aproximação com o esporte em Rio Grande, mas estabeleceu sua relação com o basquetebol na década de 1950 em outra cidade, como ele mesmo comenta. Lawson (2009):

[...] então a gente ia pro regatas batia bola de tênis, tomava banho o meu pai [...] gostava de esporte eu acho que aquilo ali criou aquele entusiasmo com 12 anos fui embora de casa eu fui pro internato em Porto Alegre, com 12 anos de idade e no internato marista, colégio marista o esporte ééé básico, lá jogava de manhã, de tarde e de noite [...] futebol eu sempre joguei desde criança, aí tinha basquete eu comecei a me meter em basquete [...] Aí aprendi com outros mais velhos do que eu e o Rosário naquela época tinha um timão de basquete [...] Isso aí foi em 55, 56.

Apesar de não ter iniciado sua jornada no basquetebol em Rio Grande, o senhor Lawson foi escolhido para esse trabalho por ter sido bicampeão estadual adulto de basquetebol pelo Clube de Regatas Rio Grande (1973) e pelo Ipiranga Atlético Clube (1976) o que de certa maneira lhe confere uma visão diferenciada por ter vivenciado ambos os clubes. Outro fator relevante em sua escolha é o de ser o atleta de basquetebol riograndino com maior reconhecimento, tendo sido convocado na década de 1960 para a seleção brasileira universitária de basquetebol<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> Essa entrevista foi recuperada por ter apresentado informações importantes sobre o basquetebol na cidade do Rio Grande.

<sup>49</sup> Curi (2009); Schmitd (2014); Pinto (2014); Vieira (2014).

Nosso sexto entrevistado é o senhor Ricardo Nóbrega, comerciante que concordou em nos dar essa entrevista no balcão de sua padaria que se encontra no mesmo local a mais de trinta anos. O senhor Nóbrega iniciou sua relação com a modalidade na década de 1960, tendo sido levado por um amigo para a prática, prática essa que o acompanha até os dias atuais no mesmo clube, como o entrevistado comenta. Nóbrega (2014):

Bom eu comecei no Regatas em 69 (1969) [...] Oooo, já é, [...] finado Arnaldo que me levou que também teve uma, uma belaaaa, carreira esportiva lá no Regatas, ele e a família dele que foi... [...] os Melo é! [...] E ele me encontrou, eu, nós estudávamos juntos do Lemos Júnior e ele me levou pra lá! Aí eu peguei gosto pela coisa. Eu, aí eu comecei na categoria, no segundo ano de infante lá [...]

O senhor Nóbrega foi escolhido para participar com seus relatos orais sobre o basquetebol riograndino por ter atravessado as três décadas que são focos desse estudo, jogou pelo Clube de Regatas Rio Grande apresentando relatos com conhecimento mais profundos sobre a modalidade não somente do clube, mas da cidade e apresentando grande influência nas equipes dessas décadas.

Essa breve apresentação dos entrevistados tem o intuito de introduzir as falas dos mesmos e seu envolvimento com o basquetebol e especialmente com o basquetebol riograndino. A seguir estreitaremos o envolvimento dos ex-atletas com a história do basquetebol local e discutiremos alguns papéis das imagens da modalidade nessa história, sempre que possível trazendo discussões tanto sociológicas quanto mnêmicas das imagens e das falas.

### 3.2.2 Relatos orais e fotografias como instrumentos para evocações da memória esportiva na cidade do Rio Grande/RS

Para alinharmos nosso viés teórico metodológico com nosso trabalho empírico acreditamos que o melhor caminho seja o de utilizar os relatos de nossos entrevistados e o material imagético coletado para fazer uma discussão histórico-sociológica mais abrangente e complexa.

Para tanto, concordamos com Bencosta (2011, p. 398-399) quando descreve sua postura frente à utilização fotográfica em pesquisas de cunho histórico:

Além de ser uma interpretação do real, a fotografia é um vestígio diretamente calcado sobre o real, como uma pegada. Partindo desse ponto, ficou claro que os objetivos de nossas indagações deveriam adotar procedimentos de investigação que não se circunscrevessem apenas ao levantamento e organização do material iconográfico, mas a um exercício contínuo de análise e interpretação que procurasse entender essa forma de representação visual e o seu uso em trabalhos históricos [...]

Nosso objeto possui uma historicidade que procuraremos problematizar com a ajuda de algumas fotografias das décadas de 60, 70 e 80 do século passado, época selecionada como foco principal desse trabalho devido a efervescência do basquetebol em termos de títulos e histórias relacionadas<sup>50</sup>.

Contudo a primeira fotografia selecionada é de alguns anos antes devido ao seu conteúdo, gerador do interesse inicial em pesquisar a modalidade, apesar da impossibilidade encontrada em verificar sua validade.

---

<sup>50</sup> Contraposições dos relatos sobre a época da efervescência do basquetebol em Rio Grande.



Figura 1: Placa fixada no ginásio do Clube de Regatas Rio Grande em homenagem aos seus sócios introdutores do basquetebol na cidade e no estado<sup>51</sup>.

Nosso conhecimento é de que essa placa foi uma homenagem aos ex-atletas e pioneiros da modalidade fixada no ginásio do Clube de Regatas Rio Grande no fim da década de 1950. Porém, podemos questionar, concordando com o que escreve Lowental (1998, p. 134) demonstrando a postura frente à história com a qual trabalhamos: “[...] contar histórias também impõe suas exigências na história. [...] A verdade na história não é a única verdade sobre o passado; cada história é verdadeira em infinitas maneiras, maneiras essas que são mais específicas na história e mais gerais na ficção.”. Nessa perspectiva questionamos o motivo de confirmar o “real começo” do basquetebol na cidade, a ponto de afirmá-lo fixando a placa na parede do ginásio do clube. Nossa intenção é justamente apresentá-la com uma conotação histórica diferente da que visa imprimir esse fato como ícone histórico-esportivo na sociedade riograndina.

Independentemente disso, como espectadores dessa imagem fomos instigados a procurar uma melhor contextualização histórica da modalidade, o que nos permitiu eleger as décadas de 1960, 1970 e 1980 como momentos de

<sup>51</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogspot.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.



maior efervescência fotográfica, jornalística e da prática do basquetebol. Buscando a validação da fotografia anterior encontramos uma manchete em um jornal local que coaduna com essa afirmação:

RIO GRANDE 17 DE JULHO DE 1962

## Basquete (juvenil) nacional converge

O que de melhor existe em matéria de basquete juvenil se exhibirá em nossa cidade a partir do dia 21. Uma grande programação está sendo elaborada pela Ipiranga afim de comemorar condignamente a passagem do seu jubileu de prata.

O ginásio coberto do Atlético recebeu nova pintura e diversos lances de arquibancadas foram levantados tendo em vista a maior capacidade e comodidade ao povo enorme que para lá convergirá a partir do dia 21. Quem entra, à direita, no ginásio do Atlético, encontrará um lance de arquibancadas. As já existentes serão divididas ao meio, metade para os associados do Ipiranga, os quais terão entrada gratuita mediante apresentação da carteira social, metade para o público em geral.

Estão sendo vendidas cadeiras estofadas nos camarotes e cadeiras junto a pista custando respectivamente CR\$ 200,00 e CR\$ 150,00. As gerês serão vendidas ao preço de CR\$ 100,00 inteira e meia a CR\$ 70,00 para militares não graduados, senhoras e estudantes mediante carteira de identificação.

Quando forem sorteados

## Cidade de Rio Grande introdutora do Basket-Ball no Estado

Empreendimento de grande envergadura terá lugar nesta cidade nos próximos dias.

Organizado pela Liga Atlética de Rio Grande sob o exclusivo patrocínio da Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A., em comemoração à passagem do 25º aniversário de sua fundação, será desenvolvido nesta cidade o Campeonato Brasileiro de Basket-Ball, classe juvenil, com a participação de representações de quatorze Estados.

E' oportuno contarmos a história do basket ball, esse elegante e atraente desporto, na parte referente ao Rio Grande do Sul.

Ricardo Rist Garcia, filho desta cidade, já falecido, quando, em 1921, ocupava a presidência do Clube de Regatas Rio Grande, trouxe dos Estados Unidos o aparelhamento indispensável para a prática do basket-ball, afim de aumentar os desportos então praticados pelos seus associados.

No domingo, dia 10 de abril de 1921, reunido um grupo de rapazes do Regatas proporcionou o primeiro jogo-instrução.

Aproveitou-se terreno baldio existente na frente da Estação Marítima e, ali aliñhou dois quadros, assim constituídos:

A — Ricardo Garcia, Carlos Cintra, André Schweitzer, Germano Kruger e Alfredo Strauch.

B — Leslie Small, Iporam Pêgas, Pedro Cintra, Henrique Landgraf e João Roque Moreira Gomes.

Lançada a semente em terreno fértil, logo a seguir o Clube Náutico Almirante Barroso e Sport Clube General Osório, também organizaram seus quadros de basket ball.

Da nossa cidade irradiou-se o novo esporte e, em 1926, em Porto Alegre a Associação Cristã de Moços, apresentava ao público seus quadros de basket-ball, desporto que atualmente é praticado em todas as cidades do Estado.

O Clube de Regatas Rio Grande, a despeito de aqui terem sido realizados vários campeonatos estaduais, nunca recebeu qualquer homenagem de parte dos visitantes.

Sabemos que a dinâmica Diretoria da Liga Riograndina de Atletismo vai prestar justa e merecida homenagem ao Regatas, por ocasião da solenidade de início do campeonato juvenil.

**O Jornal «RIO GRANDE»**

ENCONTRA-SE A VENDA NAS SEGUINTE CASAS:

A Rua do Mar, rua Benjamin Constant 182, Fruteira Carlinhos; Bar Guarany; Abrigo de Bondes; Esquina da Sorte; A Confiança; Casa Guará; Rua das Espinelli; A Gioconda; Ao Maia; Gácho da Sorte; rua Cristóvão Colombo, 605; Fruteira São Luiz; Cinelândia; Tabacaria Lagea; Rodoviária; A Feira da Sorte, rua Canabarro, 247; Ao Ponto da Sorte; A Indiana, av. Buarque de Macedo, 22; A Alvorada, rua Dr. Nascimento, 444.

JORNAIS ATRAZADOS NA «NOIVA DO MAR»

Figura 2: Reportagens Jornal Rio Grande do dia 17 de julho de 1962. Na parte superior da página da reportagem sobre o campeonato nacional de seleções categoria juvenil que seria sediado na cidade dali a alguns dias e financiado pela refinaria de petróleo Ipiranga S/A em razão da comemoração do seu aniversário de 25 anos. A segunda reportagem diz respeito a uma homenagem ao pioneirismo do basquetebol na cidade e aos introdutores da modalidade no estado do Rio Grande do Sul<sup>52</sup>.

Percebemos com o auxílio dessa reportagem um vestígio de credibilidade nas informações referentes à placa, contudo mais importante do que a validação são as informações que ratificam o desenvolvimento da cidade

<sup>52</sup> Foto digitalizada do Jornal Rio Grande, 18 de julho de 1962, p.7.

nas décadas posteriores ao fato, referentes à reportagem na parte superior do recorte. Em termos sociais a refinaria Ipiranga S/A<sup>53</sup> representou, juntamente com as grandes indústrias e o polo naval, um grande avanço econômico para a cidade e em termos de basquetebol a organização e patrocínio de um evento nacional da modalidade, fato que pode significar a vontade de afirmar a modalidade para os habitantes ou pode suprir anseios de pessoas já familiarizadas com o basquetebol. Nosso entrevistado Schimtd (2014) confirma o fato: “Teve o campeonato em 62 [...] um campeonato brasileiro juvenil né, eu tive presente aqui. [...] veio 22 estados aqui. [...] Ahhh enchia, enchia, lotava isso aqui, isso aqui não tinha lugar [...]”.

Souza (2001, p. 78) descreve esse apoio ou a maneira como esses vestígios identificam a importância no olhar do pesquisador para algumas dimensões das fotografias:

[...] é preciso atentar para as múltiplas faces e realidades da imagem fotográficas como nos adverte KOSSOY (1998). Esse autor chama a atenção para as dimensões da fotografia como memória e representação, fruto de uma elaboração cultural, estética e técnica. Para ele, a compreensão da imagem passa pela desmontagem do processo de construção da representação, o que significa considerar também os usos ou aplicações que teve a imagem [...]

A autora descreve dimensões que tentaremos utilizar nas imagens seguintes, em que as fotografias terão maiores apelos estéticos e técnicos, porém, no caso anterior ficam evidentes em ambas as reportagens a tentativa de elaboração cultural das manchetes e um processo de representação do basquetebol historicamente (reportagem maior sobre o pioneirismo do basquetebol na cidade) e na atualidade através de seu novo apelo, o basquetebol moderno, patrocinado (reportagem menor sobre o campeonato nacional de seleções).

Para traçarmos uma linha cronológica da modalidade apresentaremos a seguir uma fotografia de uma equipe juvenil do Clube de Regatas Rio Grande, clube anunciado como o pioneiro do basquetebol no estado do Rio Grande do

---

<sup>53</sup>TORRES, L. H. Cronologia básica da história da cidade do Rio Grande (1737-1947). *Biblos*, v. 22, n. 2, p. 9–18, 2008.

Sul, tanto pela figura 1 como pela figura 2, essa fotografia apresenta um elemento de continuidade histórica da modalidade entre os clubes da cidade e possibilita uma primeira análise da tônica estética que se seguirá nas fotografias das equipes de basquetebol.



**Figura 3: Foto de jornal no ano de 1964 da equipe juvenil do Clube de Regatas Rio Grande<sup>54</sup>.**

A imagem revela a equipe juvenil do Clube de Regatas Rio Grande do ano de 1964, disputando uma partida no ginásio do Ipiranga Atlético Clube, mais do que informações sobre o fato em si a imagem revela informações sobre que tipo de fotografias foram mantidas a respeito desse fato, pensando na publicação em um periódico. Dessa maneira podemos problematizar o uso social dessa imagem utilizando Bourdieu (2003, p. 135) quando descreve:

Seria muito fácil mostrar que esta representação social contém a falsa evidência dos preconceitos. Na verdade, a fotografia fixa um aspecto da realidade que nunca é o resultado de uma relação

<sup>54</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogger.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.

arbitrária e, como resultado, uma transcrição: entre todas as qualidades do objeto somente são mantidas aquelas visuais que ocorrem no momento e de um ponto de vista único; estas são transcritas em preto e branco, geralmente pequenas e sempre projetadas no plano. Em outras palavras, a fotografia é um sistema convencional que exprime o espaço de acordo com as leis da perspectiva (deveria dizer: de uma perspectiva) [...] <sup>55</sup> (tradução nossa)

O autor nos aponta um uso da fotografia que corresponde a aspectos sociais diretamente vinculados ao esporte e a interesses de periódicos na publicação dessas imagens, bem como, problematiza a maneira como ficarão lembrados, os indivíduos, o clube e as marcas associadas a essa imagem.

Contudo, junto aos interesses e influências sofridos pelos clubes e atletas de basquetebol que aparecem nessas fotografias, os grupos assumem algumas características e peculiaridades que lhes eram atribuídas através dessas imagens e posturas concretizadas nelas.

Em outros termos essas representações imagéticas atribuem um reforço identitário e começam a consolidar a configuração e o pertencimento do basquetebol riograndino. Assim sendo podemos agregar a essa teia um panorama histórico da modalidade conforme nos relata Curi (2009): “Então nós tínhamos [...] Ipiranga, Regatas, Bicalho e Barroso. Os quatro tinham times. Quatro, com assim ó, predominância né, do Regatas e Ipiranga disparado!”, essa ampliação dos clubes trata, sobretudo, da década de 1960 deixando vestígios de uma capacidade formativa de potenciais atletas por parte dos clubes, que segundo o entrevistado só receberam capacitação técnica posteriormente. Curi (2009) esclarece:

Já em sessenta e três. Aí o Piteira veio de treinador do Regatas, e aí a gente pegou algum fundamento técnico. [...] Aí nesse meio tempo os colégios começaram a se estruturar, fruto desses cara que começaram a jogar [...] começaram a sair jogadores de basquete. [...]

---

<sup>55</sup> Sería demasiado fácil mostrar que esta representación social encierra la falsa evidencia de los prejuicios. De hecho, la fotografía fija un aspecto de lo real que nunca es el resultado de una relación arbitraria y, por ello mismo, de una transcripción: entre todas las cualidades del objeto, sólo son retenidas aquellas visuales que se dan en el momento y a partir de un punto de vista único; éstas son transcritas en blanco y negro, generalmente reducidas y siempre proyectadas en el plano. Dicho en otras palabras, la fotografía es un sistema convencional que expresa el espacio de acuerdo con las leyes de la perspectiva (habría que decir: de una perspectiva) [...]

A polarização das forças do basquetebol riograndino, como antes descrita pelo entrevistado, demonstra além de disputas de poder nessa configuração, uma disputa pelo estabelecimento da centralidade e originalidade do basquetebol riograndino, sobretudo pelo Clube de Regatas Rio Grande como agrega Nóbrega (2014):

Ooooo, o Ipiranga era tudo que saiu [...], do Regatas e se fundia, muitos diretores [...] do Ipiranga, que vieram a ser, a ter cargos bons aí [...] na Ipiranga, começaram no Regatas! Começaram assim [...] ..., muitos, muitos, muitos! E aí eles criaram o Atlético [...] Mas antes a vida deles esportiva, de novos [...], era no Regatas! Era no Regatas, porque o Regatas era o clube de excelência né!

A fala do atleta demonstra como é estabelecida nessa teia de interrelações, a ideia de que o clube está em um patamar diferenciado dos rivais e a condição de estabelecido do clube perpassa as próprias lendas que rondam o grupo e por consequência a imagem identitária admitida pelos que fizeram parte desse grupo.

Percebemos que, como quaisquer vestígios históricos evocados, as informações parecem vagas e amplas quando ditas dessa forma, entretanto o ato de rememorar não é exato como diz Lowental (1998, p. 94):

[...] Toda memória transmuta experiência, destila o passado em vez de simplesmente refleti-lo. De tudo o que é exibido no meio ambiente, recordamos apenas uma fração daquilo que nos é impingido. Assim a memória filtra novamente o que a percepção já havia filtrado, deixando-nos somente fragmentos dos fragmentos do que inicialmente estava exposto.

O autor alerta e converge para o que vemos através das falas de nossos entrevistados. Entretanto nas falas dos entrevistados também aparece o que Lowental (1998, p. 90) denomina de, “Memória instrumental cotidiana: [...] ressuscita fatos não sentimento”, quando ao falar dos caminhos percorridos pelo basquetebol riograndino realizam saltos cronológicos para chegar a uma “Memória afetiva: [...] revela um passado tão rico e vívido que nós quase o revivemos [...]” (LOWENTAL, 1998, p.90) falando dos colegas jogadores que

contribuíram para a multiplicação e para a posteridade da modalidade na cidade.

A próxima fotografia nos fornece uma ideia dos caminhos percorridos pelos clubes e pela fotografia em uma via de mão dupla, ou como fazem referência Elias e Dunning (1992) com um aspecto mimético. Ambos se influenciaram mutuamente, as imagens vinculadas ou não aos jornais e periódicos, levando os indivíduos ao conhecimento da população da cidade com aspecto vitorioso, heroico e os grupos de atletas desenvolvendo suas habilidades e vencendo jogos e torneios como as fotografias a seguir mostram.



**Figura 4: Equipe do Clube de Regatas Rio Grande campeã estadual em 1967<sup>56</sup>.**

---

<sup>56</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaiepeca.blogspot.com.br/>>. cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.





**Figura 5: Equipe do Clube de Regatas Rio Grande campeão estadual adulto no ano de 1973<sup>57</sup>.**

As duas fotografias foram tiradas e veiculadas como fotografias da equipe campeã estadual adulta de basquetebol, percebemos o elemento de repetição estética, as poses muito semelhantes embora os ângulos sejam diferentes. Outra diferença é que na primeira imagem podemos perceber a importância dada aos torcedores que fazem parte da composição da fotografia, com um destaque maior até do que os jogadores que se encontram no primeiro plano da imagem e percebemos mais detalhes do local onde a fotografia foi feita, no ginásio do Clube de Regatas Rio Grande, dentro da quadra de jogo, aqui podemos fazer referência ao termo utilizado por Nora (1993) como um “lugar de memória”, tornando o espaço, para quem o conhece um lugar de

<sup>57</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogspot.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.

lembrar fatos e situações. Outro elemento da fotografia que nos chama a atenção são pessoas, no primeiro plano, que não são atletas e que se apresentam ao lado deles. Bourdieu (2003, p. 143-144) descreve alguns elementos sociais pretendidos pela fotografia de grupos e em situações solenes:

Na maior parte das fotografias de grupo, os sujeitos se apresentam apertados uns juntos aos outros (sempre no centro da imagem) e muitas vezes abraçados. Os olhos convergem em direção ao alvo, para que toda a imagem indique o seu centro ausente. Quando se trata de uma parelha, os indivíduos são capturados em torno da cintura em uma pose completamente convencional. As regras de conduta que devem ser tomadas frente a objetiva, por vezes, surgem à consciência, sob a forma positiva ou negativa: é repreendido aquele a quem, em um grupo se reuniu para uma ocasião solene como um casamento, por exemplo, e adota uma atitude inconveniente ou omite olhar para a objetiva e posar. Como dizem, "está ausente." A convergência, os olhares e a disposição das pessoas objetivamente atesta a coesão do grupo.<sup>58</sup> (tradução nossa)

Percebemos através do excerto acima alguns elementos de análise que nos ajudam minimamente a notar com que tipo de grupo estamos lidando, mais ou menos coeso, mais ou menos ligado a hierarquias institucionais, mas também questionamos essa observação feita pelo autor quanto a convergência dos olhares corresponder ao grau de coesão dos grupos, já que certamente mais de uma câmera pudesse estar presente no momento das fotografias dividindo a atenção dos olhares.

Já a segunda imagem apresenta menos elementos exteriores ao grupo fotografado, porém emergem da imagem outros tipos de relações sociais, conforme descreve Bourdieu (2003, p. 146-147):

---

<sup>58</sup>En la mayor parte de las fotografías de grupo, los sujetos se presentan apretados unos junto a los otros (siempre en el centro de la imagen) y, a menudo, abrazados. Las miradas convergen hacia el objetivo de modo que toda la imagen indica lo que es su centro ausente. Cuando se trata de una pareja, los sujetos se cogen por la cintura en una pose completamente convencional. Las normas de la conducta que debe tenerse frente al objetivo a veces afloran a la conciencia, bajo la forma positiva o negativa: se reprende a aquel que, en un grupo reunido para una ocasión solemne, como una boda por ejemplo, adopta una actitud inconveniente u omite mirar al objetivo y posar. Como suele decirse, "está ausente". La convergencia las miradas y la disposición de las personas atestiguan objetivamente la cohesión del grupo.



A convenção que se assume para uma fotografia se refere, aparentemente, ao estilo de relações sociais favorecidas por uma sociedade enquanto hierarquizada e estática [...] em uma sociedade onde os intercâmbios, estritamente estabelecidos pelas convenções institucionalizadas, são produzidos sob a obsessão com o julgamento dos outros, sob a pressão da opinião - pronta para condenar em nome de regras indiscutíveis e incontestáveis - e eles estão sempre dominados pela preocupação de dar de si a melhor imagem, a mais coerente com o ideal de dignidade e honra. Como, nessas condições, a representação da sociedade poderia ser outra coisa senão a representação da sociedade em representação?<sup>59</sup> (tradução nossa)

Os usos feitos das imagens das vitórias do basquete riograndino carregam a preocupação do que o autor ressalta como, a vontade de mostrar o melhor, o mais honorável, esse destaque aos pontos positivos, ou o que se crê como positividade na vitória, por vezes não se transmite com imagens como as anteriores.

A seguir apresentamos duas reportagens que contam a história da conquista do primeiro campeonato estadual pelo Clube de Regatas (1967)

---

<sup>59</sup>El convencionalismo que se asume para una fotografía remite, al parecer, al estilo de relaciones sociales favorecidas por una sociedad a la vez jerarquizadas e estática [...] en una sociedad donde los intercambios, estrictamente establecidos por convenciones institucionalizadas, se producen bajo la obsesión por el juicio de los otros, bajo la presión de la opinión – pronta a condenar en nombre de normas indiscutibles e indiscutidas -, y están siempre dominados por la preocupación de dar de sí la mejor imagen, la más conforme con el ideal de dignidad y de honor. ¿Cómo, en esas condiciones, la representación de la sociedad podría ser otra cosa que la representación de la sociedad en representación?

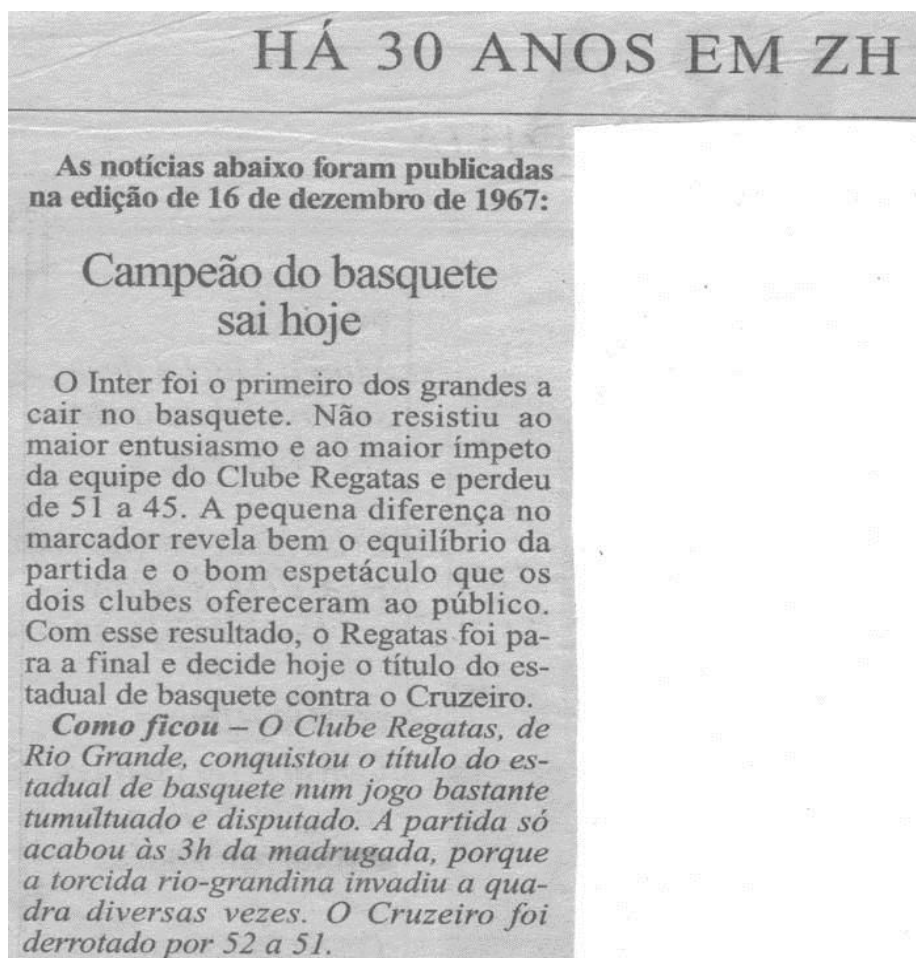


Figura 6: Reportagem da Zero Hora de 16 de dezembro de 1997 fazendo referência à reportagem impressa em sua edição de 30 anos antes sobre a vitória do campeonato estadual pelo Clube de Regatas Rio Grande<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogger.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.

# TÍTULO DE BASQUETE É DO REGATAS

**RIO GRANDE** De *Américo Souza* — Público vibrante lotou as dependências do ginásio do Clube de Regatas Rio Grande, para presenciar a rodada final do campeonato estadual de basquete, que se encerrou quando já passavam das 23h30 min., da madrugada de ontem, dia em jornada de fila, foi o estruço motivado pela falta de

juiz e diversos incidentes registrados no transcurso do embate decisivo.

Twelve jogadores, provocando um barulho infernal, criou ambiente de enorme tensão entre os atletas. O quinto rio-grandino, em jornada de fila, foi o primeiro vencedor nos segundos derradeiros pelo ajustado marcador de 34x22, elevando assim pela primeira vez a hegemonia do basquete gaúcho. O Regatas esteve em vantagem durante boa parte do encontro, mas não conseguiu manter o ritmo, deixando a quadra aos 20 min. iniciada com 22 pontos contra 28. Os campeões invictos da capital recuaram com energia no período complementar, quando os locais chegaram a estabelecer uma diferença favorável de 11 pontos a última das 13 min., partindo em busca de um melhor resultado. Nesse período de melhora dos estralados, um dos jogadores do Regatas teve que sair com o auxílio de folhas pessoais e a torcida, procurando "estalar" a reação dos visitantes invictos a quadra e logo veio provocar um tumulto generalizado entre atletas, dirigentes e espectadores, forçando a intervenção do forte contingente policial para garantir a ordem. Os cruzeiristas, no resguardo de sua própria integridade física e emocionalmente, não queriam mais continuar a partida, que chegou a estar paralisada por 14 minutos. Após acordados os ânimos mais exaltados, pôde então o jogo prosseguir até o fim. O Regatas, após o recesso das 13h, ganhou o marcador e passou a comandar o jogo, nos últimos 35 segundos. Um deficiente rio-grandino, quando os pontos de Cleomar Lima seguravam a bola, no ato de ganhar o tempo, cometeu falta proposital para tentar a posse da bola. Os cruzeiristas, beneficiados com dois lances livres, não conseguiram convertê-los por excesso de nervosismo e recuperando a esfera no rebote, partiram os locais num rápido contra-ataque para marcar uma cesta, precisando, reduzindo a diferença para um ponto. Alá a vibração era excepcional e quando restavam apenas dois segundos, um defensor do Regatas arrebatou a bola, para desferir um cruzado, para desferir um cruzado e euforia incontida dos locais, pois após perder na cesta, a mesa dava por encerrada a dramática partida, forçando a intervenção da polícia na cidade marítima. Houve então um "carnaval" autêntico dentro e fora do ginásio, que se prolongou até o sol raiar...

Na preliminar, o E.C. Internacional, vice-campeão por derrotar a equipe de Santa Cruz pelo placar de 24x22, não pôde ao impor-se diante do Coritiba A.C. de Santa Maria, que venceu por 34x22. O outro jogo que completava a rodada derradeira, foi o de Santa Cruz contra o Regatas, que venceu por 34x22.

Os novos campeões estaduais contaram com o seguinte plantel: Mário Nicola, Tótilo Assis, Nelo, Gilberto Rusemang, Dante Antônio Dapunta, Carlos Schmidt, Laerte Schmidt, Antônio Ortiz, Rubens Nasser, Ubiratan Silva, Mário Rosendo, Melk Curi e Paulo Lawton, que também fizeram como treinador.

E.C. Cruzeiro alçou na partida decisiva, com Rampunha, Wild, Alvaro, Gerson, Graef, Tassiu e Valentinha.

João Batista Campos e Filipe Rodrigues formaram o duo de artilharia do encontro decisivo, marcando 14 pontos cada um, cumprindo atuação satisfatória.

Cerca de 800 cruzeiros foram arrolados na jornada final. Podem-se estimar, entre outros, que o Regatas sofreu prejuízo financeiro com o pagamento do certame, pois a recitação de bilheterias foi insatisfatória para cobrir as elevadas despesas com o pagamento das despesas das delegações que se deslocaram durante uma semana.

## PRÉLIO SENSACIONAL

Incidência do "matê" decisivo, entre Regatas Rio Grande e Cruzeiro, da Capital, que apontou o novo campeão gaúcho de bola-ao-cesto. O jogo teve um desfecho dramático, favorecendo os "cestinhas" da Noite do Mar por mínima diferença.



Figura 7: Reportagem de jornal do dia posterior a conquista do primeiro campeonato estadual adulto do Clube de Regatas Rio Grande em 1967<sup>61</sup>.

As reportagens acima ajudam a compreender, em parte, a situação em que ocorreu a primeira conquista do título estadual adulto pelo Clube de

<sup>61</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogspot.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciulo responsável pelo site.

Regatas Rio Grande. A primeira reportagem trata-se de uma reedição da manchete da época da conquista e revela o tumulto causado durante o jogo pela torcida e que culmina na vitória dos riograndinos. A segunda, com maior pompa e rebusque na escrita, conta mais romanticamente a maneira como se deu a conquista, porém sem deixar de lado alguns dados sobre os tumultos que ocorreram durante o jogo.

As lendas que envolvem o primeiro título estadual do Clube de Regatas Rio Grande contribuíram, em nosso modo de entender, para a delimitação da maneira como o clube se estabeleceu na configuração citadina, como nos conta Curi (2009):

Mas a mais importante foi a primeira pra mim! [...] Porque pra mim o time do Cruzeiro era superior a nós! Era de profissionais! Nós ganhamos de um time profissional. O time deles era um baita dum time! O Anaquim, jogava Tiaraju, falecido, jogava o Álvaro, Grefão, Escarpini, pai da Fernanda Lima era o treinador, Cleomar Lima, ah, Rubens Holfmaia era o presidente deles, Nei Oliveira era o diretor deles. Tinha uma maleta com um milhão de cruzeiros pra distribuir pros caras. [...] Nós roubamos a maleta e entregamos depois do jogo. Com todo o dinheiro dentro. [...] O Ubiratã Salvado que bolou essa. Terminou o jogo ele entregou, com todo dinheiro dentro. Só pra deixar eles atucanado. Não tinha um brigadiano no jogo final. Imagina! Faltou luz umas nove vezes. [...] Começou o jogo as nove horas da noite e terminou era uma e meia da manhã.

Outro de nossos entrevistados soma mais informações sobre o campeonato em questão. Nóbrega (2014):

[...] no jogo de 67, essa eu não estava, mas relato que o, o Bolota foi um, Bolota era o Sérgio Satti, que, isso aí tu não grava! ... [...] Eu sei que começou, paralisava muito, dava muito problema, o jogo parava toda hora e parece que o jogo começou as oito e terminou meia noite, meia hora! Aí foi um carnaval! Levaram escola de samba! Olha teve quinhentas coisas lá dentro!

As falas transparecem a emoção dos entrevistados ao falar do assunto, na primeira reforçando que a equipe adversária seria mais bem qualificada tecnicamente, ou seja, aumentando a grandiosidade da conquista do Clube de Regatas Rio Grande. Na segunda fala, fica mais evidente a autocensura que o entrevistado se impõe ao falar de um tema por ele considerado delicado, sabemos que segundo Pollak (1989), os silêncios da memória podem ter diversos significados, porém concordamos com Candau (2012, p. 28) que

nesse trecho de silêncio da entrevista o entrevistado se utilizou da retórica: “A retórica é uma técnica de persuasão “para o melhor ou para o pior”. Por consequência, parece sábio e desejável evitar o risco do pior, eximindo-se de todo recurso de fórmulas retóricas.” (grifos do autor), o entrevistado com receio dos possíveis julgamentos usou a possibilidade previamente acordada para não registrar a conversa.

Nossa negociação tanto na discussão das imagens propostas (elegidas), quanto nos assuntos de memória e história, não buscam a fixação do real sobre a configuração do basquetebol riograndino. Apresentamos e discutimos elementos mnêmicos, históricos, estéticos, sociais oriundos das imagens. Entendemos que o assunto não se esgota nas nossas possibilidades de discussão, mas sim, se iniciam nelas.

A percepção da memória dos ex-atletas aqui delimitadas de suas próprias relações com o basquetebol e com os clubes demonstra, sumariamente, relações históricas e sociais do basquetebol entre os habitantes anteriores às décadas pontuadas por esse estudo. Contudo pontuamos o caráter histórico como contingente, uma vez que o passado é intangível ao presente, as histórias são versões atualizadas constantemente pela descoberta de novos vestígios do passado. A memória, por sua vez, está acabada em cada evocação, em cada relato. Lowental (1998, pp. 103-104) esclarece esse ponto de vista:

A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado mas sim adaptá-lo afim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo a nossa volta. E as recordações longínquas dos esquemas atuais de pensamento, tais como as vívidas experiências sensoriais da primeira infância, ou recordações de nenhuma consequência atual, tais como ultrapassadas lições escolares, estão irremediavelmente perdidas.

Nossos entrevistados relembram de fatos vinculados às próprias vivências, às próprias experiências, porém lembram-se de fatos que não

ocorreram na presença deles. Como reforça Vieira (2014): “[...] é uma história que eu não participei, mas que eu sei da história que tem.”, esse tipo de memória também é descrita por Halbwachs (2006) como memória coletiva, sendo aquela que não necessitamos estar presentes para lembrarmos, porém fazendo parte de um grupo, como no caso dos clubes de basquetebol riograndino, associamos a memória do coletivo a nossa própria. Nesse mesmo sentido concordamos com Lowenthal (1998, p. 84) quando afirma que a identidade coletiva pode ser afirmada através da memória: “Os grupos também mobilizam lembranças coletivas para sustentar identidades associativas duradouras [...]”.

Seguindo nossa cronologia do basquetebol riograndino, as imagens seguintes mostram outro clube que obteve destaque, principalmente na década de 1970, o Ipiranga Atlético Clube (I.A.C), clube mantido pela refinaria de petróleo Ipiranga S/A que se instaurou na cidade do Rio Grande na década de 1930 e manteve durante as décadas posteriores escolinhas esportivas de diversas modalidades sendo durante duas décadas que propusemos para esta pesquisa, o maior rival do Clube de Regatas Rio Grande no basquetebol<sup>62</sup>.

---

<sup>62</sup>FRANÇA (2009). FRANÇA, M. T. **Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009. 23f.



**Figura 8: Equipe juvenil do Ipiranga Atlético Clube campeã estadual juvenil de 1974. Foto tirada no ginásio do clube dentro da quadra momentos antes da partida final<sup>63</sup>.**

---

<sup>63</sup> Foto do acervo do site<<http://www.guaieca.blogger.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.



29 DE NOVEMBRO DE 1976

FOLHA DA TARDE

— 59 —

**BASQUETE**



**Na cesta de Lawson,  
um título inédito  
para o Ipiranga**

Com uma cesta histórica, quando faltava dez segundos para o término da partida, Lawson deu o primeiro campeonato estadual para a equipe do Ipiranga de Rio Grande, no jogo de fúndio de ontem à noite, quando venceu a Sogipa por 72 a 70.

Comparando com os campeões metropolitano de Porto Alegre e do interior deste ano, a final do estadual apresentou um dado revelador para o basquete gaúcho: foi disputado pelos dois vice-campeões. O Petrópolis (campeão de Porto Alegre) teve que contentar-se com a terceira posição no campeonato, ao vencer o Corinthians (campeão do interior) por 65 a 63.

Realizado sob a assistência de um público numeroso nas três noites de jogo, o campeonato estadual deste ano levou para o interior mais uma vez a hegemonia do basquete no Rio Grande do Sul, diminuindo o impacto da confusão criada na decisão (judicial) do certame do ano passado e que até o presente momento ainda não conseguiu apontar oficialmente o vencedor nacional como detentor do título.

No jogo de fúndio, que terminou dando a vitória ao Ipiranga, a equipe treinada por Antônio Ortiz conseguiu superar suas críticas aos árbitros da Federação, apresentando um basquete veloz e objetivo, apesar de ceder ante a reação da Sogipa no fim da partida. A primeira cesta da noite foi feita por Torziano (Sogipa), mas até os 10 minutos de jogo as duas equipes se alternaram no marcador. A partir da metade do primeiro tempo, o Ipiranga conseguiu tirar uma vantagem expressiva para a importância do jogo (42 a 33, no fim da primeira fase); 14 pontos.

Depois, a reação da Sogipa foi capaz de modificar todo o panorama da partida, ao empatar em 70 pontos (faltava apenas 20 segundos para o fim do jogo), quando tudo parecia decidido a favor do Ipiranga. Logo depois, faltando apenas 10 segundos, foi a vez de Lawson decretar o escore final do campeonato ao marcar a última cesta, ainda interrompida por Ricardo mas válida para os árbitros: 72 a 70.

No encerramento, Palm (Sogipa) recebeu o troféu "Caridade" por ser o atleta mais disciplinado do campeonato, enquanto Petrópolis (Ipiranga) foi o vencedor de toda a fase final com um total de 89 pontos.

As duas equipes formaram com os seguintes atletas: Ipiranga — Petrólio, Lawson, Schmitt, Varella, Gonçalves, Koester, Franca, Gaspar, Gori e Bomfim; Sogipa — Valencinha, Marcão, Furio, Torziano, Palm, Ricardo, Arisio, Mello, Dinlobo e Coeli; Árbitros — Renato Marzillo e Luis Fernando Santoro.

A decisão somente veio nos últimos 10 segundos, por Lawson

Figura 9: Foto da reportagem do jornal Folha da Tarde, atual Zero Hora, fala da conquista do primeiro título estadual adulto do Ipiranga Atlético Clube em 1976<sup>64</sup>.

As fotos acima mais do que uma simples afirmação da rivalidade entre os clubes, demonstram a linhagem pretendida pelo trabalho em termos

<sup>64</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogspot.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.



históricos e sociais. A primeira mostra a segunda geração de atletas da modalidade, se considerarmos somente as décadas propostas para nosso trabalho. A imagem que mostra a equipe juvenil de 1974 com a comissão técnica no ginásio do clube, possibilita visualizarmos estética e ideologicamente a mesma pose de outras que mostramos anteriormente, mas em uma dimensão de investimentos geracional do basquetebol na cidade, ainda visualizamos a torcida fortemente presente no ginásio bem como a estrutura do ginásio. A imagem data dos anos 1970 que, segundo Vieira (2014) foi a década do começo da prática da modalidade no clube:

[...] o Ipiranga começou com o basquete, com a minha turma! [...] antes a isso [...] o Ipiranga não teve basquete! Existia basquete em Rio Grande e aí existia Regatas, Barroso, Honório se eu não me engano dos clubes que tinha assim! E aí eles jogavam assim, mas numa geração anterior a minha idade! E aí o Ipiranga não fazia parte disso aí. Jogou, foi muito importante, teve muitos jogadores [...] até 1970, o Ipiranga não participou, não participou do mundo do basquete de Rio Grande! Não existia! O [...] Ipiranga não existia!

Ainda falando do começo da prática e do potencial de investimento geracional do clube, Vieira (2014) relata:

Por que não, porque o Atlético não viveu só, não era um clube de basquete! Futsal, bolão, esgrima, tinha de tudo um pouco assim. E um clube rico né [...] A gente, a gente vinha treinar tinha o tênis, a meia, o calção e a camiseta pra tu jogar! Nenhum clube dá isso aí. [...] Tu saía tinha o teu chinelo, uma toalha e um sabonete e o banheiro pra tu tomar banho. Um banheiro com água quente, um du, uma coisa. Não era chuveirinho aqueles de vestiário, de coisa assim. E tinha, tinha um roupeiro que atendia tudo isso aí, tinha uma infraestrutura que ninguém tinha! Pelo, por essa facilidade de dinheiro. Na época a Ipiranga era muito, muito, muito forte aqui [...]

Sabemos que o Ipiranga Atlético Clube foi fundado em data anterior e participava de torneios citadinos desde o início dos anos de 1960 segundo Pinto (2014) e que, apesar do investimento financeiro e da estrutura montada pelo clube para seus atletas de todas as categorias, a prática sistematizada através das categorias de base se iniciou com a contratação pelo clube de uma ilustre figura dito por Vieira (2014): “Eu comecei a jogar em 1970, [...] Com o José Ubirajara Sampaio, Piteira!”, o senhor José Ubirajara Sampaio, chamado nas rodas de ex-atletas de Piteira veio a Rio Grande inicialmente para o Clube de Regatas Rio Grande e posteriormente passou ao Ipiranga Atlético Clube

como reiterado por Curi (2009): “E o nosso fundamento começou com o Piteira! Depois passou pro Ipiranga, e que realmente teve alguns resultados muito bons. Carlai, Varela, tudo isso é cria do Piteira! Pepino, todos eles cria do Piteira.”

A chegada do senhor Piteira ao Ipiranga Atlético Clube e a disseminação dos fundamentos técnicos da modalidade é confirmada por outro de nossos entrevistados, segundo Pinto (2014): “O Piteira ficou eu acho que de sesseseeenta e sete, sessenta, não... é 65, 66 até 74 se eu não me engano!”

Esses relatos reiteram que o senhor Piteira, além de ampliar os fundamentos técnicos do basquetebol na cidade, tem sua permanência na cidade por aproximadamente duas décadas que coincidem como auge do basquetebol riograndino.

Já a segunda imagem é de uma reportagem jornalística de 1976, do primeiro título estadual adulto do clube. A imagem da reportagem, uma das poucas que não apresentam uma pose pré-estabelecida pelo fotógrafo, nos remete ao “instante decisivo” (CARTIER-BRESSON, 2004), quando aconteceu a cesta da vitória, contudo o texto que acompanha a imagem não faz essa referência. Boltanski in Bourdieu (2003, p. 208) escreve sobre a importância tanto da fotografia, quanto do texto jornalístico:

[...] o fotógrafo de imprensa transmite a imagem do que ele viu, assim como seu companheiro de profissão atesta por escrito. Para dizer a verdade, a foto de jornal não obtém todo o seu valor intrínseco do que ela representa, mas acima de tudo do carácter excepcional do encontro entre um sucesso fortuito (geralmente dramático) e o fotógrafo.<sup>65</sup> (tradução nossa)

Nossa busca, diferente da do autor, não é pela verdade através da fotografia e sim a de expor nuances não evidentes na imagem pela imagem, dessa maneira colocando em questão a simplificação de que a fotografia ou a transmissão conjugada de fotografias e reportagens em periódicos corresponde à verdade dos fatos.

---

<sup>65</sup>[...] el fotógrafo de prensa transmite la imagen de lo que ha visto, del mismo modo que su colega periodista lo testimonia por escrito. A decir la verdad, la foto del periódico no obtiene todo su valor intrínseco de lo que ella representa, sino sobre todo del carácter excepcional del encuentro entre un suceso fortuito (habitualmente dramático) y el fotógrafo.

Reforçamos que nossa preocupação na delimitação histórica é contingente, porém esse fato amplia a grandiosidade em termos de conquistas do basquetebol riograndino e evidencia o que nossos entrevistados deixam transparecer como reconhecimento coletivo e rivalidade entre seus pares.

Sendo assim os episódios vinculados ao basquetebol riograndino descritos por nossos entrevistados estão diretamente vinculados a reconhecimentos coletivos desse grupo. Para elucidarmos a proporção atingida pela rivalidade clubística do basquetebol na cidade precisamos recorrer as falas dos entrevistados quando perguntados sobre o que levou o basquetebol a esse patamar. Primeiramente Vieira (2014) responde:

a rivalidade que tinha de basquete, em Rio Grande, conhecida minha, conhecida minha, é a rivalidade Ipiranga/Regatas! Era que nem Grêmio e Inter! A mesma coisa! Tu ama um e tu odeia outro! [...] Regatianos e eles pegavam esses times e montavam, faziam os times deles também. Que vinham jogar de igual pra igual! Era que nem Grenal! A, é inferior, é inferior, é inferior, chega na hora, “era pega pra capar”! Era “pega pra capar”! E “pega pra capar”, forte! De muito contato físico, de briga, bateção de boca, todas as coisas que faz, que faz parte de onde tem “pega pra capar” muito forte! Tipo jogo de Grenal assim. Os cara jogam na boa, mas depois entram em campo e o cara quer é ganhar! [...] uma coisa que o pessoal gostava de ver, ficou uma coisa boa de ver! Tu ver assim ginásio cheio é legal! Em qualquer esporte é legal de ver!

A difusão da modalidade tanto técnica como numericamente ocorreu desde a década de 1920 quando da chegada do basquetebol à cidade, contudo a consolidação da modalidade e a chegada ao que chamamos nesse trabalho de: “décadas da efervescência”, ocorreu algumas décadas depois. Percebemos através da fala do entrevistado que a rivalidade alimentada entre os clubes na década de 1970 gerou uma movimentação diferenciada para a modalidade e para a população da cidade que procurava os jogos entre as equipes, porém também percebemos em termos de memória um traço marcante dos atravessamentos históricos, que afetam o rememorar quando compara características mais modernas do futebol do confronto da dupla gre-nal com os confrontos citadinos de basquetebol da época. Lowental (1998) alega que essa característica da memória em ser caótica, misturando presente, passado, futuro

e vestígios de todos esses momentos, enriquece o ato da evocação, tornando a equiparação de tudo isso possível numa mesma fala.

Outro entrevistado ainda prossegue nesse mesmo sentido quando perguntado se existiam rivalidades e se elas contribuíam para promover o basquetebol na cidade responde de maneira um pouco diferente, diz Schmitt (2014): “Existia, mas o time do Regatas, quando se formalizou em time entende, era um time muito bom, muito bom, um time que eeeee, um time, um time muito superior entende [...]”, talvez por pertencerem a épocas distintas do basquetebol as percepções sejam diferentes quanto a importância de um e de outro clube, porém em outro trecho Schmitt (2014) ajuda com outro tipo de relevância ao rival: “O Ipiranga muitas vezes adiantava, entendesse, a anuidade que o Regatas não tinha condições de pagar pra federação, adiantava pro Regatas. Muitas vezes patrocinava campeonatos aqui, através do Ipiranga mesmo [...]” mesmo não reconhecendo um adversário tecnicamente ao mesmo nível, o entrevistado demonstra que a relação de coexistência entre os clubes tornava o basquetebol equiparado e em uma relação de forças entre os clubes (ELIAS, 1980).

O termo “décadas da efervescência” é utilizado por nós nesse trabalho devido ao conteúdo dos depoimentos que denunciaram haver mais de uma década da efervescência por motivos e com argumentos distintos todos pareceram viáveis e cabíveis ao nosso trabalho. A primeira descrição do auge dessa efervescência é descrita por Schmitt (2014):

O auge do basquetebol riograndino... foi depois do campeonato de 77, 67 talvez até setenta e dois, foi o auge [...] por que em 68 e 69 eu não estava aqui, mas já tinha também. Foi 67 e depois 70, 71, 72, foi o auge do basquetebol em Rio Grande. [...] 65 até mais ou menos uns 10 anos o Regatas [...] ganhava o campeonato citadino, tinha a hegemonia do basquetebol [...] dentro de Rio Grande.

Pinto (2014) também auxilia com sua versão sobre o tema:

[...] em Rio Grande se praticava muito basquete! Existia [...] os primeiros times, os segundos times que tinha o Barroso, o Honório Bicalho e existia Regatas que era um pouquinho mais de expressão maior, o Ipiranga. Mas a cidade tinha São Paulo, tinha basquete, [...] o Esporte Clube Rio Grande tinha basquete! Quando eu jogava [...]

era bem movimentado que eu tava te falando! Existia até os segundos times né! Eu tenho [...] uma carteirinha da liga de basquete em, em Rio Grande eu acho que de 59, 60! Liga Riograndina de basquete! Existia uma liga de basquete em Rio Grande [...] Tinha Barroso, [...] tinha São Paulo, [...] tinha Ipiranga, Regatas, Honório Bicalho tinha também. Cinco, seis né! [...] mas a época áurea mesmo foi em torno de 55, 60 depois disso aí começou uma decadência! De basquetebol... [...]

Outro entrevistado Vieira (2014) tem outra versão dos fatos:

Quando eu jogava, tinha o Ipiranga e tinha o Regatas! Eram só esses dois. Assim, durante esse período assim, tentaram montar um time do São Paulo, que eram alguns dissidentes, por que na época se, foi uma época tão rica que se tinha as escolinhas tinham duzentos alunos! De, de basquete assim. O, a quadra era ocupada das oito da manhã às dez da noite, onze da noite! A quadra [...] de tanta atividade que tinha! O futsal não tinha escolinha [...] o futsal que eu lembro só tinha o time adulto! Que montavam o time adulto [...] juvenil, não sei se tinha. Mas o basquete tinha todas as categorias! Jogavam com todas as categorias! Todos os campeonatos que tinha, campeonatos estaduais eles jogavam, eles jogavam todo ele né! [...] Isso mais ou menos década de setenta, década de oitenta, essa década de setenta mais ou menos por aí que tinha.

Outra versão revela alguns dados relativos aos grupos e as disputas internas que nele ocorriam, como descreve Curi (2009):

E aí começou a surgir guri de tudo que é jeito. Aí o basquete se difundiu realmente, aí explodiu em Rio Grande. [...] De sessenta e três em diante nós tivemos o nosso apogeu com o Regatas, quando foi em setenta e cinco a Ipiranga fez um senhor time, baseado em três caras do Regatas. Que foi uma dissidência, nós tiramos o campeonato estadual de setenta e três, em setenta e quatro, metade foi embora pro Ipiranga, e aí surgiu o São Paulo, Rio Grande.

Percebemos com este trecho que inclusive as dissidências contribuíram para a ampliação das disputas cidadinas tanto qualitativamente, quanto quantitativamente. Apesar da não convergência exata dos depoimentos que as três décadas tiveram fortes disputas de espaço entre os clubes pela hegemonia do basquetebol local e podemos delimitar todas elas como importantes e consonantes do título de “décadas da efervescência” do basquetebol.

As próximas duas fotos representam, para este trabalho, as duas últimas gerações dos clubes estudados que jogaram em nível estadual

competitivamente e foram frutos das décadas anteriores e de todas as disputas presentes na configuração do basquetebol riograndino.



Figura 10: Equipe mini-mirim (até 12 anos) do Ipiranga Atlético Clube 1976 em torneio estadual.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Foto cedida do acervo pessoal de Márcio Ribeiro França.



**Figura 11: Equipe adulta do Clube de Regatas Rio Grande 1980<sup>67</sup>**

Compreendemos que a primeira imagem, apesar de estar datada ainda dos anos 1970, corresponde a geração que jogou basquetebol até o fechamento do Ipiranga Atlético Clube (entre o meio e o final da década de 1980), a imagem imitando as poses das categorias de jogadores mais velhos, revela quase que uma transposição da imagem do jogador de basquetebol. O local da fotografia, o alojamento da equipe, afirma o investimento do clube nas escolinhas de basquetebol como já dito por Vieira (2014) e Pinto (2014).

Já a segunda imagem revela a equipe rival que entre disputas e dissidências de ex-atletas para outros clubes representou o Clube de Regatas Rio Grande entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980.

<sup>67</sup> Foto do acervo do site <<http://www.guaieca.blogspot.com.br/>>. Cedida por Maria Amélia Goretti Estima Marasciúlo responsável pelo site.



Dessa maneira a fotografia vinculada a memória pode ser reconhecida como aquilo que Candau (2011) descreve como um “gatilho de memória” ou aquilo que desperta lembranças que processamos como memórias. Fabris (2006, p. 163-164) também relaciona fotografia e memória:

Edmund Couchot explica o estatuto realista conferido à fotografia com base em dois elementos: a semelhança (sempre relativa) com seu modelo e, sobretudo, o fato de ela possibilitar que o observador volte a viver “aquele instante originário no qual se encontram reunidos, co-presentes num mesmo lugar, o sujeito, o objeto e a imagem (latente), de uma maneira quase totalmente automática”.

O trecho acima confirma a possibilidade de fotografia e memória caminharem juntos em estudos acadêmicos e para além dessa convergência apontamos para o sentimento ligado diretamente a essa relação já que substituímos a linguagem escrita pela “olhada” remetendo os participantes ao tempo e espaço onde aquilo aconteceu, mesmo que a cena pousada seja apenas o que Fabris (2004, p. 35) descreve como, “[...] uma afirmação pessoal, moldada pelo processo social no qual o indivíduo está inserido e do qual derivam as diferentes modalidades de representação.”

Podemos pensar também na interferência histórica relacionada à memória coletiva, no que diz respeito aos grupos externos, ou coletivos com relações mais imbricadas e aos quais membros a eles pertencentes, como as equipes de basquete a que fazemos referência, possuem e interferem diretamente tanto em atitudes momentâneas, como na rememoração coletiva das atitudes aceitas ou não dentro do grupo (HALBWACHS, 2002). Nesse sentido atentamos para a importância da repetição na manutenção da tradição dos coletivos e que pressionam a disputa pela memória dentro das sociedades e seus subgrupos mesmo na atualidade. Dessa maneira a fotografia desde sua emergência em 1839 (SONTAG, 2003) favorece para a manutenção da memória de grupos na sociedade.

Assim sendo, um grupo que tenha uma identificação coletiva interna, ou seja, tenha interesses relativos aos atos geridos pelo grupo, identificando os elementos formados pela relação desse grupo, tem fim quando esse mesmo grupo se afasta por qualquer motivo (POLLAK, 1992). Por via de recordações



desses atores, toda a história desse coletivo pode parecer distante a um membro isolado desde que estivesse menos integrado, ou mesmo a um deles que estivesse interessado em uma parte mais específica e individual dos objetivos coletivos.

Nesse trabalho não estamos contrapondo ou convergindo versões diferentes de memórias. Pollak (1989, p. 4) corrobora com nossa visão acerca da conjugação de memórias quando descreve: “[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.”.

Lembramos que temos certa dualidade intrínseca à utilização fotográfica em um trabalho acadêmico e que de certa forma nos valem para elencar essas fotografias e não outras, como dito por Le Goff (2013), ora utilizamos as fotografias como documentos, no sentido de uma comprovação histórica dos fatos, ora como monumentos, como instrumento do fazer lembrar aquilo e não outra coisa a respeito de nosso tema. Assim como os depoimentos dos ex-atletas que foram transcritos e transformados em textos escritos funcionam da mesma maneira, ora documentos ora monumentos. Pensamos o termo documento como pensa Le Goff (2013 p. 489-490): “[...] a necessidade de ampliar a noção de documento: A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem.”, documentos são todos os signos e objetos deixados como vestígios do passado (LE GOFF, 2013).

Nesse jogo de negociação entre, memórias, histórias, fotografias e verdades, compreendemos que essa configuração complexa nos deixa a mercê da impossibilidade de afirmações e convicções sobre quaisquer desses temas concordando com o que explicita Rouillé (2009, p. 67) sobre o tema:

Ora, contrariamente ao que se pode experimentar com a prática fotográfica a mais banal, a verdade, aliás, como a realidade, jamais se desvenda diretamente, através de simples registro. A verdade está sempre em segundo plano, indireta, enredada como um segredo. Não se comprova e tampouco se registra. Não é colhida à superfície das coisas e dos fenômenos. Ela se estabelece. Aliás, é a função dos historiadores, dos policiais, dos juízes, dos cientistas, ou dos

fotógrafos estabelecer, conforme procedimentos sempre específicos, a versão da verdade e atualizá-la em objetos dotados de formas. Daí resultam a verossimilhança e a probabilidade, mais do que a verdade. A verdade dos fatos e das coisas não coincide com a verossimilhança dos discursos e das imagens. Apesar de seu contato com as coisas, a fotografia-documento não foge a regra: ela própria obedece a lógica da verossimilhança, não a da verdade; a passagem da verossimilhança para o real e para o verdadeiro é, também com ela, sempre sinuosa e improvável.

Percebemos com auxílio das imagens e dos relatos que ao longo de pelo menos três décadas o basquetebol representou, para um grupo de jogadores e uma parcela da sociedade riograndina, mais do que somente um esporte cuja prática foi muito difundida, através de mais falas de nossos entrevistados e de nossas bibliografias aproximamos o que acreditamos ser uma identidade desse basquetebol, exercício que perseguiremos na parte seguinte do trabalho.

### 3.3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E *ETHOS*: O FIM DO JEITO RIOGRANDINO DE JOGAR BASQUETEBOL?

A partir das discussões feitas até o momento temos um quadro geral da representatividade do basquetebol riograndino durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, alguns indivíduos apontados como grandes facilitadores das rivalidades, das disputas internas, algumas lendas, apontamentos de aproximação entre a cidade e o basquetebol. Na parte final do trabalho aprofundaremos as discussões entre oralidade e memória buscando delimitar identidades presentes nos discursos dos ex-atletas e aproximar as ideias de identidade e *ethos*. Para tanto nos valeremos de relatos mais específicos sobre a teia de interrelações que nos leva a crer ser possível essa discussão.

Atentamos para algumas discrepâncias cronológicas entre o que nos foi relatado e o que está registrado, todos os clubes e as equipes existiram em algum período do tempo passado, contudo a título de debate com a memória delimitamos que nem tudo o que nos foi contado está em uma linha de tempo

exata, isso porque as memórias não seguem a linha temporal por nós conhecida, sobretudo, se algum dos fatos perguntados foi considerado memorável pelos nossos entrevistados, como esclarece Candau (2012, p. 98-99): “Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade” ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação.”(grifos do autor), nesse sentido a memória individual segue um caminho e a coletiva segue outro, a convergência entre ambas está no momento de evocação, ou seja, no ato da entrevista quando a um indivíduo é exigido lembrar-se de fatos coletivos.

Porém, para além de uma mera discussão entre categorias de memória nos interessa o reconhecimento coletivo ou os motivos do basquetebol e de seus grupos, times, clubes ocuparem o lugar onde tentamos demonstrar que ele está para esses indivíduos. Para isso ancoramo-nos na sociologia da formação dos grupos sociais, aqui descrita por Coury in Garrigou&Lacroix (orgs.) (2010, p. 124):

A hipótese central de Norbert Elias é audaciosa: os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação. É nessa audácia que se situa a pista aberta por Norbert Elias para uma sóciogênese dos grupos sociais [...]

Percebemos no excerto que a formação dos grupos sociais é uma aposta audaciosa, mas essa aposta nos condicionantes dessa formação é congruente com aquilo que percebemos nas discussões feitas pela memória, tentando delimitar a construção social da memória como descreve Candau (2012, p. 105-106):

Se o homem não é um “homem nu”, mas um ser social, se ele pode ignorar a cifra de um ou dois milhões de neurônios que perde cotidianamente a partir dos 30 anos, é porque a transmissão contínua de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos, etc. lhe permite aprender tudo ao longo de sua vida e, ao mesmo tempo, vem satisfazer seu instinto epistêmico. A partir dessa aprendizagem – adaptação do presente ao futuro organizada a partir de uma reiteração do passado -, esse homem vai construir sua identidade,

em particular em sua dimensão protomemorial<sup>68</sup>. Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. (grifos do autor)

O jogo social de construção da identidade que está para Candau (2012) no centro dessa discussão entre sociedade e indivíduo é ainda corroborado por Lowental (1998, p. 83) para quem a relação entre memória e identidade é estreita uma vez que: “Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos.”.

O reconhecimento identitário na fala dos entrevistados é demonstrado de maneiras diferentes por cada indivíduo, porém uma característica comum é a de ficar evidente a evocação do que Lowental (1998) delimita como memória afetiva, ou memória que traz à tona sentimentos relativamente a evocação, já Candau (2012) descreve esse tipo de evocação como uma metamemória, ou formadora de identidade. Assim, na fala de Vieira (2014) percebemos esse teor:

Então, essa formação que eu comecei com quinze anos lá e uma turma que era, [...] eu, Varela, o [...] Jorge Canhão, o Esperon velho, o teu pai, Davi Nora, [...], o Ibraim [...] deu uma formação pra nós assim, uma formação de homem! De homem no sentido da p..., homem de aga assim, tu ter, tu ter postura, tu ter retidão, tu ser um cara correto, essas coisas que ele formou assim e que a gente com quinze anos... Tu absorve isso aí né! Porque um ambiente, [...] o basquete na realidade ele, ele te forma um ambiente de equipe assim, de uma coisa eeee, pra mim foi muito importante por que foi uma coisa saudável no sentido de formar caráter e que depois eu levei aquilo pra toda minha vida! Até hoje.

---

<sup>68</sup>Candau (2012, p. 22) define protomemória como: “[...] a memória incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância e mesmo durante a vida intrauterina: técnicas do corpo que são o resultado de uma maturação ao longo de várias gerações, memórias gestuais [...]”

Já na fala de Schmitt (2014) percebemos o teor de um reconhecimento mais vinculado ao clube, mesmo demonstrando um orgulho no pertencimento ao grupo mais forte do basquetebol riograndino:

[...] o grande time mesmo de Rio Grande, [...] foi definido dentro do Clubes de Regatas Rio Grande, por que o Clube de Regatas Rio Grande era [...] era o clube mais forte de basquetebol. E o, e no campeonato citadino [...] naquela época [...] o Regatas era o campeão citadino sempre né, então por ali é que saia, saia seleções [...] nós jogava mais tecnicamente né, por que nós não tinha nem camiseta, bola, muitas vezes a gente comprava por conta própria [...]

Outro de nossos entrevistados ainda soma apresentando uma memória afetiva muito forte ao lembrar-se das disputas de sua época, nos permitindo praticamente ter o mesmo sentimento na atualidade. Curi (2009):

Nós disputava contra, contra, contra juiz, contra todo mundo! [...] Não era na marra que iam nos ganhar! Dentro da quadra tinha que ser macho pra ganhar da gente. E além da gente ser macho, ainda botava a bola na cesta! [...] Ficamos dois anos pra perder uma partida!.

Lawson (2009) fala do que ele acredita ser um jeito riograndino de jogar basquetebol quando perguntado sobre o jeito riograndino de jogar basquetebol:

O jeito riograndino de jogar basquete. [...] Ah isso aí faz parte! O massagista sair do banco correndo e atacar o cara que vai fazer a bandeja! (risos). Vai decidir o jogo! Marcar o cara! Botar a bola fora! É Rio Grande ficou com uma fama de violência aí, de agressão né? Uns troço que não levam a nada. Entendesse? Isso aí não, isso aí marcou negativamente entendesse? Isso aí. Então, eu sempre fui contra isso! Então eu sempre fui visto, mal visto. O pessoal me atura um pouco aí, mas eles nunca gostavam muito das minhas posições, porque eu acho que isso nunca somou!

Outro entrevistado Nóbrega (2014) colabora com uma fala nesse mesmo sentido:

Tudo! Tudo! Aquilo tinha uns, uns... (pensando) O ginásio era de madeira, tinha, tinha umas colunas que era tipo umas escadas, tem fotos aí! O Dadinho deve ter, o papareia! Os cara pendurado naqueles troços! Os cara eram, não tinha policiamento, não tinha nada! É! E era uma cerquinha de madeira assim, na volta da quadra! [...] Não tinha rede! Não tinha rede. Imagina tu conter aquele... a pressão que os juízes sofriam! Aquilo era um pavor! (risos) Pressão eeee, e agressão! [...] Claro! Isso é que, que se desdobrava! Por isso

é que até alcançava algumas coisas que de repente não poderia alcançar [...] no normal né?

Nóbrega (2014) ainda fala sobre a maneira como o clube se estabelecia dentro da quadra:

Aprendido lá também, no Regatas tinha escola! A escola do Regatas era bola na mão! Ninguém ganhava do Regatas fácil! O Regatas não deixava ninguém ganhar fácil, o Regatas não deixava ninguém ganhar fácil, podia vir, era a escola do Regatas! Bola na mão! [...] É essa tal escola que eu te falei, bolinha na mão! [...] É essa escola do Regatas [...]

Os entrevistados deixam claro nas evocações, a presença de um saber não escrito como um condicionante de pertencimento ao grupo, esse tipo de situação menos pontuada, porém, também visível na maioria das falas ao longo do trabalho, contribui para pensarmos o *ethos* desse basquetebol.

De certa maneira esse sentimento de pertencimento ao grupo está vinculado ao que cremos ser um jeito próprio do riograndino compreender e praticar basquetebol. Notadamente por ter um domínio técnico maior e por ser o clube mais antigo a praticar basquetebol, o Clube de Regatas Rio Grande tem influência maior nas falas de seus ex-atletas, o conhecimento dos sócios e dos praticantes de basquetebol no clube fornecia certa coesão do grupo. Outro entrevistado deixa claro em sua fala a coesão do basquetebol e o conhecimento do que o entrevistado chama de “castas” vinculadas aos clubes. Curi (2009):

Uma família. Família Regatiana que chamava. [...] Tu pertenceu a uma casta da família Ipiranguense. Todos eles eram Ipiranga. [...] Nós temos outros o Varela que muitos anos foi da Ipiranga. Nós temos [...] o Calveti que pertenceu aos dois lados [...] Nós tivemos a família dos Mélinhos que jogaram tudo pelo Regatas. [...] Filho do seu Pablo, que era da capitania. Jogaram basquete direto e os dois Spotornos o que é médico e o que é conferente, os dois jogaram no Regatas. [...] a família Amaral é toda de lá! Depois os Amarais passaram pra Ipiranga também, o Zé Luís não, o Zé Luís e o Cutruca permaneceram no Regatas! O Dudu, Eduardo começou no Regatas e terminou no Regatas. [...] O Spotorno Bi, o Cléo Lages e o Max Bitencourt, os dois iniciaram no Regatas e foram pro Ipiranga.

A mistura entre os clubes e as “castas” de certa forma uniformizou o basquetebol entre os “estabelecidos” (ELIAS, 2000) dentro do grupo mais forte tecnicamente, pela fala de Schmitt (2014) citada anteriormente e pelos “outsiders” (ELIAS, 2000) ou os dissidentes que gostavam da prática do basquetebol, porém não teriam espaço para praticar a modalidade dentro do Clube de Regatas Rio Grande e acabaram povoando novos clubes.

Ser estabelecido ou outsider, nos termos descritos por Elias (2000), tem relação direta com uma alteridade criada e gerida dentro de determinado grupo, sendo os grupos de ex-atletas criadores e gerentes das regras e hierarquias próprias aos seus interiores. E a cidade do Rio Grande da mesma forma na escolha desse ou daquele esporte como sua preferência. A alternância de membros entre os grupos tem relações diretas com a aceitação ou não das regras e hierarquias de determinado grupo apesar do reconhecimento entre os clubes praticantes da modalidade mesmo em épocas que extravasam essa pesquisa, como conta Curi (2009):

Dissidências que a gente fala, não são revoltas. Não concordâncias com critérios. O Regatas foi o primeiro clube a admitir um negro jogando basquete. Que foi o Gerdum [...] O Gerdum jogou no Honório Bicalho e no Barroso anterior a mim! [...] Nessa época aí nós realmente tinha um basquete bom, o Barroso [...] foi vice-campeão estadual! Com os dois Schmitts, o Schimitão e o Schimitinho [...]

Nesse mesmo sentido, Schmitt (2014) contribui quando diz: “[...] na época lá do Regatas em 67 os que sobravam vinham pro Ipiranga, o Calveti veio pra cá, o Melinho veio pra cá [...] né o Carlos Melo, oooo... muitos vieram pra cá pra fugir né... [...] E aí começavam a formar time por que tinha muita gente no basquetebol [...]”

Os entrevistados nos revelam em primeiro lugar uma disputa por espaço no interior dos grupos que levaram a dissidências como havíamos sugerido, as não concordâncias buscam elos com temas polêmicos como o racismo na sequência da fala e no último trecho a comparação da alteridade geracional entre os atuais que “herdaram” o dom do basquetebol de outros.

Outro entrevistado relata como a disputa por espaço e por poder no interior da configuração dos clubes e do basquetebol riograndino afetava as relações entre os ex-atletas demonstrando dinâmicas utilizadas no jogo de disputas internas desses grupos. Nóbrega (2014):

Aí eu me lembro que isso aí foi nuns jogos do interior e depois a gente vai montando o quebra-cabeça, que eles se chamavam lá [...] os tricolosso e faziam isso e eu dizia que [...] é essa de tricolosso?! [...] Tricolosso pra lá e aí tinha eleições no Rio Grande (Esporte Clube Rio Grande ou tricolor), lançaram o nome do Dadinho, que foi até por sinal o presidente mais novo de clube do Brasil na época! Eeee, já com a ideia dele ser o presidente do clube né, e abrir um departamento de basquete! Aí eles abriram o departamento de basquete. [...] Que, que levaram do Regatas! A maioria foi do Regatas, não sei se levaram, se levaram do Ipiranga foi pouco! (grifos nossos)

Longe de acreditarmos em uma aceitação pacífica das regras estabelecidas no interior dos grupos, os entrevistados demonstram que as disputas de poder geridas internamente buscam mudar as correlações de forças, ou mesmo uma mudança de patamar nesses jogos de poderes (ELIAS, 1980).

Essa mudança na correlação de forças entre os clubes se expressa de diversas formas. Como revela Schmitt (2014) que acrescenta a esse respeito delimitando uma mudança geracional dessa disputa do basquetebol:

O Caturrita começou no Barroso, jogava no time do meu pai porque a hegemonia do basquetebol na década de quarenta e cinquenta antes do Regatas ser campeão. Até cinquenta né, até 58, 59 (1958-1959) [...] o Regatas começou a ter hegemonia, o grande time do Regatas esse que ganhou em 67 (1967) [...] Antes disso aí era o Barroso, era na década de 40 (1940), de 50 (1950) início década de 50 (1950), até 55 mais ou menos, até 55, pegou 38 (1938) pra cá, entendesse, pegou toda a década de 40 e pegou o início da década de 50 até 53, 54... [...] o Barroso tinha ainda time, [...] mas ele conseguiu ter ainda a hegemonia [...] até o início da década de 50, 52, 53. [...] O time do Barroso [...] ele foi vice-campeão gaúcho [...]

Percebemos nessa fala o reconhecimento do basquetebol como algo distante, porém nos passa também uma imagem vivida das grandes conquistas de ambas as gerações, os estabelecidos de outras épocas soam como alteridades aos atualmente estabelecidos como grandes. Novamente



atentamos para uma memória afetiva dos tempos áureos em que o basquetebol fazia parte da configuração da vida desses ex-atletas.

Em outros termos percebemos que uma distinção é estabelecida com os grupos e rivais momentâneos de sua época, mesmo que anteriormente fossem membros do mesmo grupo e aliados, ao quebrar com os códigos de conduta do primeiro grupo estava considerado e refugiado como outsider e teria que disputar dentro da configuração, qual grupo era o mais “poderoso”, mesmo que aparentemente todos fossem oriundos do basquetebol “criado” no Clube de Regatas Rio Grande. Vieira (2014) contribui com um episódio sobre as disputas entre os grupos:

[...] apareceu em Rio Grande, Fernando Larraude, que veio a convite do Regatas [...] a história que eu sei é que os caras marcaram uma reunião com ele aqui e [...] chegou no dia da reunião, marcaram num lugar não sei aonde aí, ninguém apareceu do Regatas. Aí o cara pô, vim do Uruguai, cheguei aqui, aí apareceu um do Ipiranga: não, por que é que tu não vai lá no Ipiranga conversar com os cara? Aí os caras falaram, não, tem um treinador uruguaio assim, assim, chamaram ele, aí ele virou e aí sequestraram o Larraude e o Larraude ficou [...] por que o Larraude na época nem conhecia Ipiranga não sabia nada [...]

Nesse episódio narrado, fica claro que as disputas ultrapassavam o âmbito da quadra de jogo, a utilização de artifícios de dissuasão contra a proposta feita pelo rival ao técnico, para convencê-lo a trabalhar no próprio clube deixando assim o adversário em situação de desvantagem demonstra que, mesmo o status de estabelecido do Clube de Regatas Rio Grande, não lhe garantia possibilidades de controle completo em situações que economicamente favoreciam o rival. Como vimos anteriormente nesse quesito o Ipiranga Atlético Clube possuía maior influência, como também contribui Pinto (2014): “Teve títulos, tinha gente, o clube mesmo, é, o clube dispunha de [...] condição financeira bem boa, por que ainda existia a refinaria, que patrocinava muito né, investia muito dentro do clube, incentivava!”, Vieira (2014), também contribui comentando sobre o tema: “No tempo do Ipiranga. No tempo do Ipiranga que eu digo, no tempo que a Ipiranga que existia, que tava com essa força máxima, pra Ipiranga não tinha problema nenhum de viajar! Entendesse.”, a envergadura econômica do Ipiranga Atlético Clube chegou a

formar um “profissionalismo” em torno do basquetebol riograndino como conta Vieira (2014):

Fui sempre, sempre amador, sempre amador. Apesar, dentro do Ipiranga tinha algumas pessoas que recebiam! [...] ou dinheiro, ou algum benefício assim. Tipo fazia, faziam, eu sei de gente que fez faculdade de medicina, fez faculdade de engenharia e alguns tinham que pagar alguma coisa e eles pagavam... tinha assim. Mas eu nunca me envolvi nessa parte assim, eu nunca me interessei! [...] Tinha gente, entre aspas, profissional!

Nesse sentido outro de nossos entrevistados, Curi (2009) fala sobre os resultados dessa atitude:

E a Ipiranga ofereceu vinte mil, pro Fernando Larraude! E o Larraude cometeu um grande pecado, eu tinha alguns guris, [...] o Fifi Marcelo, o gordo irmão dele, o Alessandro, um castelhaninho que tinha. [...] Eram seis ou sete guris! Ele tinha duzentos guris! Aí ele levou os meus guris. Aí eu não tinha mais o que fazer, eu digo eu não trabalho mais! Foi quando eu parei praticamente. O resto do pessoal, aí ficou ruim porque, não adianta nada tu ter duzentos e cinquenta num time e tu não ter adversário! Quando ele tinha que jogar ele tinha que ir a Bagé! [...] tinha que ir a POA, tudo a trezentos quilômetros daqui! Enquanto a estrutura financeira da Ipiranga deu cobertura pra isso tudo bem!

Percebemos que a “profissionalização” praticada pelo Ipiranga Atlético Clube, em certa medida foi responsável por um enfraquecimento na correlação de forças entre os clubes e por consequência na estabilidade da posição firmada até então pelo Clube de Regatas Rio Grande como pioneiro do basquetebol citadino, dessa forma sem adversários, conforme diz o entrevistado, parece-nos que um declínio inevitável nos grandes confrontos estava por começar.

A percepção dos ex-atletas ao relembrem de fatos do basquetebol no passado, ou seja, ao evocarem essas lembranças sobre a modalidade até aqui percebemos vestígios sobre a relação entre os clubes e indivíduos das equipes e percebemos de maneira mais incipiente a relação entre os habitantes da cidade e o basquetebol, porém uma maior incisão nas falas dos entrevistados revela mais detalhes dessa relação. Vieira (2014):

Hoje tem jogo, hoje vai ter jogo, basquete, é Ipiranga e Regatas! O ginásio, tanto [...] o do Ipiranga, como o do Regatas lotava! Lotava! Cobravam ingresso! Cobravam cinco pila ou sei lá quanto cobravam, lotava, lotava, lotava! Não tinha onde tu botar gente de tanta gente que tinha! Aí ia uma rádio, uma rádio AM ia lá, Minuano não sei o que, transmitia o jogo, é, tinha foto no jornal! Tinha aquelas coisas todas [...] com certeza, no outro dia era só o que se falava! A perdeu, perdeu, perderam! Por isso, por isso da guerra de não perder! [...] Tu via gente no ginásio que não tinha nada a ver com basquete [...] E naquela época não, o que gostava de, ba hoje tem jogo de basquete eu vou! Então os cara iam! O pessoal do porto que tinha o sindi, por que tinha gente que trabalhava no porto [...] e jogava no Regatas! Então, um monte, um monte de gente de charanga os caras iam aquelas coisas.

Pinto (2014) também contribui com sua lembrança a esse respeito:

A relação... Ainda tem, aqui Rio Grande teve né, nessa década de sessenta, setenta, teve um relação muito grande, hoje ele tá mais apagada! [...] Vinha as rádios aqui pra dentro.. Entrevistar a gente e... [...] Transmissão ao vivo. [...] A rádio Minuano, Valmir Dutra eu me lembro que vinha, Sérgio Sati. São... [...] É irradiavam basquete aqui. Futebol de salão. [...] Acompanhava basquete pelo rádio!

Schmitt (2014) comenta como era a divulgação midiática feita nas décadas de 1960 e 1970 e sobre a atenção dada ao basquetebol na época: “[...] uma marquise [...] que ficava em cima as rádios, a rádio Riograndina, a rádio Minuano, a rádio, rádio Pelotense, a rádiooooo Gaúcha que era desses que vinha aqui todos pra irradiar na época, não tinha televisão ainda aqui né, pra ver o jogo [...]”. Esse interesse midiático dado ao basquetebol e ao esporte nessas décadas era visto pelos ex-atletas como uma contribuição para o interesse da população local tornando a modalidade parte orgânica integrante da cidade, como comenta Vieira (2014):

[...] a minha comparação sempre é com Grenal! Depois que terminava o jogo, os cara sempre, bá por que ganharam? Por que perderam? Por que não sei o que... Os cara vinham atrás de ti pra falar isso aí! Sabiam que tu jogava, sabiam que tu jogava dentro do Ipiranga! [...] Fiquei famoso, fiquei famoso dentro da cidade nesse, pelo menos nesse segmento aí né! Nesse, nessa página do jornal eu fiquei famoso né! (risos)

Outro entrevistado contribui falando do envolvimento das categorias de base do Clube de Regatas Rio Grande com as equipes adultas do clube e

alguns aspectos da comunidade que comparecia apesar de alguns contratempos, Nóbrega (2014) descreve:

Aaahhh, sempre lotado! E a missão da gurizada [...] dos abaixo do adulto, cansei de fazer isso, quando ia ter um jogo [...] aqui no Regatas valendo pelo campeonato estadual, nós tínhamos que pintar, o ginásio era de madeira, as arquibancadas eram de madeira e nós pintávamos com a ajuda do Bira, ele junto, com cal! Aquilo ficava bonito, ficava clarinho, mas o pessoal depois que saía [...] do, todo mundo sujo de cal! [...] Parava, parava! O ginásio, [...] lotado sempre, sempre, sempre! [...] Sempre lotado! Imprensa tudo!

A grandiosidade e a proporção dos confrontos pode não ter a mesma dimensão do futebol do século XXI contornado pelas proporções “mega” em termos de cifras, de número de estádios, de recordes, de chuteira de ouro, porém toma contornos estratosféricos sob a perspectiva do choque esperado entre dois rivais clubísticos, rivalidade essa alimentada pela imprensa, pelos torcedores e pelas lendas locais, do confronto físico, de muito contato, de um “pega pra capar muito forte” (VIEIRA, 2014) em que os resultados se tornam inesperados, tornando as emoções, o autocontrole ou o descontrole um elemento possível nessa disputa, são esses vestígios de emoções que denunciam o tom dado ao basquetebol citadino nesse período.

Nóbrega (2014) aponta que a identificação entre a população e o basquetebol estava presente no dia-a-dia e utiliza como comparação a capital gaúcha para dimensionar essa identidade entre o basquetebol e a população local:

Ba... mas aqui eu que trabalhava no balcão sentia isso na pele né! [...] Exatamente! Alguém às vezes talvez nem me conhecesse: Ba, mas não era tu que tava jogando! Não sei o que... E vinha tinha muito reflexo sim! Tinha, tinha [...] Ah lotava! Sempre lotava! Ipiranga... o teu pai era dessa época, se lembra. Não entrava ninguém, não entrava uma mosca dentro do ginásio! Tinha que fechar os portões! [...] épocas diferentes, mas eu preferia aquela época né! [...] mais romântica como diz o outro! [...] Pô, totalmente! Com a cidade, se identificava com a cidade né! [...] É! Eu acho que [...] os dois maiores pólos de basquete que tinha era Rio Grande e Santa Cruz! [...] Mais que Porto Alegre! Na proporção muito mais! Muito mais! [...] se vivia, se respirava mais basquete!

Ainda nesse sentido Schmitt (2014) soma a respeito das projeções locais do basquetebol a época e dos motivos desse reconhecimento da modalidade:

Talvez até projeções maiores que na época o futebol, na época o futebol, se tu pegar, por exemplo, na época em 67 a 70, era melhor do que o Futebol! O futebol era muito restrito a cidade né! [...] Representou muito a cidade. Rio Grande ainda é conhecida né. [...] dos jogos, das histórias é. Nas participações

Schmitt (2014) ainda acrescenta outros vestígios dessa interconexão basquetebol/cidade ao contar outro episódio:

[...] e ficou estabelecido conforme foi falado com o Cruzeiro que o jogo seria [...]... Transferido, seria transferido pro Regatas como era filiado da federação, o Ipiranga também era, o Cacique: não então vamo transferir... [...] De lá, pra cá, no mesmo dia que tava ocorrendo lá, já era umas, nove e meia, quase dez horas da noite e todo público quando foi transferido [...] o público todo aqui na frente, todo o público pela rua pra o clube [...] tinha acabado o primeiro tempo [...] tava 32 a 31 [...] pra ser complementados aqui no Ipiranga [...] foi uma, uma coisa inusitada até, aquele público lá, acho que duas mil pessoas pela rua, de lá do Regatas, até o Ipiranga, até aqui. Vieram por aqui pela, pela Coronel Sampaio (rua da cidade que liga os clubes) todo mundo... [...] O público aqui tremendo esperando na porta, todo mundo vaias e coisa e tal né e não abriu! (grifos nossos)

A conexão com a população se expressa nessa fala em termos de interesse pelo resultado e pelo desempenho da equipe, o jogo em questão não era um confronto citadino e mesmo assim a torcida manteve seu interesse em acompanhar o resultado. Já o rival local, Ipiranga Atlético Clube, que nos bastidores ajudava o Clube de Regatas Rio Grande, nessa oportunidade manteve a rixa viva e impediu o prosseguimento da partida mesmo sob pressão dos aproximadamente dois mil torcedores e da federação gaúcha de basquetebol.

Sobre a rivalidade, alimentada nessa ocasião pelo Ipiranga Atlético Clube, Nóbrega (2014) fala sobre o personagem do Clube de Regatas Rio Grande que a “inventou”:

Birajara Martinez. Que é o que leva o nome do ginásio, que o, esse que era o homem do basquete do Regatas! Que é o que levou o Regatas a ser bicampeão estadual, fazia qualquer coisa pelo Regatas! [...] Esse saiu da Ipiranga por causa do Regatas! [...]

Trabalhou é ele tinha carreira dentro da Ipiranga! [...]E a maior rivalidade do, do, do, que ele criou, no basquete, foi, com o Ipiranga foi...

As balanças de poder mudam de posição conforme mudam as necessidades para expressão de poder (ELIAS, 1980), nesse caso o famoso “Barracão”, o ginásio do Clube de Regatas, não representou a expressão de poder técnico da equipe e a necessidade de outro ginásio para a conclusão da partida fez com que o Ipiranga Atlético Clube pudesse impor sua perspectiva de poder ao rival. Mesmo tendo criado a rivalidade como maneira de expressar sua superioridade técnica, nessa ocasião o Clube de Regatas Rio Grande ficou a mercê do rival que de certa maneira assimilou a disputa e rechaçou a “superioridade técnica” com força política.

Em termos históricos essas lembranças pouco somam ao nosso trabalho, porém mnemonicamente esses relatos apresentam uma quantidade de vestígios suficientes para pensarmos questões relativas ao que Candau (2012, p. 86) denomina de “memória longa” que tem a ver com a imprecisão da evocação em termos absolutos, nesse caso menos nos interessa se realmente haviam duas mil pessoas andando pelas ruas, e sim que uma grande quantidade de pessoas acompanhou o jogo independentemente da tentativa frustrada da transferência do local. Candau (2012, p. 86) complementa sobre o tema:

Enquanto a memória do tempo profundo tende a enfraquecer a consciência identitária, a memória longa a reforça. Essa memória é menos uma memória profunda do que a percepção de um passado sem dimensão, imemorial, em que se tocam e por vezes se confundem acontecimentos pertencentes tanto aos tempos antigos, quanto aos períodos mais recentes. Essa memória longa, que Françoise Zonabend descreve como “uma visão do mundo” própria de uma coletividade, revela memórias fortes, pois organiza de maneira estável a representação que um grupo faz de si mesmo, de sua história e de seu destino. (grifos do autor)

Le Goff (2013) atribui esses fenômenos da memória ao fato de que representam intervenções na ordenação das lembranças e criam releituras sobre elas. Essas releituras do “passado” são, segundo o autor, fundamentais

para os processos de comportamento narrativo. Em termos históricos as imprecisões e a falta de objetividade conferida às histórias faladas lhe dão descrédito principalmente quando pensamos em um exercício de poder social como comenta Le Goff (2013, p. 390):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Notadamente as escolhas de quem conta “a história” de determinados grupos sociais influenciam naquilo que será ou não lembrado, porém, existe uma diferenciação entre os grupos que representam uma história escrita, ou uma história falada (LE GOFF, 2013). No caso de nosso estudo, as peculiaridades estão justamente por tratarmos de grupos calcados em uma tradição oral de transmissão de suas memórias históricas e, portanto, suas identidades são definidas mais pelo conteúdo amplo das falas, do que pela precisão absoluta daquilo que nos é contado.

Contudo, os vestígios deixados pelas falas dos entrevistados, congruentes entre si ou não, nos auxiliam sociologicamente em diversos aspectos, no sentimento de pertencimento aos grupos/clubes do basquetebol riograndino (*ethos*), nas correlações de forças entre os grupos e indivíduos que desses grupos fizeram parte (configuração) e mnemonicamente nas discussões de memória descritas até o momento, em uma linha cronológica mais ou menos organizada.

Anteriormente mencionamos o declínio do basquetebol riograndino, que podemos atribuir a inúmeros fatos e fatores. Deixaremos as falas das evocações apresentarem consciente ou inconscientemente alguns dos motivos que acreditamos que tenha trazido esse basquetebol da efervescência para o estágio atual.

Nosso entrevistado Nóbrega (2014) tenta explicar o fim do basquetebol riograndino através de um sentimento de interdependência entre os clubes:

Eu, eu acredito que ooooo, um dos motivos que acabou ooooo, ooo, a rivalidade do basquete foi quando fechou o Ipiranga! O departamento de, de, de basquete do Ipiranga né. E uma diretoria aí, não sei qual foi, ou não teve mais repasse da refinaria, de verba [...] pro Atlético! Eu acho que a bem da verdade eu acho que foi isso aí! Aí, aí, aí aaaaa, Ipiranga obrigou-se a fechar os departamentos, fechou todos os departamentos! Futebol de salão, basquete... esgrima! E não sei mais o que, que tinha. E o Regatas, que era tipo dupla grenal no caso né, um vive do outro, um se espelha no outro e... foi isso que aconteceu! E ali morreu! [...] Olha, vou te dizer, a Ipiranga fechou... (pensando) Ipiranga fechou eu acho que em 83, 84 o departamento de basquete! [...] Acabou, acabou. (grifos nossos)

Pinto (2014) atribui o fim a fatos administrativos do Ipiranga Atlético Clube:

até oitenta eeeeeee, cinco, oitenta eeee oito! Aí depois ficou basicamente, o diretor da empresa, o diretor presidente, achava que, que não tinha condições de o, de o associado ter a quadra, utilizada muito por essas categorias que, que a gente disputava os estaduais, torneios, que não tinha nada a ver com o SESI né! Aí não tava as coisas funcionando [...] o clube tinha se retirado do SESI [...] um período [...] E aí o clube ficou basicamente com o associado! Né! Ficou utilizando só o associado, que é até hoje né, não tem mais nada...

Outro entrevistado também soma nesse mesmo sentido, diz Vieira (2014): “É a de oitenta! É essa aí, até o fechamento, até o fechamento, por que o fechamento foi um canetaço! Fecha! Pronto! Não aconteceu crise, não aconteceu nada! Simplesmente eles decidiram... Chega, fecha! Fecharam.”. Sem nenhum tipo de crise, segundo o entrevistado, o basquetebol sofre uma perda que aparentemente decretou o declínio crescente do basquetebol riograndino, a fala apesar de não especificar a data diz respeito da equipe de mini-basquetebol que começou a se formar entre o fim dos anos 1970, e o início dos anos 1980, que mesmo tendo discrepâncias etárias, entre 1976 (figura 11) e 1980 foram os remanescentes da última geração de atletas formados pelo Ipiranga Atlético Clube.

O distanciamento temporal entre o já ido e o presente, impossibilita decretarmos a verdade sobre o fim do basquetebol riograndino, não estamos aqui “matando o basquetebol” em si, mas, “matando” a existência daquela efervescência e do nascimento de novas gerações de atletas que renovassem



a perspectiva, a identidade ou que mantivessem o *ethos* do basquetebol riograndino ainda presente como nessas falas que expusemos em nosso trabalho. Lawson (2009) fala nesse mesmo sentido: “E depois esse declínio, porque, tu tem que ter suplemento de categoria de base se não tu não tem mais, a gurizada começou a desvirtuar pra outro tipo de atividade né!”

Por fim Curi (2009) conta em um breve trecho o que pode ter sido o ponto final da efervescência do basquetebol local:

Infelizmente não teve continuidade, o pessoal não deu a continuidade necessária, quando foi em oitenta, não terminou a partida contra a Ipiranga, o Davi deu um soco num, o Esperon deu um soco no outro, e terminou isso tudo, assim, estupidamente! Estupidamente! Pena né?

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu amigo e assistente técnico Charley Rosen costumava dizer que o basquete é uma metáfora da vida. Ele usava o jargão do basquete em tudo o que fazia. Se alguém o elogiava, ele dizia “boa assistência”, e se um táxi quase o atropelava, ele dizia “grande cortaluz!”. Era um jogo divertido. Mas, para mim, basquete é uma expressão da vida, um fio único, às vezes brilhante, que reflete o todo. Como a vida, o basquete é também confuso e imprevisível. Acaba acontecendo o que tem que acontecer, não importa o quanto se tente manter o controle.<sup>69</sup> (grifos do autor)

Utilizamos-nos das memórias de ex-atletas de dois clubes locais como ferramenta para realizar uma análise histórico-sociológica de interrelações entre a cidade do Rio Grande e o basquetebol. Nossa análise, pautada, sobretudo em Norbert Elias, nos ajudou a perceber uma interrelação, em termos, entre a sociedade riograndina como um todo e o basquetebol local, através do reconhecimento identitário entre os grupos pesquisados.

As décadas que marcam nossas análises apontadas por nós como “décadas da efervescência” foram talvez às décadas onde o basquetebol local mais foi capaz de se adaptar às configurações sociais exigidas, ou seja, os códigos de conduta social permitiam que esse basquetebol mais aguerrido, de mais “pressão e agressão” (NÓBREGA, 2014), de um “pega pra capar muito forte” (VIEIRA, 2014), que em parte delimitam o que chamamos de jeito riograndino de jogar basquetebol, durante três décadas movimentaram e representaram identitariamente a cidade do Rio Grande e representou um sentimento de pertencimento entre uma parcela considerável da sociedade riograndina, os torcedores e interessados no basquetebol e os clubes que desse estudo fizeram parte.

---

<sup>69</sup> Jackson & Delehanty (1997, p. 20-21).

Como suposição entre o cruzamento dos relatos e do estudo da história do município e do estado do Rio Grande do Sul, aparentemente houve uma mudança na aceitação de determinados comportamentos na sociedade como um todo e no código de conduta ético-esportiva dos atletas (como os casos de doping, por exemplo), códigos esses que de maneira geral modificaram a sociedade e o esporte. Essas mudanças mesmo que ainda continuem em processo minaram o já abalado basquetebol riograndino com a falta da rivalidade Regatas x Ipiranga enfraquecendo pouco a pouco o *ethos* que acreditamos estivesse delineado.

Dentro dessa perspectiva retomamos nosso problema: Quais são as possíveis interrelações e interdependências estabelecidas entre o basquetebol e a sociedade riograndina no período de 1960 a 1980 a partir da memória de seus ex-atletas?

Acreditamos ter respondido em parte ao nosso problema, uma vez que como pontuamos ao longo do trabalho, essas interrelações estão ancoradas nas memórias e sentimentos de coesão dos grupos, sendo assim por vezes se esvaem nossas tentativas em demarca-las objetivamente, contudo acreditamos estar clara a relação entre os clubes e do basquetebol com a cidade no período estudado.

Quanto aos objetivos podemos afirmar que foram cumpridos, já que, delimitamos a posição histórica e social do basquetebol dentro da sociedade riograndina da época através de um breve apanhado histórico e aprofundamos essa análise por intermédio dos relatos dos ex-atletas e por fim, delimitamos as peculiaridades dadas ao basquetebol riograndino através desse *ethos* particular, dessa interrelação mimética entre os atletas e a cidade fundando o que chamamos de um jeito riograndino de jogar basquetebol.

Os entrevistados contribuíram relatando e demonstrando sentimentos no ato das entrevistas que funcionaram, mais do que como um mero instrumento metodológico para obtenção dos dados, eles nos aproximaram momentaneamente da representatividade do basquetebol para eles e por delimitação de terceiros, assim, nos aproximamos social e historicamente da configuração da cidade pesquisada e dos grupos que contribuíram para que a

cidade se estabelecesse como diferenciada em termos da apreensão sociocultural do basquetebol. Estabelecemos um elo de interrelações e interdependências mútuas do basquetebol com os anseios da sociedade e nesse ponto as fotografias também nos auxiliaram por expressar imagetivamente esses anseios.

Já a relação com a memória que está além do alcance da oralidade, da escrita ou da imagem e, no entanto faz parte de todos esses elementos, procuramos tratá-la através de temas que pudessem ter interrelações ora com a história local -documento-, ora com a análise sociológica -sentimento-, ora como ícone e/ou marco, para embasarmos ambos os elementos anteriores -monumento-.

Para estabelecer o *ethos* do basquetebol riograndino através de nossos entrevistados, pontuamos um sentimento não nos/dos indivíduos que ali contavam, evocavam, recordavam somente como indivíduos, apesar desta relação estar sempre presente. Nossa busca, no ato da entrevista e ao longo do trabalho, foi pelo elo entre o recordar e o sentimento que unia aqueles grupos e que ecoou na cidade como um todo num determinado momento histórico.

Mesmo que apenas em parte, o sentimento de coesão remete a sentimentos de pertencimento ao grupo em questão, admitindo que o todo não seja apenas a soma das partes, mas sim as interrelações entre elas. Já a adesão a esse sentimento, a esse *ethos*, ainda é uma tomada de decisão individual e mais ou menos consciente.

A compreensão do funcionamento da conexão entre membros de um grupo de jogadores de basquetebol se mostrou uma tarefa árdua por estar, quase sempre, nas entrelinhas das falas dos entrevistados. Pensando de uma maneira mais abrangente, ou seja, que o basquetebol não está isolado das interrelações que o cercam, podemos perceber as interferências sociais nos estabelecimentos dos clubes de basquetebol local e nas disputas de poder presente nessas relações como descreve Elias (2000, p. 131-132):

O exemplo das pessoas de Winston Parva, mostrou em miniatura a que ponto o destino dos indivíduos, através da identificação feita por

terceiros e por eles mesmos, pode ser dependente do caráter e da situação de seus grupos, mesmo nas sociedades contemporâneas. Pelo simples fato de morarem em determinado bairro, os indivíduos eram julgados e tratados – e, até certo ponto, julgavam a si mesmos – de acordo com a imagem que os outros faziam de sua vizinhança. E essa dependência que os indivíduos têm da posição e da imagem dos grupos a que pertencem, sua profunda identificação com estes na avaliação de outrem e em sua própria auto-estima, não se restringe a unidades sociais com auto grau de mobilidade social individual, como os bairros. Existem outras, como nações, as classes ou os grupos étnicos minoritários, nas quais a identificação dos indivíduos com os grupos e sua participação vicária nos atributos coletivos são muito menos elásticas.

Percebemos, em complementaridade, que a ideia de Elias (2000) é a de que o sentimento de coesão de pequenos grupos está diretamente ligado aos sentimentos que esses grupos estabelecem internamente e ainda ao sentimento que é proferido sobre esse grupo pelos demais que o cercam e fazem parte da mesma configuração, desse modo percebemos que nosso trabalho tem relação direta com a época da efervescência do basquetebol, época de grande divulgação da modalidade. Outro fator relevante tem relação com a prática em si que ganhou destaque por conta da força adquirida pelos grupos na época, “as gerações” e a vontade de pertencer a esses grupos sejam as novas gerações de jogadores, sejam as pessoas que acompanhavam e lotavam os ginásios em busca daquela ebulição de emoções presentes nos jogos.

E por fim entre o começo, meio e fim das “décadas da efervescência” do basquetebol riograndino lendas e histórias foram contadas e muitas ficaram de fora deste trabalho, porém a lenda simples do término dessas décadas deixa espaço para os relatos dos últimos jogadores do basquetebol riograndino. Depois do fechamento do Ipiranga Atlético Clube no final da década de 1980, a chamada última geração de basquetebol, formada dentro do clube, ainda manteve vivo o *ethos* do basquetebol riograndino até o final da década de 1990, fato descoberto durante as entrevistas e que não pôde ser apurado para modificações posteriores, mas que, emerge como possibilidade de estudos futuros, como relata Vieira (2014):

Mais tarde depois nós tivemos, nós montamos um, um, que era o Clube Olímpico Raça, um clube que tem em Rio Grande, que é de futebol amador e aí nós juntamos, quando fechou o Ipiranga, juntou assim uma turma, uma turma de mais ou menos vinte anos [...] Que era [...] o Cochicho, o Eugênio, o Palito, era uma, era uma segunda geração que tinha [...] E aí a gente foi lá e pediu pro Elói, que era o presidente do clube [...] Elói Maciel, a gente pediu pro Elói se a gente podia continuar jogando, usando, usando o nome do Raça! Pode? Tu Permite? Permito! E aí a gente começou a ir, conseguiu um patrocínio da agência marítima Orion e aí a gente viajava, a gente fez campeonato do interior...

Assim sendo, mesmo deixando lacunas abertas para o seguimento de nossa vida acadêmica, fizemos a escolha consciente por um sentimento de pertencimento a essa configuração que se estabeleceu durante esse trabalho e que explica em parte o presente da sociedade de maneira mais ampla, utilizando uma micro-configuração e estudando suas modificações em um longo período, delimitado pelas memórias evocadas de quem viveu de fato a história, essa história.

## REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA OFICIAL DO BASQUETE. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial>>. Acesso em: 10/07/2013.

ALBERTI, V. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25/09/2013.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. de. Apresentação. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral (págs. vii-xxv)**.8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARCERI, M.; BIANCHINI, V. **La leggenda del basket**. Milano: Dalai Editore, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=WYvnfWslA4EC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 28/10/2013.

BANDEIRA, G. A. **“Eu canto eu bebo e brigo... alegria do meu coração”:** currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 128f.

BARRIO, C. DE O. L. **Intervencionismo do Império brasileiro no Rio da Prata: da ação contra Rosas e Oribe à tríplice aliança**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2011. 289f.

BARTHES, R. A. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 11–185.

BENCOSTTA, M. L. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História-SP**, v. 30, n. 1, p. 397–411, 2011.

BERUTE, G. S. Mercadorias, rotas e agentes mercantis: o movimento da barra do porto de Rio Grande (primeira metade do século XIX). *blogue de História Lusófona*, p. 1–13, 2011.

BETRÁN, J. O. **Gènesi i EtapesEvolutivesdelBàsquet com a EsportContemporani. TaulesCronològiques (1891-1992)**. *Apunts*, (34), p. 6–42, 1993.

BORGES, J. L. **Funes el memorioso**. In: Jorge Luis Borges: obras completas 1 (1923-1949). 1ª ed. – Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

BÓSI, E. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: Lembrança dos velhos**. 14 ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2007.

BOURDIEU, P. La definición social de la fotografía. In. BOURDIEU, P. **Um arte medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía**(págs. 135-139). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. 2003.

BRAUNER, D. **A Prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre: da emergência nos clubes à organização federativa**.2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 69f.

Cadernos do CHDD. *Cadernos do CHDD*, p. 232, 2007.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CARELI, S. S. da; KNIERIM, C. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. 1ª. ed. Porto Alegre: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 2011. p. 1–282

CARTIER-BRESSON, H. **O imaginário segundo a natureza**. Portugal: Amadora, 2004.

CAVICHIOILLI, F.R; REIS, L. J. de A.; STAREPRAVO, F. A. **A ocorrência histórica do lazer: reflexões a partir da perspectiva configuracional**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n.3, p. 63-78. Campinas, 2009.

CÉSAR, W. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2012.

CINTRA, J. P. O mapa das cortes e as fronteiras do Brasil. *Boletim de Ciencias Geodesicas*, v. 18, n. 3, p. 421–445, 2012.



CURI, Melik Emiliano Castanheira. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande**. Rio Grande- RS, 09/02/2009.

DAMO, A. S.; NOGUEIRA, A. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos*, n. 23, p. 87–117, 1999.

DAMO, A.; FERREIRA, B. S. No tempo das excursões – o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. *Revista de História Regional*, v. 17, n. 2, p. 378–411, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/4209/3246>>.

Acesso em: 13 fev. 2014.

DIAS, C. **A Sociologia figuracional e os estudos do Esporte**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 31, n.2, p. 155-169. Campinas, 2010.

DORNELLES, L. DE L. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 168–178, 2010.

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 9-37.

ELIAS, N. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

\_\_\_\_\_; **O processo civilizador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_; **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_; **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

\_\_\_\_\_; **O processo civilizador**. Vol. 1. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, N. ; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FABRIS, A. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 21–73.

FABRIS, A. E M. L. B. K. (ORGS.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: EdUSP, 2006. p. 157–192.

FERNANDES, T. M. M. DE M. F. V. A. (ORGS.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Scielo Books, 2000.

FERNANDES, T. M. Edição de entrevista: de linguagem falada à escrita. In: MONTENEGRO, A. T.; FERNANDES, T.M. (orgs.). **História oral um espaço plural**. Recife: Universitária; UFPE, 2001.

FERREIRA, F. **O General Lecor, os voluntários reais e os conflitos pela independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824)**. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2012. 258f.

FERREIRA, F. D. C. **A inserção do Kung Fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2013. 179f.

FRANÇA, M. T. **Memórias do Basquetebol na Cidade do Rio Grande (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009. 23f.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 3-13.

GAIO, R.; de CARVALHO, R. B. E SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GAUTÉRIO, Marta Soares. **A cidade, as águas e as práticas esportivas: a história do Clube Regatas Rio Grande (1897-1999)**. Trabalho de Conclusão. Curso de Graduação em História. Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2000.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GOMEZ, M. M. **Introducción a la metodología de la investigación científica**. 1ed. Córdoba: Brujas, 2006. Disponível

em: <<http://books.google.com.br/books?id=9UDXPe4U7aMC&pg=PA141&dq=e>

[ntrevistas+semiestructuradas&hl=en&sa=X&ei=UcZuUvD5BlfOkQe7sYCoDQ&ved=0CFsQ6AEwBg#v=onepage&q=entrevistas%20semiestructuradas&f=false](http://ntrevistas+semiestructuradas&hl=en&sa=X&ei=UcZuUvD5BlfOkQe7sYCoDQ&ved=0CFsQ6AEwBg#v=onepage&q=entrevistas%20semiestructuradas&f=false)

>. Acesso em: 28/10/2013.

GONÇALVES, R. T. Os dois lados da Banda: a construção territorial uruguaia. *XXV Simpósio Nacional de História*, p. 1–13, 2009.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALBWACHS, M. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1997.

HALBWACHS, M. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. 1ª ed. Québec: l'Université du Québec à Chicoutimi, 2002. p. 2–211 Disponível em: <[http://classiques.ugac.ca/classiques/Halbwachs\\_maurice/cadres\\_soc\\_memoire/cadres\\_sociaux\\_memoire.pdf](http://classiques.ugac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_sociaux_memoire.pdf)>. Acessado em: 13/05/2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28/08/2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JACKSON, P. & DELEHANTY, H. **Cestas sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

JAHNECKA, L. **O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 73f.

JORNAL RIO GRANDE. Cidade do Rio Grande introdutora do Basket-Ball no Estado. *Jornal Rio Grande*. Rio Grande-RS, nº 176, p.7. 17/07/1962.

KLAFKE, Á. A. **Antecipar essa idade de paz, esse império do bem. Imprensa periódica e discurso de construção do Estado unificado (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845)**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 287f.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. [s.l.] Jorge Zahar Editor, 1986.

- LAWSON, E. A. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 20/01/2009.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 7ª ed. Revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LE MOS, J. B. **As interfaces do basquetebol veterano masculino do Clube Regatas Rio Grande-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso. Educação Física. URCAMP, 2006.
- LOWENTAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História - SP**, n. 17, p. 63–201, 1998.
- LOZANO, J. E. A. Prática e estilos da pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral (págs. 15-26)**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LUFT, M. V. **“Essa guerra desgraçada”: recrutamento militar para a Guerra da Cisplatina (1825-1828)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. 237f.
- MACHADO JÚNIOR, C. de S. **Fotografias e códigos culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.
- MARCHI, J. W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2001. 267 f.
- MIRANDA, M. E. Fiscalidade e Guerra: o Rio Grande do Sul e o Brasil na Guerra da Cisplatina. *IX Encontro estadual de história - RS*, p. 1–12, 2008.
- NAISMITH, J. **Basketball: its origin and development**. Nebraska: Bison Books, 1996.
- NEVES, H. A. P. **A importância do porto do Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul (1890-1930)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1980. 197f.
- NÓBREGA, R. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquetebol na cidade do Rio Grande**. Rio Grande 19/11/2014.
- NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista de Estudos Pós-Graduados em História*, v. 10, p. 7–28, 1993.

O BASQUETE NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/BasqueteBrasil>>. Acesso em: 10/07/2013.

OLIVEIRA, S. M. P. DE. Em busca das origens: as interpretações da Revolução de Maio nas narrativas dos rio-platenses. *Navigator*, v. 6, n. 12, p. 56–65, 2010.

OLIVEIRA, M. R. DE. A expansão da Guerra Cisplatina para a margem africana do Atlântico. *Navigator*, v. 8, n. 16, p. 48–60, 2012.

PASTRE, T. G. F. DE L. **O basquetebol veterano do Paraná: a formação de grupos e instituições social**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2006.126f.

PELISSARI, M. K. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. 202f.

PEREIRA, A. P. **Domínios e Império: o Tratado de 1825 e a Guerra da Cisplatina na construção do Estado no Brasil**.Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2007. 269f.

PINTO, S. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquetebol na cidade do Rio Grande**. Rio Grande 07/10/2014.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos históricos - RJ**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos - RJ**, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2001. 307f.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte**. São Paulo: Editora Senac, 2009. p. 61–95.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: \_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice**. O social e o político na Pós-Modernidade. 3. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SCHMITT, L. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquetebol na cidade do Rio Grande.** Rio Grande 9/8/2014.

SOUZA, R. F. DE. Fotografias escolares : a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar*, n. 18, p. 75–101, 2001.

TORRES, L. H. Cronologia básica da história da cidade do rio grande (1737-1947). *Biblos*, v. 22, n. 2, p. 9–18, 2008.

VIEIRA, I. A. **“DELICADEZA E ESPIRITO DE GRUPO”: O BASQUETEBOL COMO INVENÇÃO CULTURAL.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. 2009. 176f.

VIEIRA, N. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquetebol na cidade do Rio Grande.** Rio Grande 19/08/2014.

WITTER, J. S. Futebol um fenômeno universal do século XX. *Revista USP*, v. 58, n. junho/agosto, p. 161–168, 2003.

ZALLA, J.; MENEGAT, C. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 62, p. 49–70, dez. 2011.

Disponível

em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882011000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en).

## **APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas**

### **Sobre sua relação com o Basquetebol**

Com que idade e em que ano começou a jogar basquete? Em qual clube o senhor começou essa prática? Até que ano e com que idade deixou de freqüentar o clube? Qual era a tua relação com o clube?

Qual a sua relação com o basquetebol? Teve influência da Família ou de Amigos?

Em quais clubes o senhor jogou basquetebol?

Foi atleta – Jogou basquetebol profissionalmente? Havia atletas profissionais no Clube? Como era a relação do clube com os atletas profissionais? E na cidade havia atletas profissionais de basquetebol?

Na época em que o senhor jogava por esse clube (Clube de Regatas Rio Grande ou Ipiranga Atlético Clube) o senhor trabalhava?

Chegou a trabalhar com o basquetebol? Se sim como técnico ou em outros cargos que não o envolvessem diretamente com a quadra?

### **A história do basquetebol em Rio Grande**

Quantos clubes havia em Rio Grande com basquetebol durante o tempo que o senhor jogava?

Onde se jogava basquete em Rio Grande na época que o senhor jogava?

Como eram acordados os confrontos entre as equipes de basquetebol entre as equipes da cidade ou fora dela? Como eram decididas as equipes que participariam dos confrontos?

Quais eram os maiores rivais no basquetebol na cidade do Rio Grande?

Quem foi o maior jogador de basquetebol da cidade do Rio Grande?

Como era aprendido/ensinado o basquetebol em Rio Grande? Como era o treinamento? Quem se responsabilizava pelo ensino/aprendizado no clube?

Qual foi/é a importância dos clubes para o basquetebol em Rio Grande?

Quais os personagens que o senhor considera famosos, importantes ou marcantes na história do basquetebol riograndino?

Qual o título que o senhor considera mais importante para a história do basquetebol riograndino? Por quê? Quais outros foram conquistados?

Qual década o senhor considera que foi o auge do basquetebol riograndino? Por quê?

Fala um pouco sobre o “jeito” riograndino de jogar basquetebol e sobre as histórias que foram protagonizadas em Rio Grande, como o caso da queda de luz numa final do estadual adulto de 67? Quais outros casos o senhor pode contar protagonizado pelo basquetebol riograndino?

### **Sobre a relação do basquetebol com a cidade do Rio Grande**

Como era a relação entre a cidade e o basquetebol?

Havia repercussão dos títulos, derrotas, brigas para o restante da cidade ou se resumia a um círculo pequeno de pessoas?

Os jornais noticiavam com qual periodicidade o basquetebol na cidade? Quais eram esses jornais?

Alguma vez o senhor se recorda de ter sofrido influência ou influenciar alguma situação envolvendo torcida? Pode me contar? Isso era frequente?

O basquetebol modificou a cidade durante a época que o senhor jogou?

O basquetebol representava algum tipo de anseio/vontade da cidade do Rio Grande?

Como o senhor se sentia representado/reconhecido para o restante da cidade?



Havia outros esportes de maior representatividade na cidade do Rio Grande na época em que o senhor jogou?

## ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- a) Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado: **“PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1960-1980): MEMÓRIAS CLUBÍSTICAS”**. É através de pesquisas como esta, realizadas no meio acadêmico que ocorrem avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é: Compreender quais são as possíveis relações estabelecidas entre o basquetebol e a cidade do Rio Grande no período de 1960 a 1980 a partir das memórias de seus ex-atletas.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, realizaremos uma entrevista semiestruturada (perguntas base sobre as quais poderá discorrer livremente). Para esse procedimento acreditamos que será necessário no mínimo uma hora para finalizarmos o questionário.
- d) Salientamos a importância de podermos acessar ao seu arquivo pessoal de fotografias e imagens da época em que o senhor jogou basquetebol, dessa forma podendo utilizar esse material durante a entrevista e para reprodução na pesquisa e em seus desdobramentos posteriores, caso o senhor concorde.
- e) A responsável pelo presente estudo é o pesquisador Mateus Trevisan França, mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelos telefones pessoais (53) 8103-5146 e (53) 3028-0691 ou pelo meu email pessoal: franca\_mateus@hotmail.com para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. O orientador da

Rubricas:  
Participante da Pesquisa ou responsável legal-  
\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável\_\_\_\_\_  
Orientador\_\_\_\_\_

Setor de Ciências da Saúde  
Rua Padre Camargo, nº 280, 2º andar, fone: (41)3360-7259  
CEP: 80.060-240/ Curitiba-PR

- f) pesquisa é o professor Wanderley Marchi Júnior, doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pode ser contatado pelo telefone profissional (41) 3362-3653 ou por seu email pessoal: [wmarchijr@gmail.com](mailto:wmarchijr@gmail.com) para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- g) Estão garantidas todas as informações ao entrevistado sobre os procedimentos metodológicos de coleta e tratamento de dados dessa entrevista, e quaisquer outras informações a respeito do estudo que for de interesse do participante.
- h) A sua participação neste estudo é voluntária, e você poderá desistir a qualquer momento. Desse modo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá solicitar de volta este termo de consentimento livre e esclarecido assinado e a garantia de que os dados por você ofertados não poderão ser utilizados nesse estudo.
- i) As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas pelo pesquisador dentro do âmbito acadêmico, por exemplo, artigos, congressos, monografias, e quaisquer utilizações posteriores por terceiros serão realizadas mediante a autorização formal do participante. Caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, os pesquisadores deverão ser comunicados e qualquer informação a ser divulgada será feita sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade. O senhor prefere que seja mantido seu anonimato nesta pesquisa? Sim (\_\_\_) Não (\_\_\_)
- j) A sua entrevista será gravada. Somente o pesquisador terá acesso à gravação e ficará sob sua custódia o armazenamento da mesma. O período de guarda tanto do arquivo de áudio digital quanto da transcrição digital e impressa será de cinco anos após o término da pesquisa, depois de findado esse período esse material será destruído.
- k) Você não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. O benefício à pesquisa se dá corrente de sua experiência pessoal, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo. Sendo a história do basquetebol riograndino um campo ainda repleto de lacunas dentro das pesquisas acadêmicas, sua participação neste contribuirá com o desenvolvimento da

Rubricas:  
Participante da Pesquisa ou responsável legal \_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_  
Orientador \_\_\_\_\_

temática, servindo inclusive como um provável referencial para trabalhos posteriores, beneficiando sua memória, a memória do basquetebol na cidade do Rio Grande e a memória da própria cidade.

- l) Para evitar possíveis constrangimentos e/ou incômodos, você poderá comunicar ao pesquisador antecipadamente ou no decorrer da entrevista temas dos quais prefere não abordar, sem que isso afete o natural andamento da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.
- m) Você poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelo pesquisador.
- n) Autorizo, portanto, através deste a utilização das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentações em eventos, etc.). Aceito que o pesquisador mantenha as informações por mim fornecidas sob custódia, e acorde desde já com o pesquisador que em caso de uma nova pesquisa ou interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante minha autorização formal.

Rubricas:  
Participante da Pesquisa ou responsável legal \_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_  
Orientador \_\_\_\_\_

Eu \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

Mateus Trevisan França (pesquisador)

Rio Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_

Rubricas:  
Participante da Pesquisa ou responsável legal \_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_  
Orientador \_\_\_\_\_